



DOCÊNCIA UNIVERSITÁRIA

desafios e tendências na educação a distância

Organizadores

Amanda Ramalho Vasques

Everson Mückenberger



Centro Universitário Adventista de São Paulo

Fundado em 1915 — www.unasp.edu.br

Missão: Educar no contexto dos valores bíblicos para um viver pleno e para a excelência no serviço a Deus e à humanidade.

Visão: Ser uma instituição educacional reconhecida pela excelência nos serviços prestados, pelos seus elevados padrões éticos e pela qualidade pessoal e profissional de seus egressos.

Administração da Entidade Mantenedora (IAE)	Diretor Presidente: Domingos José de Souza Diretor Administrativo: Elnio Álvares de Freitas Diretor Secretário: Emmanuel Oliveira Guimarães Diretor Deptº de Educação: Antonio Marcos Alves
Administração Geral do Unasp	Chanceler: Euler Pereira Bahia Reitor: Martin Kuhn Pró-Reitora de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão: Tânia Denise Kuntze Pró-Reitora de Graduação: Afonso Ligório Cardoso Pró-Reitor Administrativo: Andrenilson Marques Moraes Pró-Reitor de Relações, Promoção e Desenvolvimento Institucional: Allan Novaes Secretário Geral: Marcelo Franca Alves Diretor de Desenvolvimento Espiritual: Jael Enéas de Araújo
Faculdade Adventista de Teologia	Diretor: Reinaldo Wesceslau Siqueira Coordenador de Pós-Graduação: Vanderlei Dorneles Coordenador de Graduação: Ozeas Caldas Moura
Campus Engenheiro Coelho	Diretor Geral: José Paulo Martini Diretor Administrativo: Elizeu José de Sousa Diretora de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão: Francisca Pinheiro S. Costa Diretor de Graduação: Francislê Neri de Souza Diretor de Desenvolvimento Espiritual: Edson Romero Marques Diretor de Desenvolvimento Estudantil: Rui Manuel Mendonça Lopes
Campus Hortolândia	Diretor Geral: Lélío Maximino Lellis Diretor Administrativo: Claudio Knoener Diretora de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão: Eli Andrade da Rocha Prates Diretor de Graduação: Suzete Araújo Águas Maia Diretor de Desenvolvimento Espiritual: Jael Enéas de Araújo Diretor de Desenvolvimento Estudantil: David Prates dos Reis
Campus São Paulo	Diretor Geral: Douglas Jeferson Menslin Diretor Administrativo: Denilson Paroschi Cordeiro Diretora de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão: Maristela Santini Martins Diretor de Graduação: Sílvia Cristina de Oliveira Quadros Diretor de Desenvolvimento Espiritual: Antonio Braga de Moura Filho Diretor de Desenvolvimento Estudantil: Ricardo Bertazzo
Campus Virtual	Diretor Geral: Ivan Albuquerque de Almeida Gerente Acadêmico: Everson Muckenberger Gerente de Desenvolvimento Institucional: Sâmela de Carvalho Lima Gerente de Processos: Valcenir do Vale Costa Coordenador Geral de Polos: Evaldo Zorzim

UNASPRESS

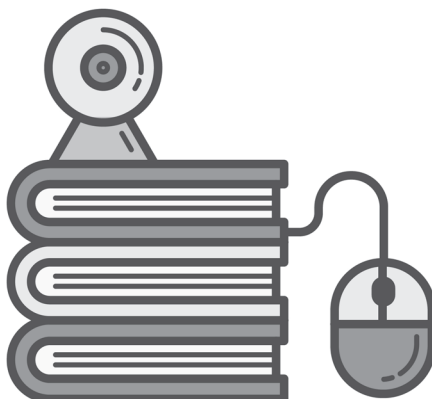
Imprensa Universitária Adventista

Editor: Rodrigo Follis

Conselho Editorial: José Paulo Martini, Afonso Cardoso, Elizeu de Sousa, Francisca Costa, Adolfo Suárez, Emilson dos Reis, Rodrigo Follis, Ozeas C. Moura, Betania Lopes, Martin Kuhn

A Unaspres está sediada no Unasp, campus Engenheiro Coelho, SP.

Série *Pós-Graduação* 14



DOCÊNCIA UNIVERSITÁRIA

desafios e tendências na educação a distância

Organizadora
Amanda Ramalho Vasques
Everson Mückenberger

1ª Edição 2017

UNASPRESS

Imprensa Universitária Adventista

UNASPRESS

Imprensa Universitária Adventista

Caixa Postal 11 — Unasp
Engenheiro Coelho-SP 13.165-000
(19) 3858-9055

www.unaspstore.com.br

Docência universitária: desafios e tendências
na educação a distância
1ª edição — 2017
e-book

Editoração: Rodrigo Follis, Felipe Carmo
Revisão: Mauren Fernandes, Thiago Basílio
Normatização: Giulia Pradela, Vinicius Aguiar
Programação visual: Fábio Roberto

Dados Internacionais da Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Docência universitária : desafios e tendências na educação a distância / Amanda Ramalho Vasques, Everson Mückenberger, organizadores. – Engenheiro Coelho, SP : Unaspres - Imprensa Universitária Adventista, 2017.

ISBN: 978-85-8463-099-8

Bibliografia.

1. Educação 2. Educação - Filosofia 3. Educação - Estudo e ensino

14-10646

CDD-268.07

Índices para catálogo sistemático:

1. Estudo e ensino 268.07

011819_2018

Editora associada:

 Associação Brasileira
das Editoras Universitárias



Todos os direitos reservados para a Unaspres - Imprensa Universitária Adventista.
Proibida a reprodução por quaisquer meios, *sem prévia autorização escrita da editora*,
salvo em breves citações, com indicação da fonte.

Sumário

- 9 Introdução
- 11 A docência no ensino superior e as leis educacionais
Aline Juliana de Oliveira Mario
Higo Nasser S. Moreira
- 23 O ensino superior e a educação em direitos humanos: da graduação à escola
Andressa Jackeline de Oliveira Mario e Palva
Margarete Rampinelli Knopp Quiroga
- 35 A importância da metodologia científica para estudantes universitários
Antonio Marcos Bezerra
Higo Nasser Santanna Moreira
- 47 A avaliação em cursos de pós-graduação a distância: o real e o necessário
Danielle Dias Bandeira Ferreira
Francemir José Lopes
- 59 Uma reflexão a partir da descoberta da incorporação tecnológica na prática escolar
Débora de Lima Barros
Helder de Melo Moraes

- 73 Docência na Educação Adventista
Elisângela Costa Meneses
Haller Elinar Stach Schunemann
- 87 Ressignificação do estudo da história - metodologia de ensino
Isaiás Araújo da Silva
Valéria Mendes Fasolato
- 101 Em busca de uma educação integral
Manoel Caligares de Oliveira
Haller Elinar Stach Schunemann
- 113 A afetividade do professor e sua importância no processo ensino-aprendizagem
Maria Luísa de Carvalho Araújo da Silva
Jussara Azevedo Silva de Oliveira
- 127 A interação na educação a distância — a necessidade de preparo do docente.
Mariano Brum Alves
Amaury César Ferreira
- 141 A docência do fisioterapeuta no Brasil — revisão bibliográfica
Mariucha Souza de Oliveira Ruis
Lucas Côrtes Machado Agostini
- 153 A competência técnica como um diferencial na docência no ensino superior
Marlon dos Reis Lopes
Jussara Azevedo Silva de Oliveira

165 A relevância do ensino religioso
nos cursos de graduação do Unasp

Rafael de Souza Accorsi
Haller Elinar Stach Schunemann

177 A adoção da computação
em nuvens por bibliotecas

Raniere Nunes da Silva
Elenciria Oliveira da Cruz

191 Docência universitária:
o professor na contemporaneidade

Roseclair Albuquerque Quintino
Valeria Mendes Fasolato

205 O papel restaurador da educação e suas
implicações no desenvolvimento humano

Teima Maria da Silva Costa
Amaury César Ferreira

219 Concepções da psicologia
escolar no ensino superior

Vanessa Edisandra da Silva Costa Araujo
Raquel do Amaral Rangel

229 O ensino jurídico na educação básica

Wellington Silva de Lima
Elenciria Oliveira da Cruz

239 A concepção epistemológica
freireana no programa BB educar

Willian Costa Araujo
Elenciria Oliveira da Cruz

251 A necessidade de um conhecimento didático na docência universitária

Yasser Uris Vasconcelos e Paiva

Francemir José Lopes

Introdução

O presente e-book reúne os artigos que foram elaborados pelos alunos do curso de pós-graduação em Docência Universitária, da turma de maio de 2015, como requisito para a conclusão do mesmo.

O Unasp Campus Virtual estabeleceu o formato de artigo científico para os Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC), visando a análise bibliográfica e documental de temas estudados em doze disciplinas que discutem a Docência Universitária e que envolvem a Metodologia de Pesquisa, Planejamento Educacional, Tecnologias e Recursos Pedagógicos, Direito Educacional, Avaliação no ensino superior, Docência Online, entre outros.

Tais artigos fazem parte, portanto, da produção acadêmica de alunos com as mais diversas formações e que buscam o aperfeiçoamento nas questões teóricas e práticas que permeiam as metodologias acerca do processo de ensino-aprendizagem em âmbito universitário.

A escolha do tema é definida pelo pós-graduando e o processo de levantamento bibliográfico, análise documental, desenvolvimento

e escrita científica é realizado sob a orientação de um professor – caracterizado como o segundo autor de cada artigo.

Durante a leitura, os diferentes aspectos e temas relacionados à docência universitária aparecem como tônica de um processo educacional em curso, em seus múltiplos aspectos, em nuances acadêmicas, políticas, sociais, históricas e tecnológicas, que despertaram o interesse de alunos e professores desejosos de compreender as especificidades da prática pedagógica – o ensinar e aprender.

A divulgação destes trabalhos objetiva fomentar o compartilhamento das ideias, reflexões e análises produzidas como uma contribuição às diversas experiências coletadas e reunidas para que os docentes possam estar atentos às mudanças no campo educacional. Tais mudanças exigem uma constante atualização, aperfeiçoamento e especialização por parte daqueles que almejam ser professores pautados no aprendizado significativo, não apenas de conteúdos – mas permeados de experiências vividas nos diversos campos do saber.

É nosso desejo que as produções que compõem este livro sejam lidas e relidas, reforçando o interesse na prática pedagógica e servindo de estímulo para os alunos que ainda irão passar por este processo. O conhecimento não se finda nem se resume, pelo contrário, ele amplia seus horizontes e traz novas inquietações para serem analisadas e desbravadas.

Prof.^a Dra. Amanda Ramalho Vasques
Coordenadora dos cursos de pós-graduação em Educação
Unasp Campus Virtual

A docência no ensino superior e as leis educacionais

Aline Juliana de Oliveira Mario¹

Higo Nasser S. Moreira²

Resumo: Muitas são as mudanças pelas quais o mundo tem passado e, na área educacional, isto se reflete de várias formas, ou seja, tanto na prática, quanto na legislação. Por vezes ocorre um descompasso entre a formulação de leis e as práticas educacionais, como a educação a distância, que tem adotado práticas que ainda não foram tratadas legalmente, mas após algum tempo, surge a lei específica e, por isso, ambas acabam se sincronizando. No ensino superior não ocorre diferente. No presente artigo, buscamos verificar o que a legislação fala

.....
¹ Pós-graduanda do Centro Universitário Adventista de São Paulo. Bacharel em Direito. E-mail: aline-jom7@gmail.com

² Química II - Instituto Federal de Educação Tecnológica do Espírito Santo (IFES). E-mail: higo.nasser@hotmail.com

sobre a formação de professores para atuarem no ensino superior. O objetivo deste artigo é verificar na legislação, ou seja, na Constituição Federal, assim como na LDB 9394/96, e na Lei 11.892, para buscar o que se encontra sobre o ensino superior e a docência. A metodologia utilizada é a pesquisa documental e bibliográfica, focando principalmente a legislação. Conclui-se no presente enfoque que, a legislação já discorre de forma bem específica sobre a formação de professores para a atuação em nível superior, dando as diretrizes necessárias as instituições de ensino superior, para tal ofício.

Palavras-chave: Formação docente; Ensino superior; Legislação.

Abstract: Many are the changes that the world has passed and, in education, this is reflected in many ways, ie both in practice and in law. Sometimes there is a mismatch between the formulation of laws and educational practices, such as distance education, who has adopted practices that have not been treated legally, but after some time, there is the specific law, so both end up syncing . In Higher Education is no different. In this article, we seek to ascertain what the law says about the training of teachers for aturem in Higher Education. The purpose of this article is to verify the legislation, ie in the Federal Constitution and the LDB 9394/96, and Law 11,892, to seek what is on this subject. The methodology used is the documentary and bibliographical research, mainly focusing on the legislation. It is concluded in this approach that the legislation already talks of very specific way on the training of teachers

for performance at a higher level, giving the necessary guidelines the institutions of higher education, for this office.

Keywords: Teacher training; Higher education; Legislation.

Introdução

Quando se fala em qualidade na educação logo se pensa nos programas de ensino e estruturas pedagógicas dos cursos de graduação, já que a maioria das pessoas que chega a cursar a faculdade, para a carreira estudantil neste nível de ensino, e algumas vezes, o motivo alegado para o abandono do curso, é a má qualidade. Em decorrência do foco que é dado aos programas de ensino e também aos professores que atuam no ensino superior, aqui chamados de docentes universitários ou docentes do ensino superior, é que encontramos a necessidade de verificar o que a legislação brasileira define sobre este tema e se de fato ela atende as demandas e a realidade do ensino superior no Brasil.

A formação de docentes universitários nas várias áreas do conhecimento é uma necessidade corrente no Brasil, principalmente nos locais distantes dos grandes centros.

A realidade encontrada hoje no país mostra-nos que muitos dos nossos professores, na verdade, tinham apenas a formação específica de suas áreas de conhecimento, mas não, a formação didático-pedagógica, da qual entende-se haver interesse da Capes, para que se consiga um certo grau de qualidade no ensino superior. Desta forma passaremos

a buscar na legislação, os apontamentos que tratam das questões que afetam a formação de docentes universitários, e o que se diz sobre o exercício desta profissão, tão relevante para o desenvolvimento pessoal e social, bem como para o desenvolvimento econômico do país.

A educação superior na Constituição Federal Brasileira

14 A Constituição Federal Brasileira, no capítulo III, “Da Educação, Da Cultura e Do Desporto”, trata da área educacional nos artigos 205 ao 214. Tomando-a como ponto de partida, encontramos no Art. 205: “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. Em um primeiro momento, a própria Constituição Federal estabelece o que se pretende para todo aquele que será educado, destacando-se “[...] seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. Desde sua promulgação, há uma preocupação relacionada à formação para o trabalho, o que ressalta o papel chave da educação como mecanismo essencial de geração de conhecimento, tecnologia e desenvolvimento do país.

Já no Art. 208, inciso V, encontramos o dever/compromisso em oferecer o Ensino em Nível Superior: “Art. 208 O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de: V - acesso aos níveis mais elevados do ensino, da pesquisa e da criação artística, segundo a capacidade de

cada um”. Ao verificar este inciso, pode-se compreender o dever do Estado em oferecer aos cidadãos condições de acesso ao ensino superior e mais, refere-se também à pesquisa. Tal fato garante respaldo legal para a abertura e desenvolvimento dos cursos de pós-graduação no país, para as mais diversas áreas do conhecimento, o que inclui a docência universitária. Em uma análise mais profunda, no tocante ao entendimento de que somente o governo não seria capaz de atender toda demanda de acesso ao ensino superior no país, abre-se também a possibilidade do fornecimento do acesso ao ensino superior por parte da iniciativa privada.

Art. 209 O ensino é livre à iniciativa privada, atendidas as seguintes condições:

I - cumprimento das normas gerais da educação nacional;

II - autorização e avaliação de qualidade pelo poder público.

15

Assim, desde que se cumpram os requisitos acima afirmados, além do Estado, as instituições que desejarem e tiverem competência para tal, conforme a Lei 9.394 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) podem também oferecer comercialmente o ensino.

Após tratar do direcionamento econômico dos recursos públicos para a Educação, a Constituição encerra este tema, tratando de um plano nacional, que deve ser considerado e seguido para o exercício educacional no país. Segundo a Constituição Federal,

Art. 214 A lei estabelecerá o plano nacional de educação, de duração plurianual, visando à articulação e ao desenvolvimento do ensino em seus diversos níveis e à integração das ações do poder público que conduzam à: I - erradicação do analfabetismo;

- II - universalização do atendimento escolar;
- III - melhoria da qualidade do ensino;
- IV - formação para o trabalho;
- V - promoção humanística, científica e tecnológica do país.

No artigo 214 da Constituição Federal, podemos verificar a referência legal sobre a melhoria na qualidade do ensino e a formação para o trabalho. Ambos os pontos são de fundamental importância para a docência no ensino superior, pois à princípio, a qualidade da formação dos docentes terá grande impacto sobre a qualidade da formação dos alunos que, por sua vez, devem responder de forma satisfatória, dentro do projeto de desenvolvimento do país através da educação, aos conhecimentos que lhes são ministrados.

16

Lei 9.394: A lei de diretrizes e bases da educação brasileira

Da Constituição Federal brasileira, o foco do presente estudo agora se dirige à Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 20 de dezembro de 1996 (LDB 9.394/96), que busca regulamentar de forma mais específica os assuntos e pormenores da educação brasileira em seus diferentes níveis de ensino.

No tocante à LDB 9.394/96, entre os artigos 43 e 57, são dispostas várias diretrizes específicas sobre os vários níveis do ensino superior, desde a graduação até os cursos de pós-graduação lato-sensu e stricto-sensu. De forma mais específica, o artigo 44, inciso III, dispõe especificamente sobre os cursos que se prestam a formação de docentes universitários, ou seja, os mestrados e doutorados.

Art. 44. A educação superior abrangerá os seguintes cursos e programas: (Regulamento)

I - cursos sequenciais por campo de saber, de diferentes níveis de abrangência, abertos a candidatos que atendam aos requisitos estabelecidos pelas instituições de ensino, desde que tenham concluído o ensino médio ou equivalente (Redação dada pela Lei nº 11.632, de 2007).

II - de graduação, abertos a candidatos que tenham concluído o ensino médio ou equivalente e tenham sido classificados em processo seletivo;

III - de pós-graduação, compreendendo programas de mestrado e doutorado, cursos de especialização, aperfeiçoamento e outros, abertos a candidatos diplomados em cursos de graduação e que atendam às exigências das instituições de ensino;

IV - de extensão, abertos a candidatos que atendam aos requisitos estabelecidos em cada caso pelas instituições de ensino.

17

Outro ponto importante da LDB encontra-se no Artigo 52, que prevê a necessidade do nível de formação necessário que o profissional deve possuir para a atuação em docência no ensino superior no Brasil.

Art. 52. As universidades são instituições pluridisciplinares de formação dos quadros profissionais de nível superior, de pesquisa, de extensão e de domínio e cultivo do saber humano, que se caracterizam por: (Regulamento) (Regulamento)

I - produção intelectual institucionalizada mediante o estudo sistemático dos temas e problemas mais relevantes, tanto do ponto de vista científico e cultural, quanto regional e nacional;

II - um terço do corpo docente, pelo menos, com titulação acadêmica de mestrado ou doutorado;

III - um terço do corpo docente em regime de tempo integral.

Encontramos no inciso segundo, uma indicação de no mínimo um terço do corpo docente, possuir titulação acadêmica de mestrado ou doutorado. Porém quando nos direcionamos para os instrumentos de avaliação das Instituições de ensino superior (IES), percebemos que se elas desejam ter melhor pontuação, o percentual de docentes com mestrado e doutorado, devem ser maiores, levando assim, as IES a exigirem cada vez mais, uma maior titulação de seus docentes.

A Lei 11.892 Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica

Em 29 de dezembro de 2008, por meio da Lei 11.892, é instituída a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, que visava oferecer certificação de competências profissionais, conforme aborda o § 2º do Art. 2º.

Esta Lei buscava regulamentar a criação e funcionamento de Institutos Federais. Em seu Art. 7º do inciso I ao V, apresentam-se os objetivos desta lei que envolve a educação básica e de nível médio, que são oferecer cursos de educação profissional de nível médio, cursos de formação inicial e continuada de trabalhadores, realizar pesquisas nas áreas tecnológicas e desenvolver atividades

de extensão. No Art. 7º da Lei 11,892/2008, no inciso VI, alíneas ‘a’ até ‘e’, apresentam-se os objetivos referentes ao ensino superior, que envolvem o oferecimento de cursos superiores de tecnologia, licenciaturas, bacharelados de cursos de pós-graduação.

Com esta lei, amplia-se ainda mais o mercado de trabalho para aqueles que desejavam atuar na carreira da docência no ensino superior.

A formação para a docência universitária no Brasil

Segundo Kuenzer (2005, p. 1345) e Lüdke (2005, p. 212) até 1960, a grande maioria dos docentes universitários que atuavam nos cursos de graduação brasileiros ou eram estrangeiros, geralmente europeus (franceses, portugueses, italianos) que vinham para o Brasil, à convite das poucas faculdades até então existentes, ou eram alunos que haviam apresentado alto desempenho, os eram enviados, por meio da instituição ensino superior interessada, para instituições de ensino superior (BALBACHEVSKY, 2005, p. 279).

Nestas instituições, a formação do estudante prodígio era validada como pós-graduação — *stricto sensu*, com habilitação tanto para serem pesquisadores, quanto para serem professores nos cursos de ensino superior. Porém, após algum tempo, o número de instituições de ensino no país sofreu um grande aumento e, dessa forma, o preparo dos docentes para atuação no ensino superior se tornou uma grande necessidade no Brasil. A partir deste momento, surgem

as primeiras discussões sobre a criação de cursos de formação de docentes universitários no país.

Por volta do ano de 1965, tem-se início o primeiro programa de pós-graduação em Educação no Brasil, na PUC do Rio de Janeiro, sendo este o primeiro curso de pós-graduação *strictu sensu* em nível de mestrado no Brasil. (ALVES; OLIVEIRA, 2014, p. 360).

Segundo Saviani (2000) após cinco anos, surge o primeiro curso de Mestrado em Educação na iniciativa pública, o Programa de Mestrado em Currículo da Universidade Federal de Santa Maria, no Rio Grande do Sul. Este programa foi criado com o objetivo de atender não somente ao Brasil, mas a toda a América Latina. Somente em 1976 surge o primeiro Programa de Doutorado em Educação no Brasil, resultado da iniciativa privada e pública, iniciando-se tanto na PUC-RJ quanto na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Assim, pode-se observar de forma breve a evolução dos cursos pós-graduação para docência universitária no Brasil. A expansão e popularização do acesso a estes cursos constituem passos importantes para a formação de profissionais legalmente capacitados para a atuação em docência nas instituições de ensino superior no país.

20

Considerações finais

A legislação nacional prevê a necessidade de formação específica para a atuação em docência no ensino superior. Neste sentido, visando a atuação profissional em docência universitária, torna-se

necessário buscar a formação mínima em cursos de pós-graduação *lato-sensu*, por meio das especializações, MBA's ou pós-graduação *strictu sensu* (mestrado e doutorado). Assim como aprofundando-se por meio de programas de mestrado e doutorado. Desta forma, conforme apregoa a Constituição Federal Brasileira, assim como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação nº 9,394/96, a formação necessária a atuação em docência no ensino superior é atendida.

Referências

ALVES, M. F.; OLIVEIRA, J. F. Pós-graduação no Brasil: do regime militar aos dias atuais. **RBPAE**, v. 30, n. 2. p. 351-376, mai./ago. 2014.

BALBACHEVSKY, E. **A Pós-Graduação no Brasil**: novos desafios para uma política bem-sucedida. 2005. Disponível em: <<http://bit.ly/2rOMEsU>>. Acesso em: 06 mar. 2016.

KUENZER, A. Z. Temas e Tramas na Pós-Graduação em Educação. **Revista Educação e Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 93, p. 1341-1362, Set./Dez.2005. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 06 mar. 2016.

LÜDKE, M. Influências Cruzadas na Constituição e na Expansão do Sistema de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, n. 30, set.-dez., p. 117-123, 2005.

SANTOS, C. M. Tradições e Contradições da Pós-graduação no Brasil. **Revista Educação e Sociedade**, Campinas, v. 24, n. 83, p. 627-641, agosto 2003. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 06 mar. 2016.

SAVIANI, D. A pós-graduação em Educação no Brasil: trajetória, situação atual e perspectivas. **Revista Diálogo Educacional**, v. 1, n. 1, enero-junio, p. 1-19, 2000.

O ensino superior e a educação em direitos humanos: da graduação à escola

Andressa Jackeline de Oliveira Mario e Paiva¹

Margarete Rampinelli Knopp Quiroga²

Resumo: O ensino superior brasileiro tem passado por diversas mudanças e, no presente artigo, tem-se o objetivo de abordar uma lei que diz que, em todos os níveis de ensino, incluindo o ensino superior, deve-se tratar o tema Direitos Humanos em variadas formas e períodos do curso. O percurso metodológico adotado foi a pesquisa documental, que se baseia na leitura e interpretação da lei à luz de alguns autores que refletem sobre ela. Concluímos tal investigação

.....
¹ Pós-graduanda do Centro Universitário Adventista de São Paulo. Gestora Universitária. E-mail: andressaravem@hotmail.com.

² Coordenadora de Pós-graduação em Educação do Unasp-Virtual. E-mail: margaretek-nopp@yahoo.com.br

tendo entendido que, em todos os cursos de ensino superior, será obrigatório o trabalho com a temática de Direitos Humanos numa prática que reflita a documentação institucional.

Palavras-chave: Ensino Superior; Direitos Humanos; Lei.

Abstract: The Brazilian higher education has undergone several changes and in this article, we aim to address a law that at all educational levels, including higher education, should be treated the theme Human Rights in various forms and periods stroke. The methodological approach adopted was documentary research, which is based on the reading and interpretation of the law, the light of some authors who reflect on it. We conclude this investigation, having understood that in all higher education courses, work will be required with the theme of Human Rights, a practice that reflects the institutional documentation.

Keywords: higher education; Human rights; Law.

Introdução

Segundo consta em registros de documentação da Unesco, a educação superior no Brasil tem seu início influenciado pela cultura portuguesa. Difere-se, porém, do contexto latino-americano, em geral, em relação às suas origens e características. Desta forma, o Brasil Colônia, no qual os jesuítas eram os responsáveis pela educação nos

colégios reais junto aos filhos da classe dominante, foi evoluindo e sentindo novas necessidades.

Assim, somente no início do século 19, começaram a criar instituições de ensino superior no Brasil localizadas em importantes cidades, cujos cursos funcionavam nas faculdades de medicina, engenharia e direito. Caracterizadas por uma educação elitista³, essas Faculdades eram independentes umas das outras. Ao analisar, de forma geral, o modelo de Instituição de ensino superior (IES) que se configurava, já era possível perceber as características iniciais do jogo de poder que envolveria toda a trajetória histórico-político-social das IES no Brasil⁴.

Entre os diferentes modelos de instituições de ensino superior, a universidade ocupa lugar de destaque no presente artigo, com suas características e aspectos distintos e peculiares ao seu campo de atuação na educação, participando de uma incrível obra ou missão: a transformação do ser humano, isto é, do cidadão. Assim, o presente artigo encerra sua pretensão dentro dos limites das universidades, como ponto de partida e cenário principal, e estende seu desfecho à escola, com enfoque no ensino médio, ao propor ações de fundo moral enquanto formação, unindo-se os dois cenários em torno da Educação em Direitos Humanos (EDH). O objetivo deste artigo gera o seguinte problema: Como podem ser geridos projetos sobre a EDH no ensino superior, por meio de parcerias entre universidade e escola, para a formação discente?

³ Estas primeiras faculdades baseavam-se no modelo das “Grandes Escolas Francesas, instituições seculares mais voltadas ao ensino do que a pesquisa” (OLIVEN, 2002, p. 32).

⁴ A estrutura de poder e a organização didática eram baseadas em cátedras vitalícias: “o catedrático, ‘lente proprietário’, era aquele que dominava um campo de saber, escolhia seus assistentes e permanecia no topo da hierarquia acadêmica durante toda sua vida” (OLIVEN, 2002, p. 32).

O artigo tem como principal objetivo propor formas de Gestão de Projetos Educacionais sobre a EDH voltadas aos ensinos superiores em parceria com escolas de ensino médio, como possível alternativa de política pública a ser implementada para o atendimento da Resolução CNE/CP 1/2012. De forma mais específica, objetiva-se: analisar as exigências e parâmetros de conduta educacional estabelecidas na Resolução CNE/CP 1/2012; apresentar um projeto voltado ao atendimento da EDH para o ensino superior, com base na realidade da IES pesquisada; desenvolver propostas de parcerias entre universidade e escolas para complementação na formação discente.

Contribuir na produção e divulgação de novos conhecimentos sobre EDH no ensino superior, bem como colaborar com formação de alunos do ensino médio e superior, a fim de possibilitar uma passagem consciente e tranquila, da minoridade para a maioridade, a qual ocorre justamente entre esses dois níveis de ensino.

26

A Resolução CNE/CP Nº1/2012

Quando, em 31 de maio de 2012, foi publicada a Resolução CNE/CP, nº 1, instaura-se uma nova fase de adaptação legal às práticas educativas em todas as instâncias educacionais brasileiras, ou seja, da educação infantil ao ensino superior, em suas várias apresentações.

Ao pensar no papel formador da educação obtida na universidade e a abrangência que tal instituição representa, procuramos fazer um recorte nessa nova legislação a ser cumprida pelas instituições educacionais,

conforme está disposto no Art. 1º: “A presente Resolução estabelece as Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos (EDH) a serem observadas pelos sistemas de ensino e suas instituições”.

A Resolução CNE/CP 1/2012, a qual passaremos a assim nos referir, ressalta que a EDH é um dos eixos fundamentais do direito à educação, no Art. 2º, que, em seu § 2º aponta a questão do dever institucional:

Aos sistemas de ensino e suas instituições cabe a efetivação da Educação em Direitos Humanos, implicando a adoção sistemática dessas diretrizes por todos(as) os(as) envolvidos(as) nos processos educacionais.

Mais adiante, no Art. 4º, a resolução expande suas explicações, colocando a EDH como um processo sistemático e multidimensional a ser praticado pelas instituições. A mesma resolução diz ainda que a EDH deve ser contemplada nos Projetos Políticos Pedagógicos (PPP), nos Regimentos Escolares, nos Planos de Desenvolvimento Institucionais (PDI), nos Projetos Pedagógicos de Curso (PPC), nos materiais didáticos institucionais, nos modelos de ensino, pesquisa e extensão, de gestão e assim por diante.

O objetivo dessa Resolução é de atender à ordem explicitamente documentada nos Art. 10, 11 e 12, que diz:

Art. 10. Os sistemas de ensino e as instituições de pesquisa deverão fomentar e divulgar estudos e experiências bem sucedidas realizados na área dos Direitos Humanos e da Educação em Direitos Humanos.

Art. 11. Os sistemas de ensino deverão criar políticas de produção de materiais didáticos e paradidáticos, tendo como princípios orientadores os Direitos Humanos e, por extensão, a Educação em Direitos Humanos. Art. 12. As Instituições de Educação Superior estimularão ações de extensão voltadas para a promoção de Direitos Humanos, em diálogo com os segmentos sociais em situação de exclusão social e violação de direitos, assim como com os movimentos sociais e a gestão pública.

São bem claras as informações contidas nesse documento, porém, ao fazer um breve estudo sobre essa temática, foi possível constatar que, sobre tal demanda educacional, pouco ou, na verdade, quase nada se tem a respeito. É conhecido de todos que, quando ocorre uma nova determinação legal, normalmente há um prazo de adaptação para o início de sua vigência, porém, no caso, não é o que ocorre. Suas determinações entram em vigência a partir de sua publicação, mas, apesar disto, percebe-se uma morosidade ou mesmo uma nulidade institucional por parte dos níveis educacionais a praticar as determinações.

28

Em setembro de 2015, o atendimento a essa resolução passou a fazer parte dos instrumentos de avaliação de cursos de graduação do MEC. Possivelmente, apenas as instituições que têm cursos de graduação sendo avaliados estejam tendo condições de perceber o espaço que esse tema passa a ocupar em tais avaliações e em seus resultados. Por trabalhar de perto com o preenchimento de formulários do MEC, pudemos constatar tal fato.

Em caráter conscientemente emergencial, propomos um meio para tais determinações legais, que propõem um forte trabalho em cima do tema de Direitos Humanos em todos os níveis de ensino.

A visão educacional por nós compartilhada, empresta de Ristoff (1999, p. 201) a seguinte visão:

Orgulhamo-nos quando vemos, ano após ano, nossos estudantes crescendo como cidadãos livres, como profissionais qualificados, ocupando espaços sociais importantes e tornando-se lideranças nas comunidades em que passam a viver. Orgulhamo-nos ao poder vincular as atividades de ensino, pesquisa e extensão ao atendimento médico, dentário, jurídico, psicológico gratuito às populações carentes. Orgulhamo-nos quando vemos a universidade posta a serviço da vida repovoando os rios, mares, os lagos, colocando comunidades inteiras diante de novas alternativas de vida. Orgulhamo-nos quando a universidade resgata o patrimônio cultural dos estados, a sua literatura, a sua arte, a sua história, a sua experiência coletiva e passada, ajudando a definir o que somos e o que queremos ser. Orgulhamo-nos quando a universidade supera as questões paroquiais e corporativas e se engaja na luta maior pela proteção da vida no planeta. Orgulhamo-nos enfim, quando a universidade vive a plenitude do credo que a construiu — a busca da arte, da ciência e da justiça, do belo, do verdadeiro e do justo, percebendo-se como uma instituição criada pela sociedade para que a sociedade possa melhor ajudar-se a si própria.

29

Assim, este artigo busca por essa universidade! Visa buscar meios para concretizar tais ideais e papéis educacionais verbalmente desenhados, pois entendemos que desenvolver a noção prática de Direitos Humanos, nas instituições de ensino superior, ultrapassa o dever legal. Entendendo que toda pesquisa deve gerar melhorias à sociedade, sonhar em traçar e concluir uma larga pista, para uso de

muitos, parece misturar utopia e realidade, porém, aqui, constitui-se também, desafio e motivação. O fato de se saber que pouco tem sido dito e, timidamente, praticado sobre a implementação de práticas sobre a EDH, assim como a sustentabilidade, entre outros temas emergentes, despertam-se olhares sobre novas perspectivas, e, neste caso, sobre os potenciais benefícios individuais e sociais que um trabalho desta natureza pode proporcionar.

Esse é o desejo social deste artigo: contribuir com propostas práticas de possíveis ações a serem implementadas nos cursos de graduação do ensino superior, a fim de gerar condições de atendimento legal à Resolução CNE/CP 1/2012, que, conseqüentemente, vai ajudar a resolver algumas dificuldades institucionais tanto internas quanto externas, além de beneficiar a formação dos alunos de graduação. Este artigo justifica-se cientificamente pela importância da participativa e decisiva figura do ensino superior, principal ator na formação e preparo de futuros profissionais, sejam eles médicos, fisioterapeutas, pedagogos, sociólogos, engenheiros, administradores, juizes, políticos, diplomatas e todos os outros, das mais variadas profissões, o que reflete, incisivamente e acima de tudo, na formação do cidadão.⁵

Desta forma, entende-se que a gestão de projetos educativos no ensino superior reflete, inevitável e nitidamente, nos processos de ensino-aprendizagem, ou seja, no trabalho com os discentes, conseqüentemente, comprometendo sua formação. Muitos fatos sobre o funcionalismo público brasileiro são desvelados na mídia e utilizados

.....
⁵ Na sociedade brasileira, marcada por tantas e tão graves contradições, a questão da relevância social dos temas de pesquisa assume então um caráter de extrema gravidade (SEVERINO, 2002, p. 159).

para denegrir ou promover representações de partidos políticos, focando aspectos de interesse social, e, de forma mais objetiva, a grande massa popular. Com o ensino superior brasileiro, não é diferente.

Cada vez mais, a universidade tem se colocado na mídia para promover seus cursos, revelar sua infraestrutura e demais vantagens que oferece, mas, é público, também, o momento de avaliações pelo qual tem passado. A comunidade científica tem se voltado para essas questões, visto a boa ou má qualificação que têm recebido seus alunos graduados e quão despreparados eles se têm revelado após a conclusão de seus respectivos cursos. Assim, no momento em que o MEC visita cada curso periodicamente a fim de reavaliá-lo, muitas questões são focadas, mas, em especial, a questão de se contemplarem ou não atividades a respeito dos Direitos Humanos. Essa questão tem gerado registros de observações e sanções àquelas instituições que têm negligenciado tal tema.

Desta maneira, propomos parcerias entre universidade e escola com a finalidade de ampliar as possibilidades de atuação institucional, frente a necessidade do atendimento legal proposto na resolução para o exercício pleno da cidadania.

Entendemos que, por exemplo, realizem-se projetos de extensão universitária, nos quais se unam os esforços de um Grupo de Pesquisa em Gestão Educacional e um Grupo de Pesquisa em Direito, nas instituições em que há tais cursos, a fim de se engajarem alunos dos cursos de pedagogia e direito, para trabalharem as questões de direitos e deveres na formação do cidadão. Um projeto piloto foi desenvolvido em uma escola parceira no

município de Artur Nogueira — SP, próximo ao Centro Universitário Adventista de São Paulo - Unasp.

Com base nessa breve, mas significativa experiência, foi possível ver potencial criativo para se elaborar propostas educacionais nas Instituições de Ensino Superior (IES), em parceria com escolas em seus vários níveis, e nesse caso, parceria com escolas de ensino médio. Os relatos referentes a tal projeto de extensão, acima comentado, estão contidos num livro, lançado no dia 09/11/2014, sob nossa organização, no Unasp-EC, local onde trabalhamos, o que ainda mais nos motiva e impulsiona a desenvolver tal proposta.

Considerações finais

32

Ficou claro, em nossa busca, que trabalhar com a temática em Direitos Humanos no ensino superior é agora uma obrigação para as instituições, que, por sua vez, serão avaliadas pelo MEC nesse quesito.

Outro aspecto importante é considerar a possibilidade de se trabalhar o tema em DH por meio da união de grupos de pesquisa, que já atuam nas IES, para que se levem tais temas também para escolas de ensino médio, cumprindo, assim, uma outra missão do ensino superior, que é a de levar os conhecimentos desenvolvidos à comunidade.

Por fim, é fundamental colocar os discentes para serem atuantes nos projetos de extensão das IES, pois esse pode ser um grande caminho para se ensinar na prática.

Referências

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1988.

BRASIL. Lei n.9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Diretrizes e bases da educação nacional**. Disponível em: <<http://bit.ly/2qRTJtn>>. Acesso em: 18 de junho de 2016.

OLIVEN, A. C. Histórico da Educação Superior. In: SOARES, M. S. A. (org.). In: **A educação superior no Brasil**. Brasília: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, 2002.

Resolução CNE/CP 1/2012. Diário Oficial da União, Brasília, 31 de maio de 2012 — Seção 1.

RISTOFF, D. I. Introdução. In: SOBRINHO, J. D.; RISTOFF, D. I. (Org.). **Universidade desconstruída: avaliação institucional e resistência**. Florianópolis, 2000.

A importância da metodologia científica para estudantes universitários

Antonio Marcos Bezerra¹
Higo Nasser Santanna Moreira²

Resumo: O presente artigo tem por objetivo mostrar a importância da disciplina de metodologia científica como ferramenta imprescindível para a construção do conhecimento e para a obtenção de um processo de ensino-aprendizagem eficaz. É através deste processo que os estudantes universitários têm a oportunidade de desenvolver uma leitura e escrita mais eficiente, elaborando textos que apresentam: racionalidade, crítica, reflexão, embasamento científico e que obedecem

.....
¹ Pós-graduando do Centro Universitário Adventista de São Paulo. Bacharel em Ciências Econômicas. E-mail: bezerraeco@gmail.com.

² Atuação: ensino superior — Graduação. Função: Professor de Química no Instituto Federal do Espírito Santo — IFES - Campus Vendas Nova do Imigrante — ES. E-mail: higo.nasser@hotmail.com.

às normas científicas vigentes no meio acadêmico. A metodologia utilizada neste estudo foi a pesquisa exploratório-descritiva que utiliza a bibliografia especializada sobre o tema como fonte de dados.

Palavras-chave: Metodologia científica; Pesquisa; Conhecimento.

Abstract: This article aims to show the importance of scientific methodology of discipline as an indispensable tool for building knowledge and to obtain effective teaching-learning process. It is through this process that college students have the opportunity to develop reading and writing more efficient, producing texts that present: rationality, critical thinking, scientific basis and which comply with current scientific standards in academy. The methodology applied in this study was the exploratory and descriptive research that uses the specialized literature on the topic as a data source.

36

Keywords: Scientific methodology; Search; Knowledge.

Introdução

Nos últimos anos observou-se uma expansão significativa do ensino superior no Brasil, como consequência da implantação de algumas políticas públicas que objetivaram a universalização deste nível de ensino.

Concomitantemente, podemos constatar um grande desenvolvimento e popularização das Tecnologias da Informação e

Comunicação — TICs, destacando-se as audiovisuais. Apesar destes avanços, ainda é pela leitura que o ser humano mais se utiliza para adquirir e transmitir a cultura e conhecimento.

Portanto, este trabalho torna-se relevante, pois almeja conscientizar docentes e discentes a respeito da grande importância da Metodologia Científica. A transmissão dos resultados de uma pesquisa científica se dá por meio de periódicos acadêmicos que obedecem às regras específicas no tocante à escrita.

A Metodologia Científica estuda e disponibiliza os métodos e os instrumentos essenciais para a realização, redação e divulgação de um trabalho de pesquisa, que apresenta: racionalidade, crítica, reflexão, embasamento científico e que obedece às normas científicas vigentes no meio acadêmico.

37

A Metodologia Científica³ como ferramenta imprescindível na construção do conhecimento

Prega-se que vivemos na “sociedade da informação”. Na sociedade pós-moderna, quem detém a informação e a usa a seu favor, também detém o “poder”. De fato, a ideia que tem por trás do termo “sociedade pós-moderna” também está associada ao desenvolvimento e à evolução das Tecnologias da Informação e Comunicação — TICs.

.....
³ Metodologia Científica também pode ser chamada: Metodologia da Pesquisa Científica ou Metodologia do Trabalho Acadêmico.

Porém, torna-se primordial destacar a importância da leitura para o desenvolvimento do ser humano. De acordo com Andrade (2010, p. 3):

Apesar de todo o avanço tecnológico observado na área de comunicações, principalmente audiovisuais, nos últimos tempos, ainda é, fundamentalmente, através da leitura que se realiza o processo de transmissão/aquisição da cultura. Daí a importância capital que se atribui ao ato de ler, enquanto habilidade indispensável, nos cursos de graduação.

38 Durante os últimos anos observou-se uma expansão do ensino superior no Brasil, como resultado de algumas políticas públicas, por exemplo: a criação de novas universidades, novos *campi*, novos cursos e a implantação de cursos superiores pelos institutos federais, na rede pública; e os programas universidade para todos, de financiamento estudantil e Educa Mais Brasil, na rede privada.

Busca-se a universalização do ensino superior, apresentando-se como uma iniciativa positiva e louvável, mas não podemos esquecer a qualidade dos cursos que são oferecidos e, posteriormente, dos profissionais entregues ao mercado.

É consenso entre os professores universitários que uma grande parte dos alunos que acabam de ingressar na universidade são analfabetos funcionais e, portanto, há um aparente paradoxo: alunos que concluíram a educação básica, nesta incluída o ensino médio, sem saber ler. Esse paradoxo pode ser explicado pela postura dos alunos como meros copistas e reprodutores de conhecimento pronto, “é mais fácil copiar” (ANDRADE, 2010).

Para Maria Margarida de Andrade (2010, p. 3) “ler não é uma tarefa tão simples, pois exige uma postura crítica, sistemática, uma disciplina intelectual por parte do leitor e, esses requisitos básicos só podem ser adquiridos através da prática”.

Constata-se que os alunos chegam à universidade apresentando deficiência e qualidade baixa quanto à tarefa de elaboração de trabalhos acadêmicos por terem dificuldades ou por desconhecerem as regras para a realização de tal tarefa. (BRAGA, 2012).

A confecção de um texto científico conforme as normas definidas pela Associação Brasileira de Normas Técnicas - ABNT, não é uma tarefa simples. Tal tipo de escrita requer do aluno uma postura crítica, reflexiva, disciplinada e criativa para a elaboração de um texto de acordo com o rigor e as regras vigentes no meio acadêmico.

Tendo em vista que a missão da universidade está firmada sobre o tripé, ensino, pesquisa e extensão, a disciplina de Metodologia Científica apresenta métodos, ferramentas e regras para a realização e divulgação de pesquisas científicas, servindo como “fio que tece a teia” entre ensino, pesquisa e extensão.

Para os autores Prodanov e Freitas (2013, p. 12, grifo do autor) a metodologia é “a disciplina que ‘estuda os caminhos desse saber’, se entendermos que ‘método’ quer dizer caminho, que ‘logia’ quer dizer estudo e ‘ciência’, que se refere ao próprio saber”.

Faz-se necessário mostrar, de forma sintética, o conceito da classificação dos textos mais utilizados no meio acadêmico, conforme Previdelli e Canonice (2008 apud BRAGA, 2012, grifo nosso): a) projeto de pesquisa é um texto que descreve a pesquisa nos seus aspectos

fundamentais, informações sobre o objeto da pesquisa, hipóteses do estudo, metodologia aplicada, qualificação dos pesquisadores, os custos e os financiadores da pesquisa; b) artigo é uma publicação, podendo ser parte de outro texto maior, com autoria declarada, que apresenta e discute ideias, métodos, técnicas, processos e resultados; c) dissertação é um estudo de natureza reflexiva, que ordena sistematicamente as ideias acerca de um determinado tema; d) ensaio é um estudo formal, discursivo e concludente, que apresenta uma exposição lógica e reflexiva, interpretação e juízo de valor; e) estudo de caso é o registro de uma experiência acadêmica ou profissional de pessoa(s) e/ou entidade(s); f) monografia é um texto acadêmico que aborda um único assunto, um único problema com tratamento específico; g) relatório de pesquisa/estágio é o documento onde deve ser registrado todo o desenvolvimento da pesquisa ou estágio, bem como cada etapa até o término; h) resenha é um texto que apresenta abordagem crítica, mas sem distorcer a ideia original do autor, que pode ser baseado em outro texto qualquer, reportagem, filme etc.; i) Trabalho de Conclusão de Curso - TCC é um trabalho de investigação científica, que apresenta uma natureza crítica, sistemática e que gera conhecimento; e j) tese é um trabalho que precisa ser original apresentando o resultado final de uma investigação científica a respeito de um tema único, inédito e bem delimitado.

Os trabalhos acadêmicos apresentados acima podem e devem ser utilizados como instrumento de avaliação, apresentando vantagens às provas e testes, uma vez que os últimos favorecem as fraudes, a decorar conteúdos e fórmulas para momentos pontuais, enquanto os primeiros desenvolvem a leitura, a reflexão e o senso crítico.

Para Severino (2007, p. 17), no que se refere à metodologia:

apresenta aos estudantes universitários alguns subsídios teóricos e práticos para o enfrentamento das várias tarefas que lhes serão solicitadas ao longo do desenvolvimento do processo ensino/aprendizagem de sua formação acadêmica. Trata-se, pois, de uma iniciação teórico, metodológica e prática ao trabalho científico [...] apresenta diretrizes para o entendimento e a aplicação das atividades lógicas e técnicas relacionadas com a prática científica.

Já para os autores Prodanov e Freitas (2013, p. 12, grifo nosso) a Metodologia Científica tem:

o intuito de facilitar o entendimento e a aplicação das questões que envolvem a elaboração de trabalhos científicos; portanto, pode ser entendida como importante auxiliar no processo de ensino-aprendizagem que os estudantes poderão consultar para suprimir suas dúvidas quanto aos procedimentos, às técnicas e às normas de pesquisa. [...] a disciplina de Metodologia Científica tem uma importância fundamental na formação do aluno e do profissional.

A Metodologia Científica apresenta-se como uma importante ferramenta para a construção do conhecimento e a realização de um processo de ensino aprendizagem eficaz. É uma disciplina iminentemente prática, ao contrário do que pensamos de acordo com o senso comum, contribuindo sobremaneira para o desenvolvimento e formação do aluno transformando-o em um cidadão autônomo, capaz de pensar, criticar, refletir e modificar a sociedade na qual está inserido, buscando uma vida melhor.

De acordo com Pinto (2016, p. 2, grifo nosso) o método:

quando incorporado a uma forma de trabalho ou de pensamento, leva o indivíduo a adquirir hábitos e posturas diante de si mesmo, do outro e do mundo só têm a beneficiar a sua vida profissional quanto social, afetiva, econômica e cultural. [...] numa empresa ou instituição abre caminhos, aponta ou intui soluções, minimiza tempo e gastos, estimula o diálogo entre opiniões contrárias e/ou diferentes, resgata a postura ética, cria o espírito de participação e responsabilidade comuns na solução de problemas, no enfrentamento de desafios e na conquista de metas.

42 Ainda de acordo com a mesma autora, “a disciplina de Metodologia da Pesquisa Científica nas universidades deve ajudar os alunos na experiência de sentirem cidadãos, livres e responsáveis, a administrar suas emoções e exercitar o bom senso e a equidade” (PINTO, 2016, p. 2).

Para Maia (2008, p. 2, grifo nosso), a disciplina de Metodologia Científica é importante tanto no âmbito acadêmico quanto no profissional.

A Metodologia Científica irá abordar as principais regras da produção científica para alunos dos cursos de graduação, fornecendo uma melhor compreensão sobre a natureza e objetivos, podendo auxiliar para melhorar a produtividade dos alunos e a qualidade das suas produções. [...] a importância da disciplina de Metodologia Científica no desenvolvimento técnico, ideológico e científico do aluno de nível superior melhorando a sua produtividade e a qualidade das suas produções.

Muitos dos alunos chegam à universidade habituados a serem reprodutores do conhecimento devido à experiência negativa de aprendizado que tiveram no ensino básico e médio como recebedores passivos de conteúdo. Esse pode ser o principal motivo para apresentarem grande dificuldade em lidar com a disciplina de Metodologia Científica.

Para superar essa dificuldade, a Metodologia do Trabalho Acadêmico disponibiliza algumas ferramentas que trazem os seguintes benefícios:

levar o aluno a comunicar-se de forma correta, inteligível, demonstrando um pensamento estruturado e convincente, através de regras que facilitam e estimulam à prática da leitura, da análise e interpretação de textos e consequentemente a formação de juízo de valor, crítica ou apreciação com argumentação coerente. [...] formação de profissionais capazes de produzir trabalhos fundamentados em pesquisas científicas (BRAGA, 2012, p. 1).

43

Vale ressaltar que a utilização dos conceitos da disciplina Metodologia Científica na produção e apresentação de trabalhos científicos acaba por influenciar o desenvolvimento da reflexão, da compreensão, da capacidade de leitura e interpretação e argumentação dos alunos (MAIA, 2008).

Dessa forma, Pinto (2016, p.1) pontua que a Metodologia Científica é responsável por: i) “resgatar em nossos alunos a capacidade de pensar”; e ii) ensinar aos alunos “a arte da leitura, da análise e interpretação de textos. [...] a fazer”. Na cultura brasileira dá-se o privilégio a universidade como lugar de ensino, de transmissão de conhecimentos. Porém devemos atentar para que a universidade seja priorizada como lugar de produção do conhecimento através da

pesquisa. Não sendo concebível aceitar o processo de transmissão da ciência desvinculado do seu processo de geração (SEVERINO, 2016).

Ainda de acordo com o mesmo autor, tem-se que:

por hipótese que a principal causa intra-muros, do fraco desempenho do processo de ensino/aprendizagem do ensino superior brasileiro parece ser mesmo uma enviesada concepção teórica e uma equivocada postura prática, em decorrência das quais pretende-se lidar com o conhecimento sem construí-lo efetivamente mediante uma atitude sistemática de pesquisa, a ser traduzida e realizada mediante procedimentos apoiados na competência técnico-científica (SEVERINO, 2016, p. 1).

44 Logo, o conhecimento assume a função, por excelência, de ferramenta que o ser humano pode utilizar para construir o sentido de ação tanto individual quanto coletiva. Ele serve como bússola para direcionar o agir do homem. Sendo assim, a educação institucionalizada continua como uma necessidade. Daí a universidade deve ser o lugar de mediação de um projeto educacional, oferecendo este último à sociedade (SEVERINO, 2016).

Dessa forma, o mesmo autor pontua:

O professor precisa da prática da pesquisa para ensinar eficazmente; o aluno precisa dela para aprender eficaz e significativamente; a comunidade precisa da pesquisa para poder dispor de produtos do conhecimento; e a Universidade precisa da pesquisa para ser mediadora da educação. (SEVERINO, 2016, p. 2)

Vale ressaltar que se faz necessária uma discussão ampla sobre a possível implantação da disciplina de Metodologia Científica na

educação básica, bem como a ampliação da carga horária dela no ensino superior, normalmente de duas ou quatro horas semanais, insuficiente diante de sua importância para o processo de construção do conhecimento e para a formação do aluno profissional e civilmente.

Considerações finais

A Metodologia Científica é mais do que uma simples disciplina ou um mero componente curricular, pois, dá ao aluno a oportunidade para o “mergulho no oceano das ideias”, proporcionando o desenvolvimento do pensamento sistemático e racional. Ela contribui para a formação tanto intelectual quanto profissional do aluno, dando subsídios para o controle das emoções e conseqüentemente sua tomada de decisões passa a ser de maneira mais racional a fim de se atingir um resultado mais eficiente.

Essa disciplina disponibiliza os instrumentos para que discentes e docentes possam alcançar um maior aprofundamento na ciência, nas artes e na filosofia, o que, se traduz como objetivo central do ensino e da aprendizagem na Universidade (SEVERINO, 2007).

Por último, sugerimos que haja uma discussão ampla sobre a possível implantação da disciplina de Metodologia Científica na educação básica (incluído o ensino médio) a fim de que os alunos cheguem mais bem preparados a universidade, com uma “mentalidade de pesquisa” formada e madura, e, conseqüentemente, possam aproveitar completamente todos os benefícios que aquela coloca a disposição daqueles.

Referências

ANDRADE, M. M. **Introdução à Metodologia do Trabalho Científico**. 10. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

BRAGA, S. M. R. **A Importância da metodologia do trabalho acadêmico no ensino superior**. Disponível em: <<http://bit.ly/2qQTzVe>> Acesso em: 22 jun. 2016.

MAIA, R. T. A importância da disciplina de metodologia científica no desenvolvimento de produções acadêmicas de qualidade no nível superior. **Revista Urutágu**a, n. 14, 2008.

PINTO, M. J. F. **A metodologia da pesquisa científica como ferramenta na comunicação empresarial**. Disponível em: <<http://bit.ly/2qQYyFo>>. Acesso em: 22 jun. 2016.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas de pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

SEVERINO, A. J. **A prática da metodologia científica no ensino superior e a relevância da pesquisa na aprendizagem universitária**. Disponível: <<http://bit.ly/2q6ZupZ>>. Acesso em: 28 jun. 2016.

A avaliação em cursos de pós-graduação a distância: o real e o necessário

Danielle Dias Bandeira Ferreira¹

Francemir José Lopes²

Resumo: O objetivo deste trabalho foi apresentar a importância da avaliação num curso de pós-graduação a distância, seu processo e o desafio de torná-la útil na educação. A metodologia utilizada foi a bibliográfica exploratória sobre o que é avaliação, e como vem sendo aplicada na educação a distância. Ressaltaremos a necessidade de inovação na maneira de promover a avaliação, pois em tempos de inclusão e inovação pedagógica o mecanismo de avaliação não deve ser apenas pautado em provas, seja

.....
¹ Pós-graduanda do Centro Universitário Adventista de São Paulo Engenheiro Civil. E-mail: danielle.bandeiraferreira@gmail.com.

² ensino superior — Graduação e Pós-graduação. Função: Professor orientador. E-mail: francemirlopes@yahoo.com.br

presencial ou não, com o objetivo de classificar, atribuir uma nota para cada aluno. Avaliar é mais abrangente. Avaliar é também uma reflexão do corpo docente, do seu comportamento e desempenho, na expectativa de ao final do processo de aprendizagem alcançar as mudanças necessárias para melhoria contínua da qualidade educacional e formação do profissional. Para tanto, é primordial que o docente tenha interesse pelo seu ofício, seja atualizado e queira realmente promover educação de qualidade.

Palavras-chave: EaD; avaliação; docência; pós-graduação.

48

Abstract: The objective of this paper was presented the importance of evaluating a course post graduate distance, your process and challenge make it useful in education. The methodology used was the exploratory bibliographic about what is evaluation, and as is being applied in Distance Education. We stress the need for innovation in the way to promote the evaluation, as in inclusion and pedagogical innovation times, the evaluation mechanism should not only be guided by test, in person or not, with the objective of classify, assign a note to each student . Evaluate is more comprehensive. Evaluate is also a teacher of reflection, of his behavior and performance, in expectation of the end of the learning process to achieve the changes necessary to continuous improvement the quality of education and professional qualification. Therefore, it is essential that the teacher has interest in his profession, to be updated, and really wants to promote quality education.

Keywords: EaD; evaluation; teaching; postgraduate.

Introdução

Atualmente a educação a distância tem sido um importante recurso da educação no Brasil, permitindo aos profissionais de diversas áreas se qualificarem e aperfeiçoarem seus conhecimentos.

Os cursos a distância, caracterizados pela flexibilidade de horários, localidade e por vezes, custo acessível, oportunizam a qualificação profissional de jovens e adultos. Contribui assim para a formação de profissionais aptos ao mercado de trabalho.

A flexibilidade na Educação à Distância (EaD), não significa eliminar objetivos, conteúdos e as avaliações, mas diz respeito ao ritmo e condições do aluno para aprender o que é necessário na vida profissional. Deste modo a instituição tem o papel de oferecer ao aluno o respaldo de recursos humanos, com possibilidades de acompanhamento, tutoria e avaliação do aprendizado, independente da localidade onde esteja.

Neste contexto, a avaliação do aprendizado pode ser definida como a aplicação sistemática de procedimentos metodológicos para determinar, a partir dos objetivos propostos e com base em critérios internos e/ou externos à instituição, a efetividade e o impacto das atividades. Compreender a avaliação como um processo dinâmico é fundamental com as realidades onde é aplicada.

Avaliar fundamenta-se na observação de comportamentos, atitudes desempenhos; na expectativa de ao final do processo de aprendizagem alcançar as mudanças necessárias para melhoria contínua da qualidade educacional e formação profissional.

Em decurso disso, faz-se necessário analisarmos através de uma revisão crítica, o que é avaliação e como vem sendo aplicada na educação a distância em questão.

O presente artigo tem como objetivo verificar o que é avaliação, seu processo e o desafio de torná-la útil na educação a distância.

Avaliação na educação a distancia

No livro *Pedagogia Adventista* (2004) é dito que a educação adventista vê a avaliação como um processo essencial para a formação do ser humano. Também, que o ato de avaliar é necessário para que se verifique o processo educacional no qual os alunos foram submetidos. Porém, esse processo de avaliação deve ser feito durante todo o processo metodológico.

50

Na modalidade a distância, com o surgimento da EaD, ampliou-se a possibilidade de se estudar em outros ambientes que não sejam apenas escolares, esse avanço deu ao aluno um pouco mais de autonomia.

De acordo com Peres (2015) no estudo “Educação a Distância: a articulação das tecnologias digitais de informação e comunicação e os estruturantes didáticos”, o aluno é protagonista da construção de seu conhecimento, logo, nesse ambiente não existe a aproximação física de professor/aluno, o aluno passa a fazer seus próprios horários e escolher o ambiente que lhe for favorável para que o estudo aconteça.

Santos (2006) em seu artigo “Avaliação no Ensino a Distância” nos diz que a internet possibilitou que o processo ensino/aprendizagem

não ficasse apenas limitado à sala de aula, mas que ultrapassasse esse limite dando oportunidade ao discente ser aluno de variados cursos em variados ambientes. Para Santos, esta vantagem acarretou também, transformações na forma de avaliar, ou seja, avaliação no ensino a distância, também mudou.

Para Santos (2006), a avaliação deve ser entendida, como uma ação pedagógica necessária para a qualidade do processo ensino-aprendizagem, na função diagnóstica, formativa e somativa.

Avaliação da aprendizagem

Luckesi (2000) compreende avaliação da aprendizagem como um recurso pedagógico útil e necessário para auxiliar cada educador e cada educando na busca e na construção de si mesmo e do seu melhor modo de ser na vida.

Por apresentar uma grande complexidade de fatores, ela não pode ser resumida à simples realização de provas e atribuição de notas. A mensuração apenas fornece dados quantitativos que devem ser apreciados qualitativamente (SANTOS, 2006).

Tavares (2015) amplia mais ainda esse conceito dizendo que:

Assim, a avaliação deve incorporar princípios e valores que deem sustentação ao objetivo maior, que é ajudar o educando a crescer e desenvolver todas as suas potencialidades. Há, portanto, em todo educando um potencial a ser desenvolvido. E, para que haja equilíbrio e harmonia nesse processo de cresci-

mento, é necessário que esteja sustentado por um sistema axiológico capaz de dar sentido a esse crescimento.

Desta forma, passamos a ver o processo de avaliar com outros olhos, podendo assim, atribuir-lhe o valor e o empenho necessário para que seja trabalhado como se deve.

Santos (2006) então esclarece que, a avaliação consiste em coletar e interpretar dados quantitativos e qualitativos de critérios previamente estabelecidos.

Santos cita as palavras de Wrightstone apud Piletti (2001, p. 193-194):

Avaliação é um termo relativamente novo, introduzido para designar um conceito mais compreensivo de medida do que o conceito dado pelos testes e exames convencionais. Isto inclui não apenas o conhecimento da matéria, mas também as atitudes, interesses, ideais, modos de pensar e agir, hábitos de trabalho, bem como adaptação pessoal e social.

52

Fagundes e Schlemmer (2000) no artigo: “Uma proposta para a avaliação de ambientes virtuais de aprendizagem na sociedade em rede”, ressaltam que com a oferta do ensino a distância é possível identificar conflitos em concepções vigentes baseada na longa prática e moldes pedagógicos tradicionais, dentre esses conflitos, o controle e a certificação da aprendizagem dos alunos é uma delas, ou seja, a avaliação sofre com as concepções tradicionalistas, mesmo na educação a distância.

Para que o avanço no ato de avaliar aconteça é necessária uma mudança cultural. Precisamos caminhar de uma cultura do ensino

para uma cultura da aprendizagem. A cultura do ensino serve tanto para avaliar, como critério para testar, comparar e classificar. Por sua vez, na cultura da aprendizagem, a avaliação é como processo e correção de rumos (FAGUNDES, 2000).

Portanto, o educador é o principal responsável para buscar métodos mais eficazes para conseguir melhores resultados. Então, se o profissional entende que o ato de avaliar é dotado de valor, e que este processo dever ser feito durante todo o processo, ele buscará métodos mais eficientes para que este processo deixe de ser apenas quantitativo (PEDAGOGIA ADVENTISTA, 2004). O procedimento avaliativo escolhido pelo professor é a marca de sua postura, é a sua identidade.

Processo da avaliação na EaD

53

Segundo Erbs (2004) a avaliação na educação a distância, ainda está em fase inicial de estudos, pois a própria modalidade presencial vem mudando a sua forma de avaliar o aluno, o professor e a instituição. O autor reitera que a avaliação classificatória está cada vez mais, cedendo espaço para a avaliação da aprendizagem de caráter formativo. A avaliação não está mais a serviço da seleção e da exclusão e sim da aprendizagem e da inclusão.

Portal (2001) nos diz que:

Aprender não depende só de informar bem, mas de estar pronto, maduro, para compreender a real significação que essa informação tem para incorporá-la

vivencial e emocionalmente. Enquanto a informação não fizer parte do contexto pessoal-intelectual e emocional não se tornará verdadeiramente significativa, não será aprendida verdadeiramente. Não vale a pena ensinar dentro de estruturas autoritárias e ensinar de forma autoritária; só podemos educar para a autonomia e para a liberdade com autonomia e liberdade, para tanto, uma das tarefas do educador é educar para uma nova relação no processo de ensinar e de aprender dentro de um contexto comunicacional participativo, interativo e vivencial. A adoção de novas tecnologias dentre elas a de Educação à Distância, vêm provocando mudanças no processo de ensino-aprendizagem, questionando, conseqüentemente, os métodos didáticos convencionais e sua eficiência pedagógica, baseados no uso quase que exclusivo de sala de aula, portanto totalmente síncrona (exigência de presença física e simultânea de professores e alunos) estando a exigir uma redefinição no papel do professor e em sua interação com os alunos.

54

Nesse sentido a avaliação deixa de ser apenas medição, agora é um instrumento para modificação de práticas, de reestruturação de estratégias de aprendizagens, de replanejamento de metas e objetivos (ERBS, 2001). É um processo contínuo e formativo, mesmo com as limitações e desvantagens que comparadas com as vantagens se tornam mínimas, do ensino a distância.

Erbs (2001) em seu artigo “O processo de avaliação na modalidade de Educação a Distância” define o processo da avaliação no ensino a distância em cinco níveis: primeiro, é o acompanhamento do orientador ao processo de estudo realizado pelos alunos, o segundo nível, o aluno é estimulado a acompanhar seu próprio crescimento, usando-se para tal de auto avaliações sistemáticas, o terceiro nível,

são avaliações formais a cada final de módulo, nível quatro, avaliações estruturadas pelo professor de seminários temáticos dados pelo mesmo, e o último nível, é uma síntese avaliativa que deve ser avaliada por profissionais como, orientador pedagógico, orientador acadêmico, professor da equipe pedagógica e coordenador do pólo.

O desafio de torná-la útil

Romiszowski (2004) lembra que o sentido útil da avaliação educacional envolve clara definição de objetivos, critérios básicos e específicos, procedimentos adequados, de forma que o resultado sirva para a melhoria do objeto da avaliação e a tomada de decisões.

A avaliação deve procurar responder a questões centrais para saber se algo é bom, que critérios utilizar para os resultados pretendidos, como ajudar os alunos a determinar se apresentam a postura e função adequada como profissionais em seu ambiente de atuação (ROMISZOWSKI, 2004).

Se a avaliação não alcança esses objetivos, então ela não está cumprindo o papel para o qual foi criada, e não está sendo útil para a melhoria do aluno e tampouco da instituição.

Rocha (2004) contribui dizendo que:

A cada dia, avaliar na educação a distância torna-se mais complexa a reflexão transformadora, diante da riqueza de variáveis que interferem nos processos de planejamento, execução e gestão de resultados decorrentes. Difer-

entamente da avaliação na educação presencial, na EaD o que se observa é a aderência a novos critérios e modalidades, na tentativa de ampliar as potencialidades de apuração da aprendizagem pelos modos formativo, contínuo e somativo, mas sem perder de vista as diferentes formas e espaços de aprendizagem, a pedagogia da conexão e a flexibilidade de escolha de novos métodos, tempos, espaços e parceiros da aprendizagem”.

Muitas avaliações não funcionam porque não mostram utilidade, como no caso da realizada só no final de um projeto. Pode até mostrar resultados, mas não tem influência na melhoria do processo. A rejeição que existe à avaliação acontece porque os alunos não percebem a sua utilidade (ROMISGOWSKI, 2014).

56 A mesma autora Romisgowski (2014), nos fala que os desafios para EaD são grandes, e uma maneira de diminuir os conflitos para a avaliação é estabelecer critérios e esses podem ser: utilidade, que age para a melhoria; viabilidade, tem que ter valor para a melhoria; ética, que age na confiabilidade para enriquecimento de avaliador e avaliados; e precisão, que é a alta qualidade, se os autores envolvidos no processo educacional acreditam nela e na forma de avaliar.

Considerações finais

As reflexões feitas aqui sobre a avaliação da aprendizagem, o processo da avaliação e a sua utilidade, são para ajudar na reflexão sobre a avaliação na educação a distância, incentivar a se tentar novos

caminhos se forem necessários, a serem percorridos, para que a avaliação deixe de ser apenas classificatória e passe a fazer parte do processo educacional, ajudando o aluno a rever sua forma de estudar e na melhoria do processo do qual está trilhando.

Quanto mais rápido forem feitas essas reflexões, mais rapidamente o processo de avaliar pode melhorar, e assim alcançar os objetivos, além disso, deixar de se ter a avaliação como mais uma gaveta separada das demais disciplinas, como algo distante e do qual se deve ter medo. O ensino a distância ampliou a maneira de se estudar e o processo de ensino, e a avaliação deve acompanhar esse avanço. O aluno como sujeito principal também deve estabelecer critérios em seus estudos, objetivos claros e concisos para que assim o estudo seja proveitoso e pertinente. Ele deve ter em mente que profissional almeja ser e utilizar dos pilares da educação para o êxito.

57

Referências

CONFEDERAÇÃO DAS UNIÕES DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA. **Pedagogia Adventista**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2004.

LUCKESI, C. L. O que é mesmo o ato de avaliar? In: **Revista Pátio**, 2000. Disponível em: <<http://bit.ly/2qcZQXU>>. Acesso em: 02 jun. 2016.

PERES, B. B. **Educação a distância**: a articulação das tecnologias digitais de informação e comunicação. Dedalus, 2015 Disponível em: <<http://bit.ly/2q7gaha>>. Acesso em: 01 jun. 2016.

SANTOS, J. F. S. **Avaliação no Ensino a Distância**. Revista Iberoamericana de Educación, 2006. Disponível em: <<http://bit.ly/2rM2ZPF>>. Acesso em: 01 jun. 2016.

SCHLEMMER, E; FAGUNDES, L. Uma proposta para Avaliação de Ambientes virtuais de Aprendizagem na sociedade em rede. In: **XVII Simpósio Brasileiro de Informática na Educação**, 2000. Disponível em: <<http://bit.ly/2qfQaLr>>. Acesso em: 01 jun. 2016.

TAVARES, C. Z. **Apostila de Avaliação no Ensino Superior**. São Paulo: Unasp, 2015.

ROMISZOWSKI, H. P. **Avaliação em educação a Distância: o desafio de fazê-la útil**. Associação Brasileira de Educação a Distância, 2004. Disponível em: <<http://bit.ly/2rwzwcwY>> Acesso em: 11 jul. 2016.

58

ROCHA, E. F. Avaliação na EaD: estamos preparados para avaliar? Associação Brasileira de Educação a Distância. Disponível em: <<http://bit.ly/2q7gPyO>>. Acesso em: 12 jul. 2016.

ERBS, R. T. C. **O processo de avaliação na Modalidade de Educação a Distância**. Associação Brasileira de Educação a Distância. 2004. Disponível em: <<http://bit.ly/2qcuH7f>> Acesso em: 12 jul. 2016.

PORTAL, L.F. Educação a distância: uma opção estratégico-metodológica em busca de espaços de distância ou de relacionamento para a aprendizagem. In: **Congresso Internacional de Tecnologia, Educacion y Desarrollo Sostenible**, 2001. Disponível em: <<http://bit.ly/2qcP1oS>>. Acesso em: 12 jul. 2016

Uma reflexão a partir da descoberta da incorporação tecnológica na prática escolar

Débora de Lima Barros¹

Helder de Melo Moraes²

Resumo: Com o crescimento tecnológico as formas de ensinar precisam ser repensadas para atender as exigências de um público super-conectado. O objetivo deste artigo é abordar no meio acadêmico a questão da ação do docente frente aos avanços tecnológicos deste século, como estratégias eficazes no processo de ensino-aprendizagem. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica sobre a temática. Do estudo realizado fica a concepção de que os docentes estão convivendo com diversas tecnologias em salas de aula e esta variedade de aparatos tecnológicos pode proporcionar

.....
¹ Pós-graduanda do Centro Universitário Adventista de São Paulo. Pedagoga. E-mail: deboralima1984@hotmail.com

² Ensino Superior-Graduação e Pós-Graduação. Função: Professor.

aulas dinâmicas, criativas e preparar os alunos para a vida, incentivando-os a pesquisar, refletir usando as ferramentas adequadas em sala de aula. A qualidade de um bom ensino depende das estratégias pertinentes e criativas que os professores usam na elaboração de suas aulas.

Palavras-chave: Docente; Estratégias; Tecnologias.

Abstract: With technological growth ways of teaching need to be rethought to meet the requirements of a super-connected public. The purpose of this article is to address the academic world the question of the teaching front action to technological advances of this century, as effective strategies in the teaching-learning process. This is a bibliographic research on the subject. The study is the idea that teachers are living with various technologies in classrooms, this variety of technological devices can deliver dynamic lessons, creative and prepare students for life, encouraging them to research, reflect using the right tools in the classroom. The quality of a good education depends on the relevant and creative strategies that teachers use in preparing their lessons.

60

Keywords: Teacher; Strategies; Technologies.

Introdução

Neste trabalho, refletiremos sobre a utilização das novas tecnologias como recurso de apropriação de conhecimento no ambiente

escolar, a fim de apresentar os recursos tecnológicos como uma ferramenta para compreender e transformar a ação pedagógica.

Inicialmente abordaremos o tema da expansão tecnológica no ambiente escolar e quais são suas implicações? Quais posturas o docente assume nesta chamada “sociedade da informação”?

Analisaremos algumas pesquisas bibliográficas de autores que se deteram no mesmo assunto, refletiremos de maneira crítica a respeito da ação dos educadores em sala de aula frente aos recursos tecnológicos á eles oferecidos como ferramentas para desenvolvimento das habilidades e competências dos seus alunos.

Partindo desses pressupostos, estruturamos nossa pesquisa à luz de alguns temas: como a incorporação das novas tecnologias podem transformar a prática pedagógica? Qual o papel do professor frente a tantos avanços tecnológicos?

Se houve um momento em que deveríamos analisar, e refletir a respeito da postura dos educadores frente as salas de aulas, este momento é agora, pois as chamadas “salas de aulas” foram modificadas com aparatos diferenciados, e com alunos superconectados.

Se a sociedade mudou a escola teve que se adaptar a essas mudanças, equilibrando ensino, educação, qualidade, formações continuadas para os professores, salas aulas bem equipadas e alterações curriculares.

Todas as movimentações na área pedagógica nos levam a perceber que este século solicita um educador que assuma uma postura flexível frente à amplidão de conhecimentos e informações apresentados aos alunos, postura esta que perpassa as gerações anteriores

e elucida um profissional super-conectado em fase de mediação, equilíbrio dos saberes, muito mais que mero expectador de resultados de leitura e escrita.

Uma reflexão sobre a explosão tecnológica na área educacional.

62 A sociedade mudou, os nossos aspectos tecnológicos mudaram, as formas de se relacionar com estes instrumentos também. O que antes era apenas um telefone celular feito para efetuar e receber ligações, hoje é um aparelho indispensável para pagar contar, enviar mensagens rápidas, efetuar transações bancárias de grande e pequeno porte, objeto de pesquisa científica, calculadora científica entre outras funções que exerce, enfim o mundo nas palmas das mãos, com uma infinidade de recursos que nem damos conta de conhecer e manipular bem.

A invenção da internet Wi-Fi modificou a nossa vida, como também a vida dos alunos e as formas de ensinar.

Este fenômeno se dá pelo enorme desenvolvimento tecnológico, as tecnologias são produtos de uma sociedade e de uma cultura.

Neste contexto, a educação como as demais organizações está sendo muito pressionada por mudanças. No momento atual, todos devemos aprender a conhecer, a comunicar a ensinar, a integrar o humano e o tecnológico: a integrar o individual, o grupal e o social (BRITO; PURIFICAÇÃO, 2006, p. 24)

Na chamada geração conectada, as tecnológicas não podem ser ignoradas, as formas de educar e ensinar ganharam reforços, e convidam os docentes a se adaptar, e aprender novas formas de lecionar.

Na sociedade da informação, as novas concepções do processo de aprendizagem na sociedade da informação, as novas concepções do processo de aprendizagem colaborativa, a revisão e a atualização do papel e das funções do professor, a formação permanente deste profissional [professor], a compreensão e a utilização das tecnologias visando a aprendizagem dos nossos alunos e não servindo apenas para transmitir informações (ensino a distância X educação e aprendizagem a distância), a compreensão a mediação pedagógica como categoria presente tanto no uso das próprias técnicas como no processo de avaliação e, principalmente, no desempenho do papel do professor (MORAN et al., 2007, p. 8).

63

Concordamos com o autor, no aspecto em que afirma que cada profissional da área educacional é chamado a mudança das concepções dos processos de aprendizagens.

As formas de apreender e ensinar foram alteradas, a inovação tecnológica oferece ferramentas significativas extremamente úteis no ambiente escolar.

O conhecimento hoje é apresentado de forma rápida, passível de mudanças diárias. Suas informações não são estáticas, pelo contrário sem percebermos ela rapidamente forma uma grande teia dos saberes com vertentes diferentes informando milhares de pessoas ao mesmo tempo em espaços diferentes, apresentando concepções diferentes, causando reflexões e inquietações nos diversos tipos de pessoas.

Segundo Moran, Masseto e Behrens (2007, p. 27)

As tecnologias nos ajudam a realizar o que já fazemos ou desejamos, se somos pessoas abertas elas nos ajudam a ampliar a nossa comunicação, se somos fechados, ajudam a controlar mais. Se temos propostas inovadoras, facilitam as mudanças.

As dimensões que as tecnologias podem alcançar vão além do que os professores podem imaginar, fato é que elas apresentam maiores informações com maior velocidade. O professor deverá ser o mediador deste processo orientando o aluno todo o tempo quanto ao que fazer com tantas possibilidades de recebimento de informações.

Os autores Moran, Masseto e Behrens (2007, p. 29) afirmam que:

a aquisição de informação, dos dados dependerá cada vez menos do professor. As tecnologias podem trazer, hoje dados, imagens, resumos e pode tornar-se — se insuportável a não ser que a qualidade do professor compense o esquema padronizado de ensinar.

Sob a visão dos autores a conduta pedagógica do professor deverá ser bem elaborada, planejada, diversificada, bem equilibrada para ser capaz de mediar as informações instantâneas apresentadas pelas diversas ferramentas do cotidiano.

Para que os alunos sejam capazes de relacionar os conhecimentos obtidos na escola com a vida, é preciso gerar familiaridade entre os saberes, eles precisam ser conectivos, equilibrados andar

em uma mesma direção. Ter boas ferramentas nem sempre significa saber usá-las, eis a função do professor em ensinar como usar essas ferramentas de maneiras favoráveis a fim de nortear o educando no caminho infinito do saber.

As questões para o momento pedagógico extraordinário que vivemos seriam: Qual “ação e reflexão” a respeito de como ensinar? Para que ensinar? Quais as maneiras mais eficazes de desenvolver habilidades e competências através do uso das tecnologias em salas?

A utilização adequada de tantas informações em sala de aula tem sido o desafio dos docentes deste século, assim, como incorporar o uso das tecnologias na rotina diária?

65

Educar para a era da informação não significa preparar indivíduos para manusear bem as ferramentas tecnológicas, educar para a era da informação extrapola a questão didática, metodológica, conteudista, ou atitudinal e vai além das propostas já conhecidas bem pelos educadores. E sugere que através da informação encontremos novos caminhos para um fazer pedagógico voltado para a autonomia da construção do conhecimento individual ou coletivo, uma pluralidade construtiva que seja capaz de descrever suas ideias com criatividade, liberdade, diversidade, naturalidade, respeito ao outro e ao meio em que vivemos, que poderá ser traduzida pela reconstrução de si e de seus conceitos constantemente através da apropriação do conhecimento que deve ser libertador e construtivo evidenciando um sujeito não somente

informatizado ou tecnológico, mas alguém que sabe o que fazer, para que fazer, quando fazer e a quem fazer, a fim de fazer, para qual objetivo, não pensando somente em si mesmo mas na sociedade como um agente capaz de contribuir com o desenvolvimento social de seu mundo, seu país, seu estado, sua cidade, seu bairro, sua rua.

Traduzir educação tecnológica hoje, seria como dizer que precisamos ampliar os nossos olhares para transcender o ato isolado de educar, e visualizar o futuro através de uma lente ampliada para sermos capazes de compreender que precisamos fazer uma educação que “use” as tecnologias para um determinado fim e que não seja usada meramente por elas sem fim algum.

66 O desenvolvimento tecnológico modificou a estrutura escolar, alterou as formas de educar, e de se pensar educação e porque não dizer as formas de “fazer” educação, trabalhamos com uma geração que não conhecemos.

Uma geração 100% conectada, que sabe o que é velocidade, e desfruta a grandeza de informações que se pode obter através da internet.

Afinal tanta informação veloz, serve para quê?

Acreditamos e bem devemos acreditar que serve para a melhoria de uma sociedade de ensino que detém em suas mãos ferramentas e máquinas com poderes fantásticos capazes de mudar não somente a estrutura individual dos alunos, mas de movimentar uma sociedade com indivíduos que manipulam bem as informações que recebem e as usam com equilíbrio e respeito social.

É o professor o agente que promove a consciência crítica deste uso, que deve ser dosada, coerente e bem dominada e através de

estratégias usadas em sala de aula pode comunicar aos alunos estas formas de uso, não pensando somente em ensinar conteúdos frios que se percam pelos corredores da escola destituídos de significado real, mas apresentar verdades que orientem suas vidas.

A promoção tecnológica visa a promoção de um educador sem preconceitos com as formas de se comunicar, se relacionar, e de ensinar.

Adaptar-se é preciso, modificar as formas de ensinar talvez se faça necessário, refletir e estar atentos as inovações também, mas se despojar do preconceito e estar aberto ao novo sem medo de errar, talvez seja ação mais importante da vida do educador, que necessita entender que as estruturas escolares já não são mais as mesmas.

Sobre isto, Mercado (2002, p. 31) diz que:

Para que as novas tecnologias possam ser utilizadas como instrumentos de formação de sujeitos que estejam em contato com o mundo, fortalecendo a sua própria identidade cultural, que façam leitura crítica de informações recebidas que utilizem a internet como instrumento que supera as barreiras de tempo e espaço lembrando que receber informações não significa construir conhecimentos, pois para isto é preciso uma relação teórico-prática que se processa no cotidiano.

67

Assim sendo, o educador dos dias atuais assume a posição de “mediador” entre o aluno e as novas tecnologias.

Qual o papel do professor frente a tantos avanços tecnológicos?

Se o melhor adjetivo para docente nesta época é de “mediador”, logo, sua prática precisa atender as expectativas que esta palavra “mediador” carrega, ou seja, ele é aquele que faz mediações entre uma

coisa e outra. Pensar em como essas mediações serão feitas seriam um pespontar de um novo profissional envolvido e preocupado com o desenvolvimento cognitivo, e crítico dos seus alunos.

Segundo Mercado (2002, p. 12):

O professor neste contexto de mudança, precisa saber orientar os educandos sobre como colher as informações, como trata-la e como utiliza-la. Esse educador será um encaminhador da autopromoção e o conselheiro da aprendizagem dos alunos, ora estimulando o trabalho individual, ora apoiando o trabalho de grupos reunidos por área de interesses.

68 A opinião do autor complementa nossa visão a respeito do papel do professor neste momento educacional, ele é sim aquele que norteia as ações dos alunos constantemente, com um olhar diferenciado a respeito da compreensão da informação apresentada.

Mercado (2002, p.15) afirma ainda que:

Com as novas tecnologias, novas formas de aprender, novas competências são exigidas, novas formas de realizar o trabalho pedagógico são necessários e fundamentalmente, é necessário formar continuamente o novo professor para atuar neste ambiente telemático em que a tecnologia serve de mediador do processo ensino-aprendizagem.

Entendemos que o docente desta época nada mais é que um pesquisador constante. É preciso entender o momento em que vivemos, mas também é preciso estar atento às inovações deste tempo. Para

isso, a educação busca um profissional engajado que se compromete com a sua formação e atualização.

O educador precisa ampliar suas capacidades intelectuais, ampliar seus olhares para os mais diversos assuntos, e permitir que as tecnologias sejam meios pelos quais ele possa desenvolver um fazer pedagógico, mais rico, gerador, criador, motivador e inspirador para seus alunos.

Se a monotonia bibliográfica dominava os alunos do passado, hoje a dinâmica da informação veloz domina o aluno do presente. Tantas interações dominam a nossa imaginação frente as diversas reações dos alunos no procedimento com informatização, o que não podemos permitir é que esta interação se torne distração em salas de aula.

Para Mercado (2002, p. 17) o professor de hoje precisa de um novo perfil educativo, ou seja, ser comprometido, competente, crítico, aberto a mudanças, exigente e interativo. O autor sugere um perfil diferente para um docente que já se encontra em período educacional diferente, com alunos interativos amantes da mudança e da velocidade. Assim, o professor precisa se reconstruir frente às tecnologias, remodelar sua prática, atualizar suas teorias, vestir as roupagens que esta era solicita e passar a falar a mesma linguagem dos alunos.

69

Considerações finais

Concluimos que a utilização adequada das ferramentas tecnológicas em sala de aula hoje depende inteiramente da visão que o educador manifesta a respeito deste assunto, bem como as diferentes

formas de sua utilização precisam ser conectadas com os saberes apresentados, para não gerar um desequilíbrio no andamento da vida escolar do aluno.

Neste caso, o professor assume o papel de mediador entre as máquinas, os alunos e as informações apresentadas. Assim, entendemos que se faz necessário ter cautela para usar as informações de maneira equilibrada. Ao que nos parece, este profissional que o mundo educacional solicita hoje, precisa estar atento as informações e se preparar academicamente para enfrentar uma geração de alunos superconectados.

Através desta pesquisa percebemos que a explosão tecnológica requer um profissional aberto aos novos conhecimentos, sem medo ou preconceito quando o assunto é aprender. Os desafios verificados são imensos, porém não nos parece possível lecionar sem falar a mesma linguagem dos alunos, e para isso o educador necessitará de uma atualização constante em seus conceitos e preceitos educacionais.

Percebemos que nenhuma prática engessada será capaz de atrair a atenção dos educandos, é preciso ir além, interagir com as informações disponíveis e neste mundo digital, usar as ferramentas disponíveis como meios de propagar os conhecimentos, sabendo ser coerente e ao mesmo falando a mesma linguagem dos alunos.

Referências

BRITO, S. G; PURIFICAÇÃO, I. (Org). **Educação e novas tecnologias: um repensar**. Curitiba: Ed. IBPEX, 2008.

MERCADO, P. L. (Org.). **Novas tecnologias na educação: reflexões sobre a prática.** Máceo: Ed. Edufal, 2002.

MORAN, M. J.; MASSETO, T. M.; BEHRENS, A. M. **Novas Tecnologias e mediação pedagógica.** Campinas: Papirus, 2000.

Docência na Educação Adventista

Elisangela Costa Meneses¹

Haller Elinar Stach Schunemann²

Resumo: A busca por uma educação completa e eficaz, em um mundo que está cada vez mais buscando a realização profissional, esquecendo-se da ética e das condutas morais, está ficando distante da realidade humana. No entanto, a educação adventista vem, ao longo dos anos, demonstrando que ter sucesso na vida é muito mais que simplesmente alcançar sucesso profissional. Os discentes, através dos docentes, aprendem que há um objetivo maior, pois é demonstrado que tudo nesta vida é passageiro. Então, não devemos buscar o

.....
¹ Pós-graduando do Cursos de Docência Universitária do Centro Universitário Adventista de São Paulo. E-mail: nana.meneses@hotmail.com

² Atuação: Ensino Superior — Graduação e Pós-graduação.

conhecimento nem nos aperfeiçoarmos? Sim, estamos neste mundo e devemos buscar viver nele da melhor maneira possível, sendo esse o papel do docente nas instituições adventistas: demonstrar para os discentes que eles podem almejar e conquistar as vitórias deste mundo, sem se afastar dos propósitos de Deus para ele.

Palavras-chave: Resumo; Educação; Adventista; Docência.

Abstract: The search for a complete and effective education in a world that is increasingly seeking professional achievement, forgetting the ethical and moral conduct, is getting distant from human reality, however, the Adventist education has, over the years, showing that success in life is much more than just achieve professional success. The students, through the teacher, learn that there is a higher purpose and everything in this life is transitory. Then shouldn't we seek knowledge or perfect ourselves? Yes, we are in this world and we must look for living it the best way possible, which is the role of teaching in Adventist institutions: to demonstrate to the students that they can aspire to and achieve victories in this world without deviating from God's purposes for him.

Keywords: Summary; Education; Adventist; Teaching.

A Educação Adventista baseia-se que no princípio Deus foi o primeiro professor e que instruía seus discentes e o propósito maior era o bem-estar deles. Assim, mesmo após a queda do homem as famílias

deveriam continuar, ao longo dos anos, estudando e aperfeiçoando seus conhecimentos de maneira natural e livre. As escolas seriam lugares onde os estudantes se preparariam para refletir sob a luz do conhecimento sobre a glória de Deus. Este princípio vem sendo adotado ao longo dos anos, mesmo sabendo que agora o peso do pecado não permite mais que o bem seja apreciado de maneira plena, cabendo ao docente mostrar para seus alunos como almejar esse conhecimento superior e que também são capazes de consegui-lo.

A Bíblia é uma fonte inesgotável para o aprendizado de como Deus deseja que seus filhos sejam educados. É dela que se deve tirar todos os conceitos sobre a ética, a verdade, a salvação e o convívio em sociedade. É nela que está chave para sucesso, não o sucesso almejado por este mundo, mas o sucesso verdadeiro e pleno, onde se pode usufruir dos bens materiais sem perder o bem maior que é o reino celeste. É exatamente neste contexto que a educação adventista foca seus métodos de ensino, capacitando seus docentes para mostrar aos discentes como alcançá-lo.

Os discentes devem ser orientados a reconhecer a Bíblia como sua maior fonte de conduta, do cuidado com o meio ambiente, de como desenvolver a mente. Mesmo utilizando todos os recursos de informações disponíveis para estimularem o desenvolvimento da criatividade e o pensamento reflexivo, devem sempre ser orientados sobre como manter o corpo saudável para que suas escolhas sejam corretas e a desenvolver o amor próprio, aceitando-se como ser único e perfeito feito por Deus. É importante também saber que bons alunos centrados e observadores das vontades de Deus contribuem para o bom desempenho do professor.

Alunos, cooperai com vossos professores. Assim fazendo, lhes inspirais esperança e ânimo, ao mesmo tempo em que vos ajudais a vós mesmos a progredir. Lembrai-vos de que dependem muito de vós o ocupar vossos professores vantajosa posição, e ser sua obra reconhecida como verdadeiro êxito. Eles apreciarão todo o esforço que façais para cooperar com seu trabalho (WHITE, 2016, p. 553).

Assim como também o professor deve buscar sabedoria que vem de Deus, para poder agir com segurança, calma, bondade, ternura, transmitindo aos seus alunos segurança e confiança no mesmo.

Quando nossos professores estiverem verdadeiramente convertidos, terão fome de alma pelo conhecimento de Deus e, como humildes discípulos na escola de Cristo, estudarão para conhecer Sua Justiça. Retos princípios dominarão a vida e serão ensinados com os princípios que regem a educação celestial. Quando os professores procurarem de todo o coração introduzir corretos princípios na obra educacional, anjos de Deus estarão presentes para causar impressões no coração e na mente (WHITE, 1975, p. 518-519).

Ao encontrar essa sabedoria, o docente fará de seus alunos seres preparados para enfrentar os obstáculos deste mundo, pois como aprendiz de Jesus, sempre deve buscar estudar a sua palavra para poder ser um melhor cooperador na educação de seus discentes; isso fará com que haja um bom relacionamento, facilitando assim o bom andamento do trabalho e o discente aprenderá com mais facilidade, pois possui um relacionamento mais humano com seu professor.

O docente também deve ter sabedoria para buscar saúde física e mental, pois encontrará muitos percalços em sua vida durante a docência, mas deve ser visto como amparo por muitos discentes. Isto implicará em ter controle de seus sentimentos, para que assim possa influenciar positivamente e corretamente os seus discentes. Mas, isso só ocorrerá se o docente estiver devidamente preparado e controlar com sabedoria suas emoções para poder agir com profissionalismo e bondade para com aqueles que muitas vezes o veem como modelo.

Sendo modelo para muitos, este deve ter em mente que sua vida profissional deve ser correta, mantendo a busca constante por aprimorar seus conhecimentos, agir com sabedoria, ser pontual, ter ética, compromisso e ser colaborador em seu ambiente de trabalho para que haja um bom andamento dos afazeres de todos. O docente deve aceitar que há limites que devem ser respeitados, pois é sabido que existem possibilidades infinitas para a mente humana, no entanto, ele deve saber até onde pode exigir de seus alunos.

A linguagem usada deve ser coerente, clara e objetiva para que todos possam compreender o que o professor deseja ensinar. O mesmo não deve fugir de seus princípios, mostrando que sua base está presente em sua vida.

Cristo chegava ao povo na posição em que este se achava. Apresentava a simples verdade perante o espírito deles, na linguagem mais poderosa e singela. O pobre humilde, o mais ignorante podia compreender, mediante a fé nEle, as mais exaltadas verdades. Ninguém precisava consultar os instruídos doutores quanto ao sentido do que Ele dizia. Não embaraçava o ignorante com

misteriosos raciocínios, nem usava palavras fora do comum ou eruditas, de que não tivessem conhecimento. O maior Mestre que o mundo já conheceu foi o mais preciso, simples e prático em Suas instruções.

Sabendo que não é tarefa fácil buscar todos esses atributos, o professor que desejar ser muito mais que um informador poderá contar com a ajuda de Deus, seguindo os exemplos deixados por Ele quando esteve nesta terra.

O docente adventista não deve desprezar os conteúdos das várias áreas do conhecimento humano, mas deve utilizá-los e contextualizá-los com aplicações no cotidiano. Tendo a consciência que o docente deve ensinar o que está proposto no currículo escolar, este então, deve desenvolver sua matéria sobre a fonte inesgotável de conhecimentos e ensinamentos contidos na Bíblia, usando assim sua matéria para ensinar o que o mestre dos mestres ensinou, visando contribuir na boa formação do discente, ao integrar o ensino curricular com a fé no que diz a Bíblia. Assim, educador e alunos serão levados a ver a realidade sob uma perspectiva cristocêntrica, onde o objetivo é fazer com que o aluno busque viver voltado para Cristo, de maneira natural, motivado a alcançar o reino eterno.

Em vez de limitar seu estudo ao que os homens têm dito ou escrito, sejam os estudantes encaminhados às fontes da verdade, aos vastos campos abertos a pesquisas na Natureza e na Revelação. Que contemplem os grandes fatos do dever e do destino, e a mente expandir-se-á, fortalecer-se-á. Em vez de educados fracos, as instituições de ensino poderão produzir homens fortes para

pensar e agir, homens que sejam senhores e não escravos das circunstâncias, homens que possuam amplitude de espírito, clareza de pensamento e coragem nas suas convicções (WHITE, 2016, p. 17-8).

O docente deve ter teoria e prática em mente, para que seu aluno possa confiar que seu aprendizado está sendo coerente quando surgirem dúvidas. O docente deve demonstrar de maneira prática e pontual como tal questão será aplicada na vida real, devendo estimular o raciocínio, a reflexão e a criatividade, contribuindo para o desenvolvimento intelectual. Podendo utilizar trabalhos em grupos onde cada um pode dar sua opinião e estimular o outro a pensar mais vastamente, ajudando-os também a entenderem e aceitarem as diferenças, respeitando uns aos outros. Cabe também ao docente respeitar as diferentes formas de pensar e de agir de cada um de seus discentes, para poder promover o desenvolvimento intelectual individualmente.

79

Em todo verdadeiro ensino, o elemento pessoal é essencial. Cristo, em Seu ensino, tratava com os homens individualmente. Foi pelo trato e convívio pessoal que Ele preparou os doze. Era em particular, e muitas vezes a um único ouvinte, que dava Suas preciosas instruções. [...] O mesmo interesse pessoal e a mesma atenção para com o desenvolvimento individual são necessários na obra educativa hoje. Muitos jovens que aparentemente nada prometem são ricamente dotados de talentos que não aplicam a uso algum. [...] O verdadeiro educador, conservando em vista aquilo que seus discípulos podem tornar-se, reconhecerá o valor do material com que trabalha. Terá um interesse pessoal em cada um de seus estudantes, e procurará desenvolver todas as suas faculdades. Por mais

imperfeitos que sejam eles, incentivará todo o esforço por conformar-se com os princípios retos (WHITE, 2016, p. 231 — 232).

O docente que usa de sabedoria conhecerá seu aluno e saberá como ajudá-lo a pôr em desenvolvimento todo seu conhecimento, mesmo que este não acredite ser possuidor de algum conhecimento, muitas vezes alunos apáticos são possuidores de muitos talentos que são deixados de lado devido à falta de confiança ou de perspectiva, cabe ao docente identificar e auxiliar a este para o desenvolvimento de seus talentos, havendo participação conjunta, criaram meios para pôr em prática tudo o que planejarem, todo o esforço terá valido a pena.

80

Para que suas aulas tenham efeitos desejados o docente não necessita buscar materiais caros, equipamentos de última geração em um prédio possuidor de luxuosa construção, pois nada disso trará o conhecimento necessário ou fará com que suas aulas sejam por completo compreendidas. No entanto, se a instituição for possuidora de recursos tecnológicos, o docente deve saber manuseá-los e utilizá-los adequadamente, adaptando-se, criando novas maneiras de ensinar, saindo do cotidiano, qualificando seu trabalho e contribuindo para o desenvolvimento do discente.

O professor deve estar seguro no que irá fornecer para seus alunos, deve dominar o conteúdo e transmiti-lo de maneira eficaz. Não deve planejar suas aulas seguindo o sumário do livro, pois este foi planejado pelo autor. As aulas devem ser planejadas em cima do planejamento curricular, seguindo a ordem do mesmo. Lembrando que nenhum livro didático possui todas as informações necessárias, ele não deve

servir como limitador de conteúdos, e sim, como material de apoio para o estudante e o professor. Isto faz com que os mesmos os busquem como base para o aprendizado abrindo um leque para o conhecimento total de determinados conteúdos. Assim, os livros didáticos nas instituições adventistas são possuidores de ensinamentos cristãos observem de apoio para construir no aluno valores e princípios cristãos.

O docente deve buscar fontes de informações diversas para que sua aula seja completa. Este deve saber qual a base da matéria aplicada, como surgiu e como ela chegou até o ponto importante de seu ensinamento, demonstrando para o aluno que tudo tem uma base, um princípio que se desenvolveu até chegar ao cume, despertando interesse por todos na busca de solidificar seus conhecimentos.

O Senhor espera que nossos professores excluam de nossas escolas os livros que ensinam conceitos que não estão de acordo com Sua Palavra, e deem lugar aos livros do mais alto valor. É o desígnio do Senhor que os professores de nossas escolas sobrepujem em sabedoria a sabedoria do mundo, porque estudam a Sua sabedoria. Deus será honrado quando os professores de nossas escolas, desde os cursos superiores até os mais baixos, revelarem ao mundo que possuem mais do que simples sabedoria humana, pelo fato de estar à sua frente o Mestre por excelência (WHITE, 1975, p. 517).

81

É importante que o professor saiba que o foco da avaliação está centrado na aplicação dos conhecimentos e da capacidade que cada indivíduo possui em transferir a aprendizagem a outras situações e contextos. Que o mesmo deve ser coerente e eficaz, tendo a

consciência que cada aluno é possuidor de características diferentes e seu aprendizado é único e individual. Desta maneira o docente e o discente são responsáveis pelo processo avaliativo, cada um com responsabilidades explícitas.

O professor tem por responsabilidade planejar e executar a avaliação levando em conta o que transmitiu em suas aulas, pondo em suas avaliações o que é proposto na educação adventista, unindo assim o conteúdo de sua matéria ao conteúdo cristocêntrico. Deve, portanto, elaborar uma prova clara, objetiva e interpretativa, para que o aluno seja avaliado de maneira completa e coerente.

O aluno, por sua vez, deve compreender que a avaliação é um meio de demonstrar o seu conhecimento. Quando o aluno buscar informar-se por completo, superando os obstáculos, ampliando seus conhecimentos e dominando seu aprendizado, ele se auto avaliará, sabendo que não será necessário temer a avaliação, pois saberá que é possuidor do conhecimento correto e dominará por completo o assunto a ser avaliado.

A finalidade do processo avaliativo é perceber os pontos negativos e positivos do que foi ensinado, o quanto o aluno absorveu e como ele absorveu, se de maneira correta o objetivo foi alcançado com sucesso. No entanto, se ele não tiver alcançado o resultado esperado, tanto o professor como o aluno devem juntos buscar uma solução para o problema. Os dois devem procurar uma maneira pela qual o discente possa aprender de maneira objetiva. O aluno deve ser ensinado que todo erro, toda dificuldade e todos os obstáculos vencidos são degraus para alcança o êxito.

O avaliador deve ter em mente que o discente é um ser único, possuidor de uma maneira diferente de entender e transmitir seus conhecimentos, sendo assim, o docente deve ter consciência que, em uma sala repleta de alunos, não será possível conseguir que todos objetivos sejam alcançados positivamente, mas, pode esperar ter um bom resultado quando o trabalho é executado sob a direção de Deus e, quando avalia seus educandos com amor, compaixão e humildade. Como diz a Bíblia, “humildade precede a honra” (Pv 15:33).

Este será um processo longo e, muitas vezes cansativo, mas se for buscado com o objetivo de transformar vidas e de salvar almas, ele será alcançado com êxito. Medidas bruscas ou arbitrárias não devem ser tomadas, pois estas atitudes só servem para afastar o discente de seu objetivo. O docente deve ter em mente que suas atitudes e seu comportamento são vistos como exemplo para todos que o observam e devem refletir o caráter de Jesus, sendo manso e compassivo para com todos.

83

Necessitais de mais suavidade no contato com os outros. Vossas palavras devem produzir um efeito calmante, não hostilizar. Que o vosso coração seja cheio de amor pelas pessoas. Trabalhai pelos que vos rodeiam com profundo e terno interesse. Se vedes alguém cometer um erro, ide ter com ele na maneira indicada por Cristo em Sua Palavra, e vede se não vos é possível considerar o assunto com brandura cristã. Orai com ele, e crede que o Salvador vos mostrará o caminho para sair da dificuldade (WHITE, 2016, p. 637).

Os discentes devem ser dirigidos a algo melhor do que esta vida oferece, eles devem ser orientados a ter consciência de que são capazes

de fazer coisas surpreendentes. Enquanto são direcionados ao verdadeiro conhecimento, devem ser ensinados que este conhecimento só será alcançado quando verdadeiramente eles se dedicarem a espelhar a Cristo. Cabe ao docente despertar esse interesse, deixando bem claro que a verdadeira sabedoria é proveniente de Deus.

A verdadeira educação está no transmitir ideias que transformam a alma e o coração. Esse tipo de educação renova a mente, tornando muito mais fácil o aprendizado, pois a mente estará tranquila e pronta para absorver as informações fornecidas pelos livros didáticos.

Educar envolve o amor a Deus e ao próximo. Saber que na vida terrestre, ainda que restrita pelo pecado, o educador pode ter a alegria de cuidar e direcionar o outro, incentivando-o a buscar um objetivo muito maior e que seu ministério aqui na terra será repleto das bênçãos de Deus, deve ser o principal propósito do docente, pois o mesmo trabalha em prol do Senhor, adquirindo sabedoria em Suas palavras para transmitir seus conhecimentos e ajudar os seus discentes a buscar e ter em Cristo um modelo para ser seguido por toda a vida.

Deus não quer que nos satisfaçamos com mente preguiçosa, indisciplinada, pensamentos estúpidos e memória fraca. Quer que todo professor se sinta descontente com certa medida de êxito, apenas, e compreenda sua necessidade de constante diligência em adquirir conhecimento (WHITE, 1975, p. 119).

A docência na educação Adventista deve buscar um elevado e diferenciado nível na educação de seus discentes, pois seus ensinamentos

devem ser unificados com o estudo da Bíblia, sabendo que este livro é possuidor dos mais belos e sólidos ensinamentos.

Ao utilizar a Bíblia como referência o educador estará ampliando o campo de visão do discente, estimulando a curiosidade e a busca por respostas sobre a vida que este livro oferece. Cabe ao orientador direcionar o estudante para o caminho correto a ser seguido, demonstrando com dedicação, paciência e amor aos seus alunos, além das matérias do cotidiano, o ensinamento bíblico.

Considerações finais

O processo de ensino-aprendizagem não é uma jornada fácil, ainda se tem muito a aprender e muito tempo a ser gasto em estudos, mas tudo pode ser superado, quando Cristo é colocado na direção. Dedicção, abnegação, humildade, disciplina, amor ao próximo são essenciais para conduzir os discentes a buscarem ser grandes homens neste mundo e almejem viver em um mundo muito melhor ao lado de Deus.

O versículo bíblico “Tudo posso naquele que me fortalece” (Fp 4:13), mostra que o Senhor sustenta aqueles que o buscam. O docente adventista deve buscar forças e sabedoria para ajudar aos seus alunos a desenvolverem princípios íntegros, para serem cidadãos que evidenciem em suas vidas uma pedagogia redentora, levando para o mundo a educação Adventista como marco para uma vida repleta das bênçãos de Deus.

Referências

WHITE, E. G. **Educação**: um modelo de ensino integral. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 2016.

WHITE, E. G. **Fundamentos da Educação Cristã**. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 1975.

Ressignificação do estudo da história - metodologia de ensino

Isaías Araújo da Silva¹
Valéria Mendes Fasolato²

Resumo: As transformações intensas e rápidas da vida moderna atribuem ao estudo da história uma falsa diminuição de valor para as novas gerações, tornando-se necessária a constante busca de novas metodologias suscetíveis de significação atual, capazes de imprimir motivação e efetivação da pesquisa histórica. Na busca por fomentar o exercício de uma cidadania consciente e participativa, crítica sobre o passado e o presente da sociedade em que se vive, a aula de história é

.....
¹ Pós-graduado em Estudos Brasileiros (Universidade Mackenzie). Formado em Ciências Sociais com especialização em História na Universidade Braz Cuba, São Paulo. Professor de Sociologia no Colégio Adventista de São Miguel Paulista, no Estado de São Paulo. E-mail: prof.isaiasa@gmail.com

² Doutoranda e Mestre em História (UFJF). Professora de Artes na Escola Adventista de Juiz de Fora e no Estado de Minas Gerais e orientadora de TCC do Unasp — campus Virtual. E-mail: mendesfazolato.valeria@gmail.com

um espaço ideal para apresentar conhecimentos que ajudem os alunos a elaborarem projetos viáveis para o presente e para o futuro. Por isso, a importância do desenvolvimento de metodologias de ensino em que o educando seja sujeito tanto da pesquisa quanto da própria história, uma vez que esta é contínua e ininterrupta. Dentro desse contexto o presente trabalho tem como objetivo discutir novas metodologias possíveis de aplicação a serem abordadas no curso de licenciatura na prática do ensino de história, assim como o uso de novas tecnologias.

Palavras-chave: Licenciatura em História; Metodologia de ensino; Motivação; Ressignificação; Novas tecnologias.

88

Abstract: The intense and rapid changes of modern life attribute to the study of history a false decrease in value for the new generations, requiring the constant search for new methodologies capable of current significance capable of printing motivation and realization of historical research. In pursuit of promoting the exercise of a conscious and participatory citizenship, critical about the past and present of the society in which they live. Always seeking knowledge to help them develop viable projects for the present and for the future. Therefore, the importance of developing teaching methodologies in which the student is subject to both the research as the story itself since this is continuous and uninterrupted. Within this context, this paper aims to discuss possible new methodologies application to be addressed in the course of degree in the practice of history teaching and the use of new technologies.

Keywords: Degree in history; Teaching methodology; Motivation; Reframing; New technologies.

Introdução

Este trabalho tem como finalidade destacar a importância de se buscarem métodos de ensino da história que despertem a motivação e possam melhorar a compreensão e a assimilação de seus conteúdos aprendidos. O estudo da história deve ser prazeroso, despertando a motivação e interesse para os alunos. Para isso, é preciso envolvê-los e mostrar o porquê da existência da escola, assim como todo o contexto que os rodeia faz parte da história da sua própria escola, bairro, município, estado e país.

A metodologia aqui proposta tem por princípio demonstrar como tudo o que está ao redor do aluno faz parte de um contexto histórico e existe por uma finalidade, bem como destacar a importância do uso adequado das novas tecnologias no ensino de história. Para tanto, será apresentado, no decorrer do artigo, a experiência metodológica realizada com alunos no Centro Educacional Unificado (CEU) da Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Professora Conceição Aparecida de Jesus, localizada no município de São Paulo. Seu principal objetivo foi destacar a importância da valorização dos patrimônios históricos e culturais, contextualizando-os historicamente, além de proporcionar condições de aprendizagem em que o educando sintasse motivado a iniciar o estudo a

partir do processo de reconstrução da história da escola onde estuda. Partiu-se da investigação em torno da biografia da patronesse, relacionando-a com a sua própria história, a de sua família, bairro, cidade, país num contexto mais amplo, mundial, dando assim um novo significado ao estudo da história.

Demonstraremos, por meio de uma pesquisa bibliográfica, utilizando estudiosos como Cabrini (1994), Fonseca e Silva (2007), que argumentam que tal método pode ajudar a despertar um interesse maior por parte dos discentes no descobrimento da história que os cerca. Utilizaremos outros autores como: Hobsbawm (1995, 1998) sobre a importância de se manter a memória coletiva; Kenski (2007), com o uso adequado das tecnologias na educação; Martinez (2006), sobre o estudo da história ambiental; e Masetto (2003), que analisa a competência pedagógica do professor universitário. Nossa análise permeia a pergunta: a ressignificação do estudo da história no ensino básico traz melhoria na aprendizagem do aluno?

90

O assunto não é novo, haja vista o recente artigo de Mayza Bergamo, professora do Curso de História das Faculdades Unidas do Vale do Araguaia — UNIVAR, que trata do uso de metodologias diferenciadas em sala de aula:

sempre iniciando pelo presente; a importância e a aplicação da ludicidade na disciplina; o uso de objetos para despertar o interesse dos alunos; a motivação como parte essencial para uma boa aula e como transformar uma metodologia tradicional como a aula expositiva em algo realmente interessante e prazeroso (BERGAMO, 2010, p. 2).

Acrescentamos, no entanto, a construção da história por meio do contato dos alunos com documentos e pessoas que conviveram com a patronesse da escola, procurando proporcionar a interação deles com esta construção, além de levá-los a locais relacionados ao período pesquisado.

A mudança no ensino da história

A destruição do passado, ou melhor, dos mecanismos que vinculam nossa experiência pessoal à das gerações passadas, é um dos fenômenos mais característicos e lúgubres do final do século XX. Quase todos os jovens de hoje crescem numa espécie de presente contínuo, sem qualquer relação orgânica com o passado público da época em que vivem. Por isso, os historiadores, cujo ofício é lembrar o que os outros esquecem, tornam-se mais importantes que nunca no fim do segundo milênio (HOBSBAWM, 1995, p. 13).

91

Para Eric Hobsbawm, historiador britânico, em seu livro *Era dos Extremos*, existe certo perigo da perda dos referenciais históricos, ressaltando a importância do historiador como guardião da memória coletiva. Surge, assim, a necessidade de uma metodologia que proporcione motivação e ressignificação do estudo da história especialmente por parte dos mais jovens.

Para tanto, foi desenvolvido um esquema de estudo partindo do nome da EMEF. Os alunos começaram pela elaboração da biografia de Conceição Aparecida de Jesus (São Paulo, c. 1952

— São Paulo, 2008), a patronesse. Cabrini expõe a importância desse método de estudo:

É preciso ficar claro que as fontes testemunham pensamentos e ações de pessoas com os interesses mais diversos, mas sempre bastante concretos. Embora a maior parte destas pessoas que estudamos em história já tenham morrido, é como pessoas vivas que procuramos recuperá-las. Estas fontes não falam por si mesmas; é importante formularmos as perguntas adequadas que nos permitam levantar os interesses dos indivíduos e grupos que deixaram esse registro. Ao se pensar nas perguntas a fazer, deve-se, portanto, levar em conta que o documento é sempre, ao mesmo tempo que objeto da pesquisa histórica, expressão de sujeitos da história, ou seja, o documento foi produzido por alguém atuante em seu tempo. Os documentos não são meros fornecedores de dados; eles evidenciam as ações de sujeitos do processo histórico no qual surgiram. Ao chegarem até nós pela memória histórica, expressam também a ação de outros sujeitos históricos (CABRINI, 1994, p. 45)

92

Nessa perspectiva, de recuperação da pessoa morta, foi que a experiência de investigação biográfica possibilitou aos alunos protagonizarem pesquisas históricas. Eles precisaram entender o cenário político, econômico, social, cultural etc., no Brasil e no mundo, para adentrarem no período em que a patronesse da escola viveu. Relacionaram diversos fatos históricos e selecionaram alguns textos para exposição e debate sobre variados temas. Como exemplo dessa pesquisa feita pelos alunos, temos a Guerra Fria: período definido sob a ótica de Hobsbawm (1995, p. 23) como:

Os anos que vão do lançamento das bombas atômicas até o fim da União Soviética não formam um período homogêneo único [...]. Apesar disso, a história desse período foi reunida sob um padrão único pela situação internacional peculiar que o dominou até a queda da URSS: o constante confronto das duas superpotências que emergiram da Segunda Guerra Mundial na chamada 'Guerra Fria'.

Os alunos exploraram vários assuntos relacionados à Guerra Fria, tais como: a nova ordem mundial, o fim da União Soviética e do socialismo no Leste Europeu, a globalização e seus efeitos, os Estados Unidos e o mundo contemporâneo. Chegaram à infância da patronesse, vivida durante o governo de Getúlio Vargas. Ao abordar e analisar esse tema incluiu-se a questão ambiental, uma vez que naquele governo foi criada a Petrobrás, diretamente relacionada à exploração do meio ambiente.

A crise ecológica, resultado da industrialização e da exploração cada vez mais intensa dos recursos naturais, tornou tal tema relevante, propiciando a elaboração de ações interdisciplinares. As sociedades que se formaram em diferentes tempos e lugares apropriaram-se dos recursos naturais de maneiras distintas, podendo, então, procurar meios para que as relações entre os seres humanos e o meio ambiente fossem saudáveis e construtivas, como pode ser visto através do excerto:

Trata-se, fundamentalmente, de reconstituir e explicar as formas de extração, utilização e regulamentação do uso dos produtos naturais, incluindo, além disso, as representações simbólicas dos elementos naturais na vida humana. A própria natureza pode ser pensada, aqui, como uma 'construção cultural'. Uma

das peculiaridades mais destacadas da história ambiental seria, assim, o exame das relações entre os seres humanos e, dentro e a partir delas, a análise das relações que se estabelecem com o mundo natural (MARTINEZ, 2006, p. 19).

Dessa forma, os alunos investigaram a respeito do cenário mundial, nacional e local para melhor entender sua própria realidade. Tiraram fotos dos locais e das pessoas com as quais entraram em contato e fizeram pequenos vídeos. Elaboraram, na escola, uma exposição que foi apresentada à comunidade.

Constatamos que a ressignificação do estudo da história no ensino básico traz melhoria na aprendizagem dos alunos. Nota-se, assim, a importância de buscar novos métodos e técnicas de ensino/aprendizagem, inclusive suscitá-las nos graduandos de cursos de licenciatura para o desenvolvimento de inovações nesse processo.

Segundo Masetto (2003, p. 14):

No âmbito do conhecimento, o ensino superior percebe a necessidade de se abrir para o diálogo com outras fontes de produção de conhecimento e de pesquisa, e os professores já se reconhecem como não mais os únicos detentores do saber a ser transmitido, mas como um dos parceiros a quem compete compartilhar seus conhecimentos com outros e mesmo aprender com outros, inclusive com seus próprios alunos. É um novo mundo, uma nova atitude, uma nova perspectiva na relação entre o professor e o aluno no ensino superior.

Nos últimos anos, temos presenciado uma verdadeira revolução no campo das comunicações e do processamento e armazenamento

de informações. Diante do avanço da tecnologia e das rápidas transformações que ocorrem nos dias atuais, faz-se necessária uma constante busca de novos métodos e técnicas que motivem e facilitem a aprendizagem. A cultura digital tem provocado significativas mudanças em nossa sociedade, o que vem repercutindo diretamente na educação. Isso significa que a escola e os educadores precisam se adequar a essa nova realidade, pois o uso das novas tecnologias não substitui a instituição escolar.

É importante salientar que todos os conteúdos encontrados na *web*, em CDs, objetos digitais instrucionais *on-line* ou *softwares* educativos foram produzidos por pessoas que fizeram sua própria seleção de assuntos e de abordagens levando em consideração uma série de fatores. Portanto, não são materiais isentos e imparciais, assim como todos os outros que estamos acostumados a pesquisar, escritos ou não.

95

A tecnologia digital rompe com as formas narrativas circulares e repetidas da oralidade e com o encaminhamento contínuo e sequencial da escrita e se apresenta como um fenômeno descontínuo, fragmentado e, ao mesmo tempo, dinâmico, aberto e veloz. Deixa de lado a estrutura serial e hierárquica na articulação dos conhecimentos e se abre para o estabelecimento de novas relações entre conteúdos, espaços, tempos e pessoas diferentes. [...]

A base da linguagem digital são hipertextos, sequências em camadas de documentos interligados, que funcionam como páginas sem numeração e trazem informações variadas sobre determinado assunto. [...]. Para alguns, é possível 'navegar' nas páginas e ter uma ideia superficial sobre o tema em uma leitura rápida, de apenas cinco minutos, por exemplo. Se houver mais interesse, é pos-

sível clicar em sequência nas páginas e aprofundar as informações sobre o assunto, até quando se achar que já é suficiente. [...]

Se no meio desse encadeamento de texto houver outras mídias — fotos, vídeos, sons etc. — o que se tem é um documento multimídia ou, como é mais conhecido, uma hipermídia. [...] Hipertextos e hipermídias realizam sínteses e se articulam. Mas é você que dá os saltos entre os muitos tipos de informação disponíveis e define o caminho que mais lhe interessa para aprender (KENSKI, 2007, p. 32-33).

96 A metodologia e as práticas atuais de ensino precisam considerar as intensas transformações tecnológicas e sua repercussão na educação. Isso significa que os graduandos dos cursos de licenciatura devem ser preparados para orientar seus alunos a fazerem um uso crítico, seguro e autônomo dessas novas tecnologias. Uma das dificuldades do uso da internet, por exemplo, reside na grande quantidade de informações disponíveis, na seleção e confiabilidade desses conteúdos. Sendo assim, nesse caso, é fundamental o papel do professor na orientação dos alunos.

Outro aspecto importante a ser considerado é que, assim como os procedimentos de análise do historiador mudam de acordo com o tipo de fonte que ele utiliza, os estudantes também precisam de informações mínimas sobre as condições de produção, circulação social e recepção das diferentes mídias, inclusive das eletrônicas.

Ponderamos, juntamente com Fonseca e Silva (2007, p. 112) sobre o processamento de textos e seu:

uso evidentemente consolidado do computador no campo da pesquisa histórica [...] que se beneficia dos recursos de memória e mesclagem que imprimem

um ritmo muito mais acelerado à escrita da história. Noutro patamar, o computador tem servido também para o desenvolvimento de bancos de dados, o tratamento desses materiais em gráficos e estatísticas, e também o acesso a redes de comunicação. Essa riqueza instrumental não pode negligenciar articulações metodológicas, que derivam da capacidade própria ao pesquisador na formulação de problemáticas e em seu encaminhamento. Mesmo no plano da edição de textos, é preciso salientar que quem escreve é o historiador, e não o computador. Escolha de temas, indagações sobre alguns de seus aspectos e formulações de problemáticas interpretativas ainda permanecem como tarefas do pesquisador. Se a máquina processa os programas e materiais nele inseridos, jamais é possível deixar de lado o papel do historiador como aquele que escolhe e encaminha os passos do trabalho de investigação.

Não basta equipar os prédios escolares com computadores e tecnologia avançada; é preciso saber como colocá-los a serviço da formação dos alunos por meio de adequadas metodologias do ensino de história.

97

Considerações finais

Conforme proposto no início deste trabalho, verificamos a importância de instigar nos graduandos dos cursos de licenciatura, especialmente de história, a reflexão sobre a necessidade da busca constante de métodos e práticas de ensino que possibilitam a motivação da aprendizagem. Destacamos também a pesquisa histórica, tendo como ponto de partida a realidade na qual o estudante está inserido e a utilização

criterosa das novas tecnologias. Concluiu-se, na experiência relatada neste artigo, que a interatividade dos alunos entre eles, com outras pessoas da escola e da comunidade e com a tecnologia por meio de variadas metodologias, pode trazer resultados mais satisfatórios. O assunto não se esgota nestas poucas páginas e esta não seria nossa pretensão, mas é um ponto de partida, pensando numa pequena introdução sobre o tema, abrindo possibilidades de aprofundamento e diálogo com professores/pesquisadores da contemporaneidade.

Referências

98

BERGAMO, M. **O uso de metodologia diferenciada em sala de aula:** Uma experiência no ensino superior. Londrina-Paraná, 2010. Disponível em: <<http://migre.me/urmY3>>. Acesso em: 24 de julho de 2016.

CABRINI, C. (Org.). **O ensino de história:** São Paulo: Brasiliense, 1994.

FONSECA, S. G.; SILVA, M. **Ensinar história no século XXI:** em busca do tempo entendido. Campinas; São Paulo: Papirus, 2007.

HOBBSAWM, E. **Era dos extremos:** o breve século XX (1914 - 1991). São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. **Sobre história.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

KENSKI, V. M. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação.** Campinas: Papyrus, 2007.

MARTINEZ, P. H. **História ambiental no Brasil: pesquisa e ensino.** São Paulo: Cortez, 2006.

MASETTO, M. T. **Competência pedagógica do professor universitário.** São Paulo: Summus, 2003.

Em busca de uma educação integral

Manoel Caligares de Oliveira¹

Haller Elinar Stach Schunemann²

Resumo: O ser humano é um indivíduo complexo e produto da integração de todas as suas dimensões. O objetivo deste artigo é destacar a necessidade de se alcançar uma educação, genuinamente, integral, que contemple todo o ser humano. O procedimento metodológico optado foi a revisão bibliográfica.

Palavras-chave: Educação integral; Ensino superior; Dimensão espiritual.

.....
¹ Pós-graduando do Centro Universitário Adventista de São Paulo. Professor de Educação Física. E-mail: manocaligares@hotmail.com.

² Ensino Superior — Graduação e Pós-graduação. E-mail: haller.schunemann@ucb.org.br

Abstract: The human being is a complex product and integrating all its dimensions individual. The purpose of this article is to highlight the need to achieve an education genuinely comprehensive, covering every human being. The chosen methodological procedure was the literature review.

Keywords: Comprehensive education; Higher education; Spiritual dimension.

Introdução

102

Falar sobre uma educação que contemple todo o ser não é novidade alguma. Este trabalho consistirá em reconhecer a importância de superar, segundo Moraes (2011, p. 77), “o dualismo ontológico que distingui o corpo da consciência, o organismo físico da alma”, em busca de uma educação do homem como unidade.

Num primeiro momento, citaremos alguns teóricos que apoiam a educação integral. No seguinte estágio, relacionaremos a formação profissional dentro do ensino superior como necessitando de pensar na formação completa do sujeito. E, num ato último, enfatizaremos a contribuição da Bíblia para o desenvolvimento pleno do ser humano, onde o caminho percorrido para a solução do presente problema levantado realizou-se pela revisão bibliográfica.

Teóricos que apoiam uma educação integral

A educação é um requisito fundamental para que o ser humano alcance a sua máxima potencialidade. E, ao contrário do que se pensa, é um conceito presente desde o início da era moderna quando a questão educacional entra em cena no debate social da Europa.

Até o início da era moderna, a educação escolar tinha uma proposta elitista, discriminatória e não bem articulada. Elitista e discriminatória, porque deveriam ser enviados às escolas não apenas os filhos dos ricos ou dos cidadãos principais, mas todos, nobres e plebeus, ricos e pobres, rapazes e rapariga, portadores de debilidades etc.; e não bem articulada, porque Comênio inova, apresentando maneiras e caminhos para se obter sucesso no aprendizado, equivalente ao processo de metodologia (NARODOWSKI, 2001).

O projeto educacional proposto por Comênio buscava superar o ensino predominante na Idade Média. Propunha um ensino que trouxesse prazer e não apenas instrução mnemônica. Acreditava que “o conhecimento adequado do mundo dependia do cultivo dos sentidos, bem como de uma relação adequada da linguagem com a experiência” (NARODOWSKI, 2001). Dessa maneira, formaria homens atores e não meros espectadores, possibilitando-os tornarem-se sujeitos de sua vida, fazendo suas próprias escolhas (COMÊNIO, 1985, p. 145).

Para Comênio (1985, p. 146) “as escolas são oficinas de humanidade, contribuindo, em verdade, para que os homens se tornem

verdadeiramente homens”, ou seja, “homens sábios na mente, prudentes nas ações e piedosos no coração”.

Lopes (2008, p. 59) ressalta que, nas palavras do teórico su-pracitado, “a educação somente alcançará o seu real objetivo, se produzir no homem três princípios fundamentais: a verdadeira formação cultural ou ensino, os bons costumes ou moral e a mais profunda piedade”.

Já para Rousseau, influenciado pelo pensamento iluminista que buscava a superação da grande injustiça social caracterizada pelo “antigo regime” e que apoiava a substituição das crenças religiosas pelo racionalismo que poderia resolver todas as questões que, até então, eram justificadas somente pela fé. Podemos dizer que é um continuador do pensamento de Comênio, pois acreditava que tudo de que precisamos quando grandes, é nos fornecido pela educação, já que nascemos fracos, carentes e inaptos (ROUSSEAU, 2014, p. 9).

Através de um genuíno processo educacional, pretende-se alcançar a verdadeira felicidade, que é a realização plena do ser humano, proveniente de decisões inteligentes e conscientes. Mas, para tal fim, seria necessário elaborar um projeto que vislumbrasse o homem total, que promovesse a autonomia do indivíduo, capacitando-a a agir de forma consciente, elevando os sentimentos morais acima de suas vontades (DALBOSCO, 2011, p. 50) e equilibrando razão e emoção (ROSSUEAU, 2014, p. 74). Não se trataria, unicamente, de valorizar a memorização, mas a educação das necessidades também.

Frente à efervescência da época, Kant não ficou indiferente à discussão sobre a educação. Assim, influenciado pelas ideias de seus

antecessores, declarou que o homem, enquanto ser racional - isso não quer dizer que ele faz o devido uso de sua razão, pois esta, sofre influências das inclinações humanas - necessita ser educado e disciplinado, pois “o homem se torna verdadeiramente humano por meio da educação” (KANT, 2012, p. 12), já que não nascemos prontos.

Por educação, Kant entendia que envolvia os cuidados para com a infância; a disciplina e a instrução, que eram fundamentais para a formação humana. Através, da educação, havia a possibilidade de se desviar do mau e preservar-se da animalidade.

Por cuidados, entende-se impedir que as crianças não façam um uso nocivo de suas forças; ser disciplinado, consiste em impedir que a animalidade prejudique a humanidade, tanto na esfera individual quanto na social; ser cultivado, entende-se o ensino e a instrução, adquirir habilidades, como por exemplo, ler, escrever; ser prudente (que se ajuste à sociedade) e civilizado (requer-se maneiras, amabilidade e não se servir dos outros apenas para os seus objetivos); cuidar da moralização, ser consciente a eleger de preferência bons fins aprovados por todo o homem e, por fim, com relação à educação de um ponto de vista religioso, “o conceito de Deus deveria ser mais bem clarificado, de início, em analogia com o de pai sob cujo cuidado nos encontramos” (KANT, 2012, p. 74), em vez de realizar, simplesmente, um trabalho de memorização de conceitos religiosos.

Uma verdadeira educação é aquela que eleva o homem ao máximo alcance de sua destinação integral, à liberdade, à felicidade, à emancipação. Deixamos de ser cruéis, ambiciosos e ávidos por prazeres, para nos dedicarmos ao bem-estar de todos (CARVALHO, 2010).

Formação profissional dentro do ensino superior como necessitando de pensar na formação completa do sujeito

Essa percepção do desenvolvimento pleno do ser caberia também na educação superior? Para Gil (2009, p. 8), o principal papel do professor no ensino superior se centraliza em formar pessoas, preparando-as para a vida, para a cidadania e capacitando-as a se tornarem agentes privilegiados do progresso social. Para que isso aconteça, seria necessário organizar um currículo que privilegie atitudes interdisciplinares (uma aprendizagem por temas ou projetos), não consistindo em um somatório de informações disciplinares, mas que vincule estas com a vida real, proporcionando condições para que o futuro professor adquira competências necessárias, levando-o a aprender a aprender, e ensinar a aprender, a procurar e a como buscar informações para produzir conhecimento próprio (VEIGA; CASTANHO, 2000).

Morin (2011) declara que o ser humano é, ao mesmo tempo, biológico, psíquico, social, afetivo e racional. Contudo, uma educação fragmentada em disciplinas, decompõe esta unidade complexa, tornando impossível aprender o que significa ser humano. É preciso restaurá-la. É insuficiente, conhecer dados ou informações isoladas. Eles necessitam estar inseridos em seu contexto para que adquiram sentido. Uma palavra, para ter sentido, necessita do texto, e este do contexto no qual se expressa. Isto não significa que devemos renunciar a compreensão das partes pela das totalidades, nem da análise pela síntese; é necessário interligá-las.

Contribuindo para o nosso estudo, Demo (1990) declara que o professor não pode ser contratado somente para dar aula, mas cooperar

para a emancipação do aluno, onde este poderá criar soluções diante de problemas novos. A primeira preocupação é repensar o professor e na verdade recriá-lo. Estes se dizem ensinaidores, porque na universidade foram obrigados a apenas a aprender, mas, o docente deve ser um pesquisador, socializador e motivar o novo pesquisador no aluno.

Freire (1996), também ressalta, que ensinar não é transferir conhecimento, como num processo de depósito, mas criar condições para a sua construção; é estabelecer uma “intimidade” entre os saberes curriculares e a experiência social que eles têm como indivíduos, provocando no aprendiz uma curiosidade progressiva, capacitando-o a ser mais e mais criador, governador de si mesmo, capaz de comparar, de valorar, de escolher, de decidir, de romper e criticizar; uma curiosidade ingênua que vá se tornando em uma curiosidade epistemológica.

A escritora cristã Ellen G. White (2014, p. 18) declara que, em lugar de pusilânimes educados, as instituições de ensino deveriam formar pessoas robustas para pensar e agir, pessoas que sejam senhoras e não escravas das circunstâncias, que possuam amplidão de espírito, clareza de pensamento e coragem nas suas convicções.

107

A contribuição da Bíblia para o alcance da integridade

Numa perspectiva cristã, a educação propõe também a otimização do aspecto espiritual como uma forma de se alcançar a plenitude enquanto ser humano.

Smith (1977) anuncia que tanto a religião como a ciência, procuram satisfazer necessidades inteiramente diferentes.

O motivo religioso é como uma sede que pede água, o motivo científico, uma fome que requer comida. A água pode não satisfazer a fome, nem pode a comida satisfazer a sede. O homem necessita tanto de comida quanto de água. Ele necessita da religião e da ciência (SMITH, p. 1977, p. 103).

108 Para Pestalozzi, a religião deve ser a fonte de moralidade, ponte de acesso do homem para a sua essência divina. Entendida assim, pode ser garantia de felicidade individual, da justa ordenação sociopolítica e da educação moral. A meta da educação, extrapola a simples aquisição de uma profissão ou de uma adequação aos padrões sociais, para intentar a formação do homem moral e autônomo, em todas as dimensões; não se restringe à existência, deve agir sobre ela, visando à autonomia moral e à transcendência espiritual do homem; não se limita a aperfeiçoar noções escolares, mas de preparar para a vida, atuando de maneira autônoma e amorosa, porque sem amor, o homem está sem Deus, e sem Deus e sem amor, o homem não é homem, é inumano o homem sem Deus e sem amor (INCONTRI, 1997).

De que adianta o homem se apossar de todo o conhecimento e de toda a habilidade técnica e desenvolver suas forças físicas, se não se autodetermina para o Bem, se não se realiza como ser divino e usa suas potencialidades em benefício do próximo? (INCONTRI, 1997, p. 104).

Assim, pensando em uma educação que inclui todo o ser, Gorodovits e Fridlin (2006, p. 7) expressam a importância da Bíblia, como norteadora de comportamento, em meio à uma época em que parece não mais existir valores morais, e conter ensinamentos que podem elevar o espírito humano e fazer-nos dignos da imagem de Aaquele que nos criou.

A Bíblia é um livro que nos traz valiosíssimas orientações, desde a alimentação ideal para a conservação de um corpo saudável; normas para otimizar o convívio social; conselhos para adquirir robustez mental e, sobretudo, recomendação para leitura, reflexão e prática de seus escritos para o fortalecimento da dimensão espiritual humana. Portanto, trata-se de um compêndio que promove a educação integral.

Considerações finais

109

Não existe um homem físico separado do emocional e do espiritual. Quando dedicamos mais atenção à determinada área em detrimento de outras, estamos operando um reducionismo, uma fragmentação de um todo indivisível; acreditando que se cuidando de uma área individualmente, contribuirá para o progresso do todo. Não é como um cálculo matemático que você soma as partes para se obter um resultado. Não é simples assim! Estamos lidando com seres humanos!

A educação deve ir para além da teoria, da memorização, apesar que este e aquele são igualmente importantes, mas não exclusivos. Ela deve ser útil para tornar as pessoas mais humanas em suas relações, lapidar o nosso olhar para não deixarmos de se encantar com as pequenas, mas

fundamentais coisas da vida, como por exemplo, o cantar de um pássaro, o desabrochar de uma flor, o viver em si. Tem o propósito de iluminar a vida das pessoas, no sentido de capacitá-las a discernir entre o certo e o errado e a percorrer o melhor caminho. Visa desenvolver a autonomia, a capacidade de governar a si mesmo, não deixando que outros pensem por ela, tornando-se assim, um mero refletor do pensamento de outrem.

Referências

CARVALHO, A. B. A filosofia da educação Kantiana: educar para a liberdade. In: **Caderno de Formação: formação de professores - educação, cultura e desenvolvimento**, São Paulo, v. 2, p. 43-60, 2010. Disponível em: <<http://bit.ly/2qSsCOW>>. Acesso em: 26 maio 16.

COMÊNIO, J. A. **Didática Magna**: Tratado da arte universal de ensinar tudo a todos. 3. ed. Praga: Fundação Calouste Gulbenkiz, 1957.

DALBOSCO, C. A. (Org.). **Filosofia e Educação no Emílio de Rousseau**: o papel do educador como governante. Campinas: Alínea, 2011.

DEMO, P. **Pesquisa**: Princípio científico e educativo. 14. ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1990.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 41. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).

GIL, A. C. **Didática do Ensino Superior**. São Paulo: Atlas, 2009.

INCONTRI, D. **Pestalozzi: educação e ética**. São Paulo: Editora Scipione, 1997.

KANT, I. **Sobre a pedagogia**. Lisboa: Edições 70, Lda, 2012.

LOPES, E. P. **O conceito de educação em João Amós Comenius**. Fides Reformata, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 49-63, 2008. Disponível em: <<http://bit.ly/2rwXoiS>>. Acesso em: 26 jan. 2015.

MORAIS, R. Perspectivas na corporeidade: Consciência corporal e dimensionamento do futuro. In: MOREIRA, W. W. et al. (Org.). **Educação Física & Esportes: perspectivas para o século XXI**. 17. ed. Campinas: Papirus Editora, 2011. (Corpo & Motricidade).

111

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2. ed. Brasília: Cortez, 2011.

NARODOWSKI, M. **Comenius & a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. (Coleção Pensadores & Educação, I).

ROUSSEAU, J. J. **Emílio ou Da Educação**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

SMITH, H. C. **Desenvolvimento da personalidade**. São Paulo: Mcgraw-hill do Brasil, Ltda., 1977.

WHITE, E. G. **Educação**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2014.

NEVES, S. G.; GASPARIN, J. L. Os princípios fundamentais de Ratke e Comênio para a universalização do ensino escolar. In: **VIII Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas**. Campinas, 2009.

VEIGA, I. P. A.; CASTANHO, M. E. L. M. (Org.). **Pedagogia Universitária: a aula em foco**. 3. ed. Campinas: Papyrus, 2000.

A afetividade do professor e sua importância no processo ensino-aprendizagem

Maria Luísa de Carvalho Araújo da Silva¹

Jussara Azevedo Silva de Oliveira²

RESUMO: O presente artigo objetiva analisar a importância da afetividade do professor no processo ensino-aprendizagem, e perceber a diferença entre afetividade e motivação em virtude da fase de maturação do aluno; visa também a análise de alguns estudos já feitos em relação à afetividade e o que a falta dela pode ocasionar em termos de desmotivação na aprendizagem do

.....
¹ Pós-graduada em Psicopedagogia Clínica pela Faculdade Hoyler. Orientadora educacional no Colégio Adventista de Vila Matilde no estado de São Paulo. Graduada em Letras com Habilitação em Inglês pela Faculdade Renascença. E-mail: carvalho_luisinha@yahoo.com.br

² Professora Orientadora do TCC. E-mail: jussara.az.oliveira@gmail.com

aluno minorando a sua capacidade intelectual e o alcance de seu potencial máximo de conhecimento. Este trabalho está embasado em pesquisa bibliográfica, onde a fundamentação teórica se argumenta em autores como Axline, Boruchovith, Bzuneck e Drouet. É mencionado também que o cognitivo está vinculado e associado aos estímulos de afeto mediando o conhecimento e as relações interpessoais entre professores e alunos estabelecendo a comunicação e a aprendizagem.

Palavras-chave: Afetividade; Aprendizagem; Motivação; Dificuldade; Professor.

114

ABSTRACT: This article aims to analyze the importance of teacher affectivity in the teaching-learning process, and realize the difference between affection and motivation due to the student's maturation phase; it also aims at analyzing some studies related to affectivity and the lack it can result in terms of motivation on student learning, reducing their intellectual ability to reach their maximum potential learning. The present paper is grounded in literature, where the theoretical basis is argued in authors like Axline, Boruchovith, Bzuneck and Drouet. It is also mentioned that the cognitive is linked and associated to affection stimuli mediating knowledge and interpersonal relationships between teachers and students, establishing communication and learning.

Keywords: Affection; Learning; Motivation; Difficulty; Teacher.

Introdução

A afetividade é um fator de extrema importância no processo ensino-aprendizagem e tem sido estudada e analisada em diferentes ângulos de sua abrangência (SIQUEIRA et al., 2011, p. 2 a 4), bem como a percepção das dificuldades de aprendizagem que podem ser desencadeadas em alunos pela falta da mesma.

Estudos têm sido feitos em relação a estas dificuldades e os múltiplos fatores que interferem no processo ensino-aprendizagem, podendo prejudicar o aluno na aquisição do conhecimento.

Através de alguns estudos e análises, um dos fatores está diretamente relacionado à afetividade como motivação na aquisição do conhecimento (BORUCHOVITCH; BZUNECK, 2009, p. 9 a 13).

Quem já não ouviu a célebre frase de algum pai quando diz: “meu filho não entende tal matéria por causa daquele professor pois é muito áspero ao explicar e não permite perguntas que considere tolas ou fora de contexto” ou “Eu coloquei um professor particular para meu filho e ele respondeu tudo, mas quando foi fazer a avaliação com seu professor, deu um branco e não respondeu nada”.

Quem sabe ainda ao ler um livro, se depare com uma situação em que os protagonistas da história desenvolvem uma ligação tão intensa e afetiva que conseguem solucionar problemas de relacionamento familiar e até mesmo social e cognitivo quando alguém teve um olhar diferenciado (AXILINE, 1964).

Numa época em que a formação continuada do professor tem sido exigida de forma bastante intensa e legalmente, não usando a simples

rotulação de um aluno em virtude de suas dificuldades, ou quem sabe criando bloqueios emocionais causados por essas mesmas rotulações, o objetivo do presente trabalho é perceber a diferença entre afetividade e motivação em virtude da fase de maturação do aluno; analisar os tipos de dificuldades de aprendizagem desenvolvidos pela falta de afetividade; auxiliar professores, educadores e demais profissionais de áreas afins na reflexão sobre a importância da afetividade no processo ensino-aprendizagem.

Nesse processo, algumas perguntas são inevitáveis, como: O que é afetividade? Qual a importância e relevância da afetividade estabelecida pelo professor em relação ao aluno no processo de ensino-aprendizagem? A falta de afetividade no processo acadêmico pode desencadear algum tipo de dificuldade de aprendizagem?

No presente artigo não serão analisados conteúdos específicos adquiridos através das formações em graduações ou especializações como os transtornos ou distúrbios por exemplo, mas sim algumas dificuldades apresentadas pelos alunos, que estão interligadas à afetividade e aos professores o qual farão sua inserção e intercâmbio no mundo acadêmico, despertando-os assim para o prazer de aprender.

116

Aprendizagem: conceitos básicos e seus elementos fundamentais do processo de ensino-aprendizagem

Quando falamos da afetividade no processo ensino-aprendizagem, é necessário que se compreenda desde a própria raiz da palavra como o que pode estar implícito através dela.

Segundo o dicionário Michaelis (2000), “afetividade é um termo derivado da palavra afeto e significa a capacidade de exprimir-se na linguagem a emoção que nos despertam as ideias enunciadas, bem como despertar nos outros idêntica emoção”, ou seja, se é capaz de despertar nos outros idêntica emoção, estabelece-se assim uma comunicação, pois entendo e me faço entender. No âmbito da psicologia, afetividade é a capacidade individual de experimentar o conjunto de fenômenos afetivos (tendências, emoções, paixões, sentimentos). A afetividade consiste na força exercida por esses fenômenos no caráter de um indivíduo e tem um papel crucial no processo de aprendizagem do ser humano, porque está presente em todas as áreas da vida, influenciando profundamente o crescimento cognitivo (Dicionário de Língua Portuguesa Online).

Para entender como esse processo funciona é preciso primeiramente compreender como a aprendizagem acontece, os fatores necessários básicos para que ela se estabeleça e quais as dificuldades que podem aparecer caso haja entraves no seu percurso.

Estudiosos como Drouet (1990) e Fernández (1991) apresentaram várias questões das dificuldades de aprendizagem e os múltiplos fatores que interferem no processo ensino-aprendizagem, podendo prejudicar o aluno em seu processo acadêmico.

Estas dificuldades podem ser percebidas através da desmotivação e indisciplina na sala de aula e escola, ou mesmo através da apatia e alienação na execução de atividades propostas.

A aprendizagem, para Drouet (1990, p. 7 e 8) é como parte de um processo social de comunicação — a educação -, apresenta os seguintes elementos:

- ♦ **Comunicador ou emissor**, representado pelo professor ou pelas máquinas de ensinar, como transmissores de informações ou agentes do conhecimento. O comunicador tem uma participação ativa no processo educativo, devendo estar motivado e ter pleno conhecimento da mensagem que irá transmitir a seus alunos.
- ♦ **Mensagem**, que é o conteúdo educativo, ou seja, os conhecimentos e as informações transmitidas aos alunos. A mensagem deve ser adequada à idade mental do educando. Deve ser clara e precisa para ser bem-entendida.
- ♦ **Receptor da mensagem**, que é o aluno. O receptor não tem um papel passivo; deve ser um receptor crítico dos conhecimentos e informações que lhe são transmitidos.
- ♦ **Meio ambiente**, que é o meio escolar, familiar e social, onde se efetiva o processo de ensino-aprendizagem. O meio ambiente deve ser estimulador da aprendizagem e, portanto, propício ao bom desenvolvimento do processo educativo.

É muito importante o papel desses quatro elementos no processo de ensino-aprendizagem que acontece primeiramente na família e posteriormente na escola. Se qualquer um deles falhar, haverá um obstáculo à comunicação, o que poderá causar problemas de aprendizagem.

Além destes elementos no processo de ensino aprendizagem, segundo Drouet (1990, p. 10 e 11), é necessário analisar sete fatores fundamentais para que a aprendizagem se efetive:

- ♦ **Saúde física e mental**: o indivíduo seja capaz de aprender e apresenta um bom estado físico geral;

- ♦ **Motivação:** o fato de querer aprender garante à criança um maior sucesso na aquisição de conhecimentos;
- ♦ **Prévio domínio:** Domínio de certos conhecimentos, habilidades e experiências anteriores;
- ♦ **Maturação:** o processo de diferenciações estruturais e funcionais do organismo, levando a padrões específicos de comportamento
- ♦ **Inteligência:** capacidade de assimilar e compreender as informações que recebe; de estabelecer relações entre várias dessas informações;
- ♦ **Concentração ou atenção:** capacidade de fixar-se em um assunto;
- ♦ **Memória:** “A criança aprende por experiências concretas através de seus sistemas sensoriais”.

Fernández (1990, p. 31) afirma também que:

A origem do problema de aprendizagem não se encontra na estrutura individual. O sintoma se ancora em uma rede particular de vínculos familiares, que se entrecruzam com uma também particular estrutura individual.

Ainda na década de 80, estudos e pesquisas específicas, tanto no Brasil sob coordenação do Prof. Miguel de La Puente, da UNICAMP (BORUCHOVITCH; BZUNECK, 2000, p. 7), como

no mundo (STIPEK, 1996), começaram a ser canalizados para o auxílio a professores, educadores e psicólogos educacionais nas questões de motivação no contexto escolar, já que pode se perceber que as crianças em fase escolar inicial demonstram um grande interesse na aprendizagem quando começam sua trajetória acadêmica, mas que algumas perdem esse interesse e motivação no decorrer do processo.

Mas esta não é uma problemática que surge apenas nesta época. Por que não citar o relato detalhado e minucioso na leitura do livro *Dibs: Em busca de si mesmo*, datado por volta de 1964, onde a autora Dra. Virgínia M. Axline narra com particularidades, a trajetória de observação e intervenção na vida acadêmica de um aluno aparentemente fora de condição de aprendizagem para muitos, inclusive para seus pais e professores, mas que numa tentativa de descarte de todas as possibilidades trabalhadas com o mesmo, sua psicóloga pode entender e fazer entender que a afetividade está ligada de uma forma intensa e completamente pertinente à aprendizagem. Podemos mencionar um trecho retratando a angústia de pessoas que estavam ligadas a ele neste processo de ensino-aprendizagem, porém não conseguiam avançar em suas estratégias já que *Dibs* “não apontava espaço” para ser encontrado:

Os professores estavam inteiramente frustrados em relação a Dibs. A psicóloga da escola o havia observado e tentado testá-lo várias vezes, mas ele não estava pronto para ser testado (AXLINE, 1984, p. 14)

Mas o que significa estar pronto para ser testado?

É preciso compreender que enquanto a criança ou adolescente e o professor ou pessoa envolvida no canal de comunicação mencionado por DROUET não estiverem prontas, não haverá comunicação, e isso acontece pelo fato do seu grau de maturação, seja ele biológico ou cognitivo, não ter se desenvolvido.

No âmbito das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica, Carneiro (2015) explica que:

os aspectos físico, afetivo, psicológico, intelectual e social sejam priorizados na sua formação, complementando a ação da família e da comunidade e, ao mesmo tempo ampliando e intensificando, gradativamente, o processo educativo com qualidade social, mediante: o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo.

121

A afetividade envolve vários aspectos na aprendizagem em que todos os agentes envolvidos acabam tendo sua parcela de participação e podem, quando forem desenvolvidas de forma adequada, produzir resultados fantásticos. Por outro lado, a sua não utilização, ou uso de forma errada pode acarretar bloqueios desnecessários.

Chalita (2001) no capítulo sobre os atores no processo educacional, ele menciona a importância de tanto professores quanto alunos estarem em sintonia. Ele diz que:

O professor só conseguirá fazer com que o aluno aprenda se ele próprio continuar a aprender. A aprendizagem do aluno é indiscutivelmente, diretamente proporcional

à capacidade de aprendizado dos professores. Essa mudança de paradigma faz com que o professor não seja o repassador de conhecimento, mas orientador, aquele que zela pelo desenvolvimento das habilidades de seus alunos. Não se admite mais um professor mal formado ou que pare de estudar (CHALITA, 2001, p. 179).

É importante mencionar que afetividade e motivação são características necessárias, mas bastante diferentes entre si, partindo do próprio significado das mesmas. Como vimos anteriormente a afetividade está interligada ao processo de despertar no outro a mesma emoção que sentimos ao descobrir algo, já a motivação significa “um impulso que faz com que as pessoas ajam para atingir seus objetivos”.

É um processo responsável por iniciar, direcionar e manter comportamentos relacionados com o cumprimento de objetivos.

122

O fato de querer aprender (motivação) garante à criança um maior sucesso na aquisição de conhecimentos, habilidades ou técnicas. O interesse é, portanto, a mola propulsora da aprendizagem. Os motivos que a criança tem para aprender situam-se nos vários níveis de desenvolvimento humano (níveis biológico, psicológico e social).

Todo comportamento humano pode ser visto como a busca do equilíbrio, ou seja, como a procura do bem-estar pelo indivíduo, tanto em relação a si mesmo como em relação ao meio ambiente em que vive. O equilíbrio nos traz satisfação, o desequilíbrio, tensão.

A criança pode querer aprender por vários motivos:

- ♦ Para satisfazer à sua necessidade biológica de exercício físico, com a finalidade de liberar energia.

- ◆ Ao ser estimulada pelos órgãos dos sentidos, como por exemplo pela visão das cores alegres de um material pedagógico.
- ◆ Ao sentir-se motivada para uma atividade mental, quando consegue resolver um problema ou entender bem uma explicação do professor.
- ◆ Para evitar a punição dos pais, caso não apresente boas notas nos estudos.
- ◆ Por sentir necessidade de conquistar um prêmio ou uma boa classificação na escola, que lhe deem status no meio social que frequenta. O fato de garantir a admiração da família ou dos colegas também é uma boa motivação para aprender.

A maturação se dá por etapas que se sucedem sempre em uma mesma sequência, embora em tempos diferentes para cada indivíduo. A sequência de sentar, arrastar-se, engatinhar e andar é um exemplo do processo de maturação biológica.

A maturação e a aprendizagem são processos diferentes, porém intimamente ligados, pois a maturação é que cria condições para que as aprendizagens ocorram. Nelas não há predomínio da hereditariedade ou do ambiente, pelo contrário, há uma interação perfeita entre ambos.

Em virtude da falta de interesse apresentada por parte de muitos alunos, pois o processo desenvolvido em sala de aula está distante do que ele considera parte do seu cotidiano, como, por exemplo, acontece ao indagar seu professor sobre qual a necessidade de se aprender a classificação das “orações subordinadas”, ou quem sabe o porquê do “teorema de Pitágoras” - e em se tratando daquilo que o professor muitas vezes procura desenvolver

para “cumprir” uma grade curricular que perceptivelmente não condiz com a situação vivenciada em sala de aula, o processo ensino-aprendizagem fica incompleto e muitas vezes maquiado por um sistema que não se preocupa com o resultado final: um cidadão capaz de exercer sua cidadania e explorar o seu potencial máximo do conhecimento.

Considerações Finais

Como se pode perceber através das citações e ponderações feitas, muitas são as áreas de estudo pertinentes a esse assunto. Porém algo que não pode ser esquecido em hipótese alguma é que, além da necessidade de buscar alternativas, soluções e explicações através de formação continuada dada aos professores, bem como especializações feitas por eles mesmos, já que não podem perder o prazer de aprender, está o fato de que quando entramos em contato com algo ou alguém com temos relações afetivas preponderantes e significantes, o processo de aprendizagem fica muito mais dinâmico e interativo.

A afetividade determinará o tipo de relacionamento entre o professor e o aluno, e que trará, junto a este relacionamento, a diretriz de como o aluno adquirirá novos conhecimentos, não se conformando em apenas apresentar resultados quantificados através de notas ou menções, podendo inclusive fazer com que ele alcance o seu potencial máximo de conhecimento e de capacidade intelectual.

Sem dúvida alguma, o desenvolvimento da afetividade nos agentes educacionais, seja através de empenho e dedicação, seja através de

empatia pela problemática do aluno, e muito mais as consequências e resultados acarretados por este desenvolvimento é que podem tornar a sala de aula e a escola um lugar de interação, tranquilidade, confiança reais e, acima de tudo, de aprendizagem para todos os envolvidos, sejam eles, professores ou alunos.

Referências

- AXLINE, V. M. **Dibs**: em busca de si mesmo. São Paulo: Círculo do Livro, 1964.
- BORUCHOVITH, E.; BZUNECK, J. A. **A Motivação do aluno**: Contribuições da Psicologia Contemporânea. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.
- CARNEIRO, M. A. **LDB Fácil**: Leitura Crítico-Compreensiva Artigo a Artigo. Rio de Janeiro: Vozes, 2015.
- CHALITA, G. B. I. **Educação**: A solução está no afeto. São Paulo: Ed. Gente, 2001.
- DROUET, R. C. R. **Distúrbios da aprendizagem**. São Paulo: Ed. Ática, 1990.
- FERNÁNDEZ, A. **A inteligência aprisionada**. Porto Alegre: Artmed, 1987.
- SIQUEIRA, A. M. O.; NETO, D. D. S.; FLORÊNCIO, R. **A importância da afetividade na aprendizagem dos alunos**. Disponível em: <http://migre.me/uwNOP>. Acesso em: 31 de julho de 2016.

A interação na educação a distância — a necessidade de preparo do docente.

Mariano Brum Alves¹

Amaury César Ferreira²

Resumo: O artigo trata da importância da formação do docente da Educação a Distância para que este acompanhe os avanços tecnológicos e contribua de forma eficaz para a formação do aluno. Este estudo relembra a importância do preparo não só para o benefício do próprio aluno, mas para a confiança do próprio docente. Nos lembra

.....
¹ Bacharel em Direito pela Universidade Veiga de Almeida — RJ. Graduando em Teologia pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo, campus Engenheiro Coelho — SP. Pós graduando em Docência Universitária pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo. E-mail: marianobrum@gmail.com.

² Professor da Faculdade Adventista de Hortolândia, FAH-Unasp e do Centro Universitário Adventista de São Paulo, Unasp-VL. e-mail: amaury.ferreira@ucb.org.br.

também que o desenvolvimento de algumas características do aluno, pelo docente, através do diálogo, ainda que não relacionadas com a matéria, é um ponto crucial para o sucesso da experiência discente no Ensino a Distância.

Palavras Chave: Ensino a Distância; Formação Docente; Desenvolvimento.

Abstract: The article deals with the importance of training the Education teacher Distance to this track technological advances and contribute effectively to the student's education. Recalls the importance of preparation not only for the benefit of the student himself, but for the confidence of the teaching itself and the development of some characteristics of the student, the teacher, through dialogue and the development of some characteristics, although not related to matter, it is a crucial point for the success of this experience in distance education.

128

Keywords: Distance Education; Teacher Training; Development.

Introdução

O presente artigo apresenta um relato sobre a evolução do Ensino a Distância, que tem alcançado novos alunos e oportunizado a educação para inúmeros indivíduos que, se não fossem pelas características peculiares da EaD, não teriam condições de acessar a educação.

Entretanto, o avanço das tecnologias tem ocorrido de uma forma muito rápida, fazendo com que a EaD que antes não possuía qualquer tipo de interação do professor com o aluno, passe a ter essa possibilidade através dos *chats*, *webcams*, aplicativos para comunicação instantânea. Porém, a docência da EaD parece não estar preparada para utilizar essa possibilidade de interação para melhorar a *performance* do Ensino a Distância.

Para compreender esse fenômeno, é necessário entender que a mentalidade educacional tradicional sobre o papel do docente precisa ser “atualizada”, isto é, novas concepções precisam ser consideradas para que a eficácia da EaD seja um fato e não uma mera expectativa.

O estudo toma como referencial teórico o pressuposto de que a aprendizagem é, em essência, uma experiência social, de interação pela linguagem e pela ação (VYGOTSKY, 1984); e como o docente pode e deve se preparar com essa ênfase para que entenda a realidade do aluno e, deste modo, contribua para a sua formação através do ensino a distância.

129

O cenário atual da EaD

O conceito de Educação a Distância revelava que o docente e o aluno não se encontrariam temporal e espacialmente, uma vez que haveria entre eles, como intermediário, a tecnologia de comunicação. Entretanto, com o vertiginoso avanço da tecnologia, essa

compreensão não corresponde com a atualidade. Esse abrupto avanço provocou um reflexo antagônico no âmbito educacional, em razão de que essas novas tecnologias oportunizam aos professores e alunos uma interação quase que “olho no olho”.

Esta mudança trouxe inúmeras oportunidades para abertura de novos cursos para mais alunos, possibilitando o acesso à educação para milhares de brasileiros; no entanto, este “olho no olho” mostra que o docente que não teve contato com a Educação a Distância em sua grade de formação acadêmica revela-se hesitante quanto à eficácia do ensino a distância, por vezes preferindo o ensino presencial.

Tanto a falta de informação quanto o medo de migrar do tradicional para o novo, bem como o despreparo de alguns professores de EaD, criam um abismo cultural entre o ensino tradicional e o ensino a distância, levando o aluno a um preconceito quanto à eficiência deste “novo” método de ensino.

De acordo com Cavalcanti (2012), o resultado desta divergência entre o mito e a realidade levou com que vários alunos perdessem a motivação para prosseguir nos cursos. De acordo com a Associação Brasileira de Educação a Distância (Abed), o índice de desistência em cursos em EaD nos Estados Unidos é de 40%, na Alemanha de 60% e no Brasil chega a 80%.

Entretanto, percebe-se ainda uma sucessiva procura por educação, em razão não somente do crescimento populacional, mas também das lutas das classes trabalhadoras por acesso à educação, ao saber socialmente produzido; concomitantemente à evolução dos conhecimentos científicos e tecnológicos, estão sendo

exigidas mudanças em nível da função e da estrutura da escola e da universidade (PRETI, 1996).

A EaD está provocando uma mudança que está reorientando os modelos de ensino — aprendizagem em uso —, além do fato de que uma reflexão sobre a qualificação dos docentes merece ser considerada.

O docente

Quando a EaD deu seus primeiros passos, muitos professores não se mostravam a favor das novas tecnologias na educação. Talvez isso tenha ocorrido em razão de que a formação e experiência dos professores foram baseadas nas aulas presenciais, criando uma dificuldade na aceitação desta ferramenta de ensino.

Cavalcanti (2012) defende que, como resultado do avanço da EaD nos meios acadêmicos, os professores passaram a ter preocupações legítimas sobre o seu papel, à medida em que o modelo de aprendizagem muda da transmissão para a interação (TAPSCOTT, 1998). “O importante é compreender que, ao mudar de uma educação centrada no professor para uma educação centrada no aluno, não significa que, de repente, o professor desempenha um papel menos importante” (CAVALCANTI, 2012). O professor continua tendo um papel crucial e valioso na EaD, pois é a figura primordial para criar, planejar e animar experiências de aprendizagem.

As metodologias e o papel do docente têm sido afetados pela expansão da EaD, que, influenciada por um mundo globalizado,

exige formação atualizada e crescente necessidade de educação de qualidade. Sendo assim, a mudança é necessária, pois ela estabelecerá a mesma relação educativa com os alunos: um elo crucial que proporcionará a conservação nos interessados o desejo de aprender, mas agora com novos recursos tecnológicos (SILVA, 2003; MASETTO, 2000; MORAN, 2000).

Neste contexto de constantes mudanças de tecnologias e de cenários, o professor deve ser capaz de lidar com tudo isso; deve estar preparado para ser um criativo coautor na produção e difusão do conhecimento, em uma visão autônoma da aprendizagem colaborativa.

A conscientização, capacitação e formação de professores representam uma urgente necessidade, para que esses profissionais estejam de fato preparados para a docência nesta forma de ensino. O preparo traz confiança do docente em sua profissão, certeza de seu valor e de que seu lugar não está sendo tomado por uma ou outra tecnologia. Na realidade, esta capacitação revelará um promissor campo de trabalho a ser explorado e preenchido por docentes capacitados e interessados em ensinar e aprender por meio da EaD.

Vygotsky (1987, p. 18) afirmou que “o verdadeiro curso do desenvolvimento do pensamento não vai do individual para o socializado, mas do social para o individual”. Esta afirmação marca o rompimento com a teoria condutista, que consistia num processo de transmissão de informações por parte do professor e memorização passiva e repetitiva pelo aluno.

Devido a este rompimento, lembrado por Vygotsky, compreende-se que o docente se tornou, ou deveria se tornar, um

agente social que desenvolve o seu trabalho “exposto cotidianamente às condições de vida, características culturais e problemas econômicos, familiares e sociais dos sujeitos com quem trabalha” (FIERRO et al., 1999, p. 21).

Tendo como pressuposto inicial dessa discussão o fato de que a aprendizagem é, em essência, uma experiência social, de interação pela linguagem e pela ação (VYGOTSKY, 1984), torna-se necessária a análise de modelos, de canais e de métodos que são utilizados para facilitar o processo interativo, demonstrando que a interação tem um papel importante na modalidade EaD.

No âmbito da EaD, a palavra interação é um termo que pode representar inúmeros desafios resultantes da comunicação não verbal, que é mediada pela tecnologia. Porém, a interação continua sendo a representação de um fenômeno da humanidade, que não pode ser ignorado pelo docente, em razão de sua diversidade psicológica, social, linguística, semiótica e antropológica. Assim, a interação ocorre entre pessoas com estilos de vida, ideias, crenças, níveis socioeconômicos, habilidades, conhecimentos, preconceitos e limitações diferentes (LANDIM, 1997).

Sobre as transformações promovidas pelas tecnologias, Giddens (1991, p. 29) utiliza o conceito de “desencaixe”, referindo-se “ao deslocamento das relações sociais de contexto locais de interação e sua reestruturação através de extensões indefinidas de tempo-espaço”, fato novo que estimula novidades no âmbito educacional e adquire solidez na EaD em geral e no preparo de seus docentes.

Gobson (2003) e Keegan (1996) analisaram estatísticas e índices de sucesso dos alunos que estudam a distância, identificando o

perfil mais provável para o sucesso na EaD. As características que os autores destacam como fundamentais para o sucesso de alunos em EaD são: organização, concentração, automotivação, maturidade, o que exige autodisciplina, autonomia, persistência, independência. Além disso, os alunos necessitam possuir flexibilidade e fácil adaptação às mudanças. Este autor humildemente compreende que essas características não revelam o ideal de um aluno virtual bem-sucedido, mas apenas indicam um caminho possível, completamente necessário para que esses estudantes usufruam estrutura adequada (suporte técnico) e apoio no ambiente on-line por parte do docente.

Características de um aluno de sucesso e o papel do docente

Autonomia e motivação podem se destacar entre as características que mais têm atraído a atenção por parte dos pesquisadores. A autonomia ganha destaque à medida que o aluno precisa separar seus espaços e tempo para o estudo e administrar o seu processo de aprendizagem. Pode ser definida como a capacidade de se autogovernar e autocontrolar, não dependendo do outro e sendo capaz de tomar as próprias decisões (PIAGET, 1977).

Martins (2002, p. 12) afirma que, na literatura, o tema surge relacionado algumas vezes “à ideia de participação social e, em outros, à ideia de ampliação da participação política no que tange a questões de

descentralização do poder”. Moore (2002), falando sobre a EaD, afirma que, quanto à autonomia, é o aluno e não o professor que deve decidir sobre os objetivos e as experiências de aprendizagem, o qual deve tomar as decisões quanto à avaliação do programa de aprendizagem.

Sobre a motivação, Campos (1993) afirma que ela pode ser considerada um processo interior, no indivíduo, que deflagra, mantém e dirige o comportamento. Dentre os vários conceitos sobre a motivação, Murray (1986) afirma que existe um consenso de que é o motivo, como fator interno, que inicia, conduz, mantém e integra o comportamento da pessoa. Compreendê-la, portanto, é crucial para o comportamento, para as aprendizagens, para as atitudes, e, conseqüentemente, para o sucesso em cursos de EaD.

Em nossa era digital, o diálogo é quase que uma “espécie em extinção”; a ausência do “olho no olho”, *face-to-face*, tem dificultado o progresso do ensino. O ser humano tem se isolado atrás de suas máquinas, não tendo nenhuma interação com outros de sua espécie.

Sobre esse isolamento provocado pela ausência de diálogo nas sociedades industriais, Habermas (1987) comenta que os problemas não se encontram na ciência ou tecnologia, mas na ausência da razão comunicativa que contém em si as possibilidades de diálogo sobre questões vitais para os indivíduos. Bakhtin (1988) igualmente demonstra o papel da linguagem e do diálogo como um objetivo a ser atingido em face à incomunicabilidade da nossa era. Relata que o fenômeno social da interação verbal se realiza através da enunciação, mas não é uma enunciação monológica isolada (BAKHTIN, 1988, p. 117).

O diálogo também é visto por Freire como a abertura respeitosa aos outros, como objetivo da reflexão crítica e da aventura docente. “Seria impossível saber-se inacabado e não se abrir ao mundo e aos outros à procura de explicação, de respostas a múltiplas perguntas” (FREIRE, 1987).

Nas ideias destes três últimos autores — Habermas, Bakhtin e Freire —, encontra-se o alicerce para a reflexão da necessidade de uma formação propícia para os docentes em EaD, alertando para a necessidade de interações mais autênticas entre a equipe docente formadora (autor, formador e tutor) e os discentes.

Considerações finais

136

O docente da EaD, ainda que utilize a tecnologia como meio de comunicação, deve estar preparado para interagir com seus alunos de modo a promover nestes as características de sucesso para a EaD, dentre as quais destacam-se como principais a autonomia e a motivação.

A Educação a Distância é um sistema interconectado a outras práticas sociais e, por isso, faz-se necessário que novas posturas superem as tradicionais, para que a interlocução e a comunicação dos sujeitos da ação educativa e a autonomia do estudante no processo de construção de sua aprendizagem tornem-se algo realmente viável.

A meta a ser perseguida pela docência é administrar tudo que se refere ao novo conceito de temporalidades, onde o que realmente

importa não é o sentido cronológico do tempo, mas fundamentalmente o relacional e o comunicativo.

Diante do que foi exposto, conclui-se que a formação de professores em ambientes virtuais deve ser considerada de uma forma que o docente seja preparado para a realidade que o aguarda, que o diálogo com o aluno seja favorecido por um esboço didático e que seja proporcionado um tempo adequado ao discente para aprendizagens significativas.

Em suma, o relato aqui apresentado deixou evidente a importância da comunicação dialógica entre as partes envolvidas no ensino e na aprendizagem do ensino superior a distância. Isto é algo que exige do tutor a reflexão continuada sobre o processo comunicacional adotado em sua prática docente, que deixa de ser estritamente expositiva — por vezes, autoritária —, para assumir as cores do diálogo construtivo, que objetiva a emancipação do aprendiz.

137

Referências

- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1988
- CAMPOS, D. M. S. **Psicologia da aprendizagem**. 23 ed. Petrópolis: Vozes, 1993.
- CAVALCANTI, C. M. C. **Tendências e Possibilidades da Educação a Distância como modalidade de ensino**. Disponível em: <<http://bit.ly/2qdwJ6P>>. Acesso em: 01 nov. 2016.

FIERRO, C., FORTOUL, B., E ROSAS, L. **Fundamentos de Programa: Transformando la prática docente**. México: Paidós, 1999.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GOBSON, C. C. Learners and learning: the need for theory. In: MOORE, M. G.; ANDERSON, W. G. (Eds.). In: **Handbook of Distance Education**. Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates, 2003.

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991.

HABERMAS, J. The theory of communicative action. In: **Lifeworld and system: A critique of functionalist reason**. Boston, Beacon Press, 1987. v. 1.

138

KEEGAN, D. **Foundations of Distance Education**. 3 ed. London: Routledge, 2006.

LANDIM, C. M. F. **Educação a distância: algumas considerações**. Rio de Janeiro, 1997.

MARTINS, A. M. **Autonomia da escola: a (ex)tensão do tema nas políticas públicas**. São Paulo: Corte, 2002.

MORAN, J. M. O que é Educação a Distância. Universidade de São Paulo. Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/prof/moran/dist.htm>>. Acesso em: 02 nov. 2016.

MOORE, M. G. Teoria da distância transacional. Tradução: Wilson Azevedo. Revisão de tradução: José Manuel da Silva. **Revista Brasileira de Aprendizagem Aberta e a Distância**, 2002.

MURRAY, E. **Motivação e emoção**. 5 ed. Trad. de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

PIAGET, J. **O julgamento moral na criança**. Editora: Mestre Jou. São Paulo, 1997.

PRETI, O. **Educação a Distância**: uma prática educativa mediadora e mediatizada. Cuiabá: NEaD/ IE —UFMT. 1996.

SILVA, R.F. da. **As técnicas imagéticas e educação a distância**: Telecurso 2000 . ETD, Campinas, v.2, n 03, abr.2011. Disponível em < <http://www.ssoar.info/ssoar/handle/document/24378> > acesso em 01 de novembro de 2016.

TAPSCOTT, D. (1998) *Creciendo en un entorno digital: La generación Net* (pp 117- 146, La Generación-N y el aprendizaje, 193-216 La Generación-N en el trabajo) Mc Graw Hill.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente** : o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 6. ed. São Paulo> Martins Fontes , 1998b.

A docência do fisioterapeuta no Brasil — revisão bibliográfica

Mariucha Souza de Oliveira Ruis¹

Lucas Côrtes Machado Agostini²

Resumo: O crescente número de cursos de graduação na área da saúde promove uma busca por docentes qualificados na sua área técnica de graduação e também na execução de um planejamento pedagógico. A fisioterapia é uma área que vem crescendo, mas encontrou-se uma defasagem de periódicos voltados a docência. O intuito deste artigo é mostrar que o fisioterapeuta pode seguir a linha de docência, além de contribuir para o crescimento do desenvolvimento de novos periódicos, através de uma revisão bibliográfica. Os cursos de graduação muitas

.....
¹ Pós-graduanda do Centro Universitário Adventista de São Paulo — Unasp — Campus Virtual. Fisioterapeuta. E-mail: marisoliver@msn.com.

² Atuação: Profissional de Educação Física. Função: Professor da Rede Adventista de Educação. E-mail: lcmagostini@gmail.com

vezes não oferecem um conteúdo voltado para as necessidades sociais, a relação entre a parte acadêmica, ou seja, planejamento pedagógico deve estar consoante com a formação dos futuros profissionais. A docência rompe as fronteiras da profissão exclusiva, pois existe a necessidade de aprimorar o conhecimento através da interdisciplinaridade.

Palavras-chave: Fisioterapia; Docência; Pedagógico; Graduação.

Abstract: The growing number of undergraduate courses in health promotes a search for qualified teachers in their technical area of undergraduate and also in the implementation of an educational planning. Physical therapy is an area that is growing, but there are few scientific articles directed to teaching. The purpose of this article is to show that the physical therapist can follow the line of teaching, and contribute to the growth new scientific articles through literature review. Undergraduate courses should involve academic content with social needs, as this educational planning will produce benefits for future professionals. The teaching should be interdisciplinary with a focus on knowledge among the various professions.

142

Keywords: Physiotherapy; teaching; graduation.

Introdução

As atividades da fisioterapia estão dispostas na Lei 6.316/75, Resoluções do COFFITO, Decreto 9.640/84, Lei 8.856/94. Dentro da suas

áreas de atuações o Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional (COFFITO) prevê: fisioterapia clínica, saúde coletiva, industrialização e comercialização de equipamentos de uso fisioterápico e educação. Este artigo buscou uma revisão bibliográfica sobre a atuação deste profissional da saúde no âmbito da educação, visto que o seu trabalho pode atingir direção e coordenação de cursos, docências (níveis secundário e superior), extensão, pesquisa, supervisão técnica e administrativa. Segundo registros do Ministério da Educação e Cultura (MEC) são 661 registros de cursos de fisioterapia credenciados no Brasil, ou seja, o fisioterapeuta docente possui uma relevância na educação de futuros profissionais e este número pode ser ainda maior ao levarem-se em conta os diversos cursos no âmbito da saúde. Araujo et al. (2011) fez uma análise de 76 produções científicas nas bases Lilacs e SciELO sobre a docência na saúde, predominante da região sudeste do Brasil, os autores representavam: 43,4% enfermeiros, 32,8% médicos e outras profissões da saúde ficaram abaixo dos 10%. Esta revisão sistemática sobre a atuação do fisioterapeuta como docente é pertinente visto o baixo número de periódicos desenvolvidos, além disso, busca demonstrar a identidade e habilidades que precisam ser desenvolvidas por estes profissionais que visam à educação.

143

Contexto histórico

A fisioterapia surgiu no país em 1929, quando houve o primeiro curso técnico na Santa Casa de Misericórdia em São Paulo. Segundo

Bispo Júnior (2009) trata-se de uma profissão recente, com menos de quarenta anos de regulamentação. Houve aumento do número de cursos e de vagas na década de 1990 e atingiu sua expansão a partir de 1997. A regulamentação da fisioterapia no Brasil como curso de nível superior aconteceu em 1969, com o decreto-lei 938, justamente quando a ditadura militar estava no seu ápice, as condições de saúde da população devido a sobrecarga epidemiológica e à deficiência do sistema assistencial brasileiro (BRASIL, 1969). No seu estudo, Bispo Júnior (2009) apresenta alguns números relevantes quanto ao crescimento da formação em fisioterapia, sendo influenciados por contextos políticos, econômicos e sociais: 1969, existiam apenas seis cursos da graduação, após 15 anos surgiram mais dezesseis, totalizando em 22 cursos em 1984. O crescimento lento foi favorecido pela pequena expansão do ensino superior no país, em decorrência da repressão do regime militar à educação superior, foco de resistência do regime ditatorial, além do pouco conhecimento das competências e dos benefícios da fisioterapia sobre a saúde da população. Em 1995, atingiu 63 cursos de fisioterapia, mas a partir deste ano a expansão tornou-se acelerada, visto que em 2008 eram 479 cursos desta graduação. Uma das motivações foi a valorização da profissão pela sociedade.

Na atualidade são 661 registros de cursos de fisioterapia credenciados no Brasil, registros do Ministério da Educação e Cultura (MEC). O fisioterapeuta docente possui uma relevância na educação de futuros profissionais e este número pode ser ainda maior ao levar-se em conta os diversos cursos no âmbito da saúde. Meyer et al. (2006); Rebellato e Dias (2005) revelam que a estrutura, a metodologia

de ensino e a organização curricular dos cursos de fisioterapia não se baseavam nas demandas sociais e nas políticas públicas de saúde, pouco envolvimento dos discentes e docentes com políticas institucionais e governamentais. As Diretrizes Curriculares Nacionais do curso de graduação de Fisioterapia foram instituídas, em 2002, pelo Conselho Nacional de Educação favorecendo para uma formação e orientação do ensino definindo princípios, fundamentos e condições para a formação em todas as instituições de ensino (BRASIL, 2002). Para Bispo Júnior (2009), os Ministérios da Educação e Saúde devem atuar juntamente no processo de regulação da criação de novas vagas para cursos de fisioterapia, além disso, destaca a importância de oferecer um ensino de qualidade aliado a necessidade do profissional de cada região. Os cursos de graduação na área da saúde possuem uma dissociação de seus conteúdos das necessidades sociais, o planejamento dos Projetos Político Pedagógicos e a prática docente devem ser ajustados para que a formação dos futuros profissionais seja voltada para o desenvolvimento do espírito científico e do pensamento crítico-reflexivo, aumentando e melhorando a qualidade das pesquisas e garantindo o atendimento das exigências da contemporaneidade (FARIA; CASAGRANDE, 2004; VARJABEDIAN et al., 2015).

145

Formação de docente para ensino superior

Na visão de Moraes (2008) o ensino superior exige profissionais capacitados e competentes em áreas diversas do conhecimento para

atuar no ensino, formando de maneira concreta os profissionais, entregando-os ao mercado de trabalho. A produção científica em nossa educação deve ser estimulada a crescer cada vez mais dando valor e qualidade ao ensino e principalmente dando a possibilidade de se refletir, repensar e aprender a usar a informação e nossa subjetividade (visão crítica) para produção de conhecimento (MORAES; PAGNEZ, 2007). Em nosso país existe uma “tradição” reprodutivista quanto devido à carência de produção nacional que investigue e desvende a realidade local, a partir de seus condicionantes históricos e materiais, para que a atuação ultrapasse a visão reabilitadora e alcance novas formas de assistência à saúde (COSTA, 2010).

146

Para Moraes e Pagnez (2007) e Batista (2005) o aluno deve ser sujeito e não apenas objeto da aprendizagem e também participante do processo de ensino. Neste quadro o docente não pode ser o onipotente do conhecimento e sim parceiro da construção do conhecimento. Ministrar aulas no curso de graduação em fisioterapia é preciso possuir curso de pós-graduação, preferencialmente *strictu sensu* (mestrado e doutorado). A pós-graduação é necessária, já que o curso de fisioterapia é de bacharelado, não habilitando para a docência (AZEVEDO, 2005).

Em seu estudo Moraes e Pagnez (2007) destaca que com a demanda de um docente para orientar é preciso ter consciência na qualidade de ensino com intuito de educar elaborando um trabalho com inovações e contribuições para a profissão. Ainda destacam a identidade do docente fisioterapeuta com postura cômoda viciada no automatismo. Tal identidade segundo Oliveira et al. (2011); Costa

(2010); Rebellato e Dias (2005), se deve ao fato do fisioterapeuta ser rotulado por uma formação tecnicista, atuando na consequência saúde/doença e para modificação deste quadro é importante integração teórica, como a educação continuada. As aplicações práticas também acrescentam, pois favorecem profissionais mais humanizados e um pouco menos tecnicistas.

Entretanto, Azevedo (2005) cita:

Este modelo tecnicista não condiz com as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Fisioterapia, em seu art. 3º, que determina o perfil do egresso/profissional de fisioterapia, que deve atuar de forma generalista/humanista, crítica e reflexiva e deve ser capaz de ter como objetivo de estudo o movimento humano em todas suas formas de expressão e potencialidade, quer nas alterações patológicas, cinético-funcionais, quer nas repercussões psíquicas e orgânicas, objetivando a preservar, desenvolver, restaurar a integridade dos órgãos, sistemas e funções desde a elaboração do diagnóstico físico e funcional, eleição e execução dos procedimentos fisioterapêuticos pertinentes a cada situação.

147

Neste confronto de ideias sobre o rótulo de profissional técnico, o autor Soares (2013) demonstra que: o fisioterapeuta professor é um profissional que, em princípio, necessita de preparo técnico-pedagógico para identificar e superar os possíveis desafios no cotidiano da sua prática pedagógica, para instruir seus alunos a desenvolver de maneira eficiente suas atividades como futuros fisioterapeutas, preparando-os para o campo profissional.

Oliveira et al. (2011) descreve o seguinte perfil:

O profissional educador, como um dos sujeitos da educação, necessita compartilhar e explorar as crenças e os valores dos usuários dos serviços clínicos a respeito da sua informação sobre saúde, bem como discutir as implicações destes conhecimentos e práticas.

Corroboram com este pensamento Moraes e Pagnez (2007) visto que determinam ser necessário elucidar aos aprendentes que o fato de educar, tanto pacientes quanto alunos, não está atrelado única e exclusivamente a “aprender na prática”. A prática é importante, mas não é a única fonte de produção de conhecimento para a prática profissional docente. Oliveira et al. (2011) destaca a educação em saúde está intimamente relacionada com a promoção do humanismo e criatividade junto à formação de fisioterapeutas e terapeutas ocupacionais, pois o respeito para com os nossos pacientes, independente do seu nível socioeconômico e cultural, nos faz entender que a posse do dito ‘conhecimento científico’ não nos diferencia dos demais, apenas nos leva a entender que devemos abrir novas portas para a troca de conhecimentos. Muitos profissionais que seguem a linha da docência no ensino superior, são de diferentes áreas. Mesmo sendo profissionais qualificados e reconhecidos em suas áreas técnicas, não possuem formação pedagógica, passando então a construir sua prática docente a partir de sua história de vida e conhecimentos adquiridos, orientados tão somente por diferentes aspirações e expectativas (COSTA, 2010; RODRIGUES; CONTERNO, 2009).

Para Soares (2013), o bacharel que assume a docência como profissão, pode ter algumas dificuldades, seja pela lacuna que traz consigo de ser um professor apenas com formação técnica, seja pelo desafio de

ainda não estar afinado com questões relativas ao ensino, à pesquisa e à extensão. São pontos de desafio implícito para este novo docente.

Uma das resoluções para falta de interação pedagógica do bacharel em fisioterapia cursar durante o período de graduação disciplinas que possam habilitá-los para atuar na docência, promovendo um bom ensino do específico, se for essa sua escolha, norteado pelo conhecimento pedagógico (SOARES, 2013; COSTA, 2010). Soares (2013) realizou um questionário com docentes formados em fisioterapia, nestes relatos todos os professores enfocaram o desejo de seguirem a docência. Todavia, Rodrigues e Conterno (2009) apresentam que a qualidade do docente não é resultado de um dom natural, nem somente resultar de experiência prática, sendo propícia a formação teórica-prática. A capacitação do profissional bacharel, com foco em docência, deve ser continuada, na atualidade o campo de Educação a Distância (EaD) oferece variados cursos de especialização para profissionais que buscam esta linha de docência.

149

Considerações finais

Alguns autores destacam o rótulo de técnicos para os fisioterapeutas, poderia ser advindo da sua própria construção como profissão. Outros autores salientam que a comodidade do profissional bacharel pode imprimir com maior força este rótulo. Em contrapartida, para Azevedo (2005), o modelo técnico não condiz com as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Fisioterapia, em seu art. 3º, que determina a formação deste profissional.

Um consenso encontrado na revisão bibliográfica é que durante a sua formação acadêmica, principalmente fisioterapia, não existe um contato com os conceitos pedagógicos que formam um alicerce para a docência. Os preceitos pedagógicos, durante a graduação, favorecem para a formação do profissional, pois durante o seu dia-dia o fisioterapeuta deve exercitar o processo ensino-aprendizagem com seus pacientes, execução de palestras ou até mesmo debates e simpósios.

150 Todo profissional, independente da sua pretensão em docência, deve buscar complementação de seus estudos. Na docência o profissional deve estar voltado para o crescimento na visão pedagógica, na sistemática de aprendizagem e didática. A relação entre o ensino, à pesquisa e extensão deve permear o processo de evolução deste profissional. Em suma, torna-se evidente a busca por conhecimento substancial, a visão do docente deve ser global. Atualmente a tecnologia favorece o conhecimento, pois pode ser conquistado por muitos e em diferentes lugares com a crescente educação a distância, possibilitando o docente sedimentar a sua bagagem teórica.

Referências

ARAUJO, E. C.; BATISTA, S. H.; GERAB, I. F. A Produção Científica sobre Docência em Saúde. **Revista Brasileira de Educação Médica**, São Paulo, v. 35, n.4, p.486-492, 2011.

AZEVEDO, M. I. V. **A didática do ensino superior no curso de graduação em Fisioterapia**. Monografia (Pós-graduação Lato-sensu docência do ensino superior). Universidade Cândido Mendes, Niterói, 2005.

BATISTA, N. A. Desenvolvimento docente na área da saúde: uma análise. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 3 n. 2, p. 283-294. 2005.

BISPO JÚNIOR, J. P. Formação em fisioterapia no brasil: reflexões sobre a expansão do ensino e os modelos de formação. **História, Ciências, Saúde** — Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 16, n. 3, p.655-668, jul-set. 2009.

BRASIL, **Decreto-lei n. 938**, de 13 de outubro de 1969. Provê sobre as profissões de Fisioterapia e terapia ocupacional, e dá outras providências. Disponível em:<<http://bit.ly/2rwW9As>>. Acesso em: 15 jun. 2016.

BRASIL, **Resolução CNE/CES 4 de 19 de fevereiro de 2002**. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Fisioterapia. Disponível em: <<http://bit.ly/1tcaHmh>>. Acesso em: 20 jun.2016.

151

COSTA, J. A. Formação profissional do fisioterapeuta e os desafios da docência. **Revista Movimenta**, v. 3, n. 04. 2010.

FARIA J. I. L.; CASAGRANDE, L. D. R. A educação para o século XXI e a formação do professor reflexivo na enfermagem. In: **Revista Latino-americana Enfermagem**, v. 12, n. 5, p. 821-827, set — out. 2004.

MEYER, P. F.; COSTA, Í. C. C.; GICO, V. V. Ciências sociais e fisioterapia: uma aproximação possível. In: **História, Ciências, Saúde**, v. 13, n. 4, p. 877-890, 2006.

MORAES, M. V. S.; PAGNEZ, K. S. M. M. **A função educativa dos profissionais da**

fisioterapia: contexto político e prático. Disponível em: <<http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2007/anaisEvento/arquivos/CI-43904.pdf>> Acesso em 18 jun. 2016.

MORAIS, E.G. **Docência Universitária** — o professor fisioterapeuta no curso de fisioterapia. Uberlândia, 2008. 111f. Dissertação (Mestrado em Educação) — Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2008.

OLIVEIRA, J.G.D.; LINDOSO, Z.C.L.; STOBÄUS, C.D.; MOSQUERA, J.J.M. Elementos humanizadores no ensino superior: docência para Fisioterapia e Terapia ocupacional. **Ciência em movimento**, São Paulo, ano XIV, n.28, p. 9-19. 2011/2.

REBELLATO, C.; DIAS, I.A.P. **Formação do fisioterapeuta docente:** aspectos de formação na contemporaneidade. Cascavel, 2005.12f. 2º Seminário Nacional Estado e Políticas Sociais no Brasil — Unioeste, Cascavel, 2005.

RODRIGUES, R.M.; CONTERNO, S.F.R. Formación pedagógica en la visión de docentes de pregrado del área de la salud en Brasil. **Revista Hereditaria**. v.2, n.1, p. 3-10. 2009.

SOARES, I.M.M. **Docência universitária e desenvolvimento profissional do fisioterapeuta professor:** desafios implícitos — retratos e relatos. Teresina, 2013. 130f. Dissertação (Mestrado em Educação) — Universidade Federal do Estado do Piauí, Teresina, 2013.

VARJABEDIAN, D.; RAYMUNDO, C.S.; GUAZZELLI, M.E.; AKERMAN, M. Limites e possibilidades para a efetivação da integralidade na atenção à saúde: o Cenário de Ensino em questão. **Arquivos Brasileiros de Ciências da Saúde**. São Paulo, v. 40, n.3, p.208-213.2015.

A competência técnica como um diferencial na docência no ensino superior

Marlon dos Reis Lopes¹

Jussara Azevedo Silva de Oliveira²

Resumo: Este artigo é o resultado final do TCC para a formação em pós-graduação em Docência Universitária, que objetivou ressaltar a importância da experiência profissional para a prática pedagógica. Com o intuito de manter um texto claro e coerente, este trabalho explica porque, em meio de várias pesquisas apontarem para a importância da psicopedagogia na docência, a experiência profissional ainda pode ser destacada como um saber tão importante. Em seguida,

.....
¹ Pós-graduando do Centro Universitário Adventista São Paulo Administrador. E-mail: marlondrlopes@gmail.com

² Docente na Faculdade Adventista de Hortolândia. Função: Professora. E-mail: jussara.silva@ucb.org.br

seguem definições de prática pedagógica e de saberes da docência, para então concluir apontando o saber experiencial como o saber que sintetiza os demais saberes.

Palavras-chave: Experiência profissional; Prática pedagógica; Docência.

Abstract: This article results from the Final Paper for Higher Education Training, which aimed to highlight the importance of work experience for teaching practice. In order to maintain a clear and coherent text, this paper explains why, in the midst of several studies pointing to the importance of educational psychology in teaching, professional experience may still be highlighted as a very important knowledge. Following, we definite pedagogical practice and teacher knowledge, to then conclude pointing how experiential knowledge synthesizes all other the other knowledges.

154

Keywords: Professional experience; Pedagogical practice; Teaching.

Introdução

No decorrer da vida estudantil obviamente todos cruzamos com vários professores que por uma razão ou outra marcam nossas vidas. Mas durante a faculdade podemos notar mais facilmente aqueles que têm mais prazer e domínio sobre o assunto do qual lecionam, refletindo assim a profundidade do contato com o tema.

Durante os anos como aluno do ensino superior no curso de Administração, pude perceber uma disparidade no domínio da disciplina entre meus professores, ou do mesmo professor, em casos que ele lecionava disciplinas diferentes. Conversando informalmente com alguns deles pude observar que pouquíssimos deles tinham vivido fora do ambiente acadêmico e se aventurado no mercado de trabalho das áreas de suas graduações, e também das lecionadas por eles, não somente isso, mas também foi possível notar que a maioria terminou a graduação e logo iniciou o mestrado, não obtendo experiência própria relacionada a matéria.

Vários professores escolhem seguir carreira acadêmica desde cedo, logo após a primeira graduação já encaminham a pós-graduação ou mesmo o mestrado, mas também há professores que acabam entrando na carreira acadêmica mais tarde somente para incrementar renda mensal ou mesmo por hobby. Essa diferença de caminhos percorridos na carreira profissional pode fazer muita diferença, porque, por exemplo, depois de ser “Gerente de Recursos Humanos” em uma empresa multinacional, com certeza trará uma abordagem diferente para uma aula de “Gestão de Pessoas”.

Neste pensamento brotou a ideia de observar a relevância da competência técnica do docente obtida no mercado de trabalho, em sua carreira acadêmica.

O conhecimento profissional, do qual muito se obtém de experiência no mercado de trabalho, atribui uma maturidade ética em relação a valores, saberes culturais relações sociais e entre outros, que somente a prática profissional pode proporcionar (TARDIF, 2000).

Essa experiência coloca o professor como um orador ativo do conteúdo e não somente um narrador.

Dessa forma, é possível entender que os livros não compreendem toda a dimensão da qual um professor pode transmitir em sala de aula, e essa dimensão como veremos, provem do tempo e experiências vividas, e ela não pode ser negligenciada porque traz um preparo substancial para o aluno, e que quando o docente tem a experiência prática do tema a ser abordado em sala de aula, torna essa dimensão muito mais visualizável para os alunos.

Assim este trabalho pretende indagar e responder quais são os saberes de um professor, identificando suas diferenças e origens; o que torna a experiência profissional um diferencial entre os outros saberes; e como se relacionam esse saberes.

156

Prática pedagógica e o saber experiencial

O objetivo final deste trabalho é apontar a importância da experiência profissional obtida fora da sala de aula, para a prática pedagógica. Logo, é preciso deixar claro o que se define por prática pedagógica. A linha de raciocínio que este trabalho segue, pede a compreensão de que a prática pedagógica é resultado de uma soma de fatores, não somente de um fator exclusivamente, mas que um depende do outro, trazendo esse pensamento ao estudo e a docência, coloca-se que a prática existe somente com a teoria e vice-versa, e um não se estabelece mais importante que a outro. Neste sentido, Guarnieri (2005, p.12) diz:

Considerando-se a relação teoria-prática, nota-se que a prática mediatiza a relação do professor com a teoria, o que implica um movimento de superação de adesão acrítica às teorias e aos modismos pedagógicos. A teoria, por sua vez, mediatiza a relação do professor com a prática, podendo possibilitar o movimento de superação de uma visão exclusivamente pragmática do trabalho docente.

Nesse raciocínio é possível observar quão exclusivamente humana é a prática pedagógica pois, como Giesta comenta (2001), teoria e prática são reflexos de fundamentos humanos, o pensamento e a ação respectivamente. E essa humanidade implica em uma imensurável diversidade de singularidades, já que cada ser humano tem sua história, filosofia, e “lente” de enxergar o mundo etc [...]. Desse modo, podemos entender que não existe um professor igual ao outro, tornando a docência muito dinâmica e impossível de ser concretizada em um perfil comportamental. Acrescenta-se nesse pensamento o comentário de Leite et al. (2008, p. 51):

157

Longe de ser um intelectual dono da verdade, acima de seu tempo e patrono dos movimentos sociais, o docente universitário, como um intelectual público, está imerso em posições ideológicas e em contextos particulares, tem uma história de vida, e portanto, não pode desempenhar um papel previamente definido, um script estandardizado de falas e movimentos.

Ainda falando sobre a diversidade e singularidade de cada professor, Morosini (2000, p.19) relata:

A pedagogia universitária no Brasil é exercida por professores que não têm uma identidade única. Suas características são extremamente complexas, como complexo e variado é o sistema de educação superior brasileiro: temos instituições públicas e privadas, universidades e não- universidades, em cinco regiões da Federação de características étnicas, sociais e econômicas diferentes.

Dentro da faculdade, ao passar pelos anos de graduação, é possível notar essa variedade comentada por Morosini (2000), que resumidamente categorizou os professores da universidade que e entraram nesta área acadêmica de várias formas, sendo: professores de cursos de licenciaturas que adquirem formação didática durante o curso; professores bacharéis que possuem formação específica em uma área do conhecimento, sem formação didática, mas com experiência profissional; e professores bacharéis sem experiência profissional e didática, oriundos de cursos de mestrado ou doutorado. Para instituições privadas ainda há mais um perfil: os de professores sem experiência profissional e didática que vem de cursos de especialização.

Podemos notar quanto é diversificada a formação dos professores, principalmente que, entre os professores com formação didática, só uma categoria dos professores têm experiência profissional. Ainda ressalto uma categoria de professores, os oriundos de cursos de mestrado e doutorado, dos quais muitas vezes são fortemente creditados e possuem uma certa fama por conta da titulação, mas diversas vezes falham em sala de aula no momento de transmitir o conteúdo. Muitas observações podem ser feitas, uma delas é dita por Fávero e Pasinato (2013):

Muitas vezes os professores são contratados para a atividade de docência universitária sem terem consciência de que o processo de ensino e de aprendizagem não é uma ação mecânica. Seu prestígio como docente, muitas vezes, vem da pesquisa ou da titulação acadêmica (mestrado e doutorado). Mas nem sempre o bom pesquisador é um bom professor. São inúmeras as situações em que “pesquisadores de excelência” têm dificuldades de ministrar boas aulas, não conseguem estabelecer relações pedagógicas que promovam a aprendizagem dos alunos, não possuem habilidades didáticas para “traduzir” suas pesquisas em conteúdos pedagógicos de suas aulas. Tais investigadores, não raramente, não são capazes de realizar uma autocrítica, justificando suas ações em seu status como reconhecidos pesquisadores. Sobre isso, o fato de não problematizarem sua própria ação docente, geralmente os torna culpados pelo fracasso escolar que acontece com muita frequência.

De forma alguma o objetivo é criticar essa categoria de professores, como comenta Vera Lucia Bazzo (2007), que pesquisar e produzir novos conhecimentos é um fator importante, porque tais atividades estão relacionadas e fazem parte do que é ser um professor universitário em qualquer lugar do mundo, mas não substituem, seja em conhecimentos necessários, habilidades ou objetivos, o trabalho docente.

Para então podermos entender o que realmente difere e valoriza os professores de uma universidade, utilizo os saberes propostos por Tardif, Lessard e Lehay (1991), que são: saberes da formação profissional, sendo esses os que são transmitidos pelas faculdades de ciência de educação e pelos cursos de pedagogia, por exemplo; saberes

disciplinares, os que se encontram em qualquer faculdade como matemática, história e literatura; saberes curriculares, relacionados à metodologia e objetivos usados para apresentar os saberes utilizados em programas escolares; e os saberes experienciais, que são os saberes baseados em sua experiência do seu trabalho e obtidas no dia a dia, sendo incorporados à individualidade também se tornando habilidades utilizáveis na docência. Estes autores ainda afirmam que é necessário que os programas de formação dediquem maior atenção aos saberes da experiência, pois os mesmos constituem-se fonte de referência para a prática docente.

Tardif (2000) ainda comenta que o conhecimento profissional também possui dimensões éticas (valores, senso comum, saberes cotidianos, julgamento prático, interesses sociais etc.) que são inerentes à prática profissional.

E esse pensamento pode ser encontrado vindo de outros autores como Dias (2010, p. 96) pois comenta:

Ser professor pressupõe compromisso com a aprendizagem do aluno, envolvendo não apenas o domínio do conteúdo específico, mas também as dimensões ética, afetiva, pedagógica, política, psicológica, sociocultural e profissional articuladas ao mundo do trabalho.

As empresas estão cada vez mais à procura de profissionais que saibam trabalhar em equipe, sejam comprometidos, criativos, que estejam preparados para enfrentar desafios e ainda se manterem coerentes e éticos mantendo um bom relacionamento interpessoal. A

faculdade no papel do professor universitário deve preparar o aluno para a carreira profissional do qual ele está estudando.

Essa ética e saberes cotidianos comentada por Tardif, são explicitamente cobrados no dia a dia do trabalho, e esse dia a dia que proporciona a experiência comentada por Dias.

Sobre experiência Larrosa (2002, p. 25) define o seguinte:

A palavra experiência vem do latim *experiri*, provar (experimentar). A experiência é em primeiro lugar um encontro ou uma relação com algo que se experimenta, que se prova. O radical é *periri*, que se encontra também em *periculum*, perigo. A raiz indo-europeia é *per*, com a qual se relaciona antes de tudo a ideia de travessia, e secundariamente a ideia de prova. Em grego há numerosos derivados dessa raiz que marcam a travessia, o percorrido, a passagem: *peirô*, atravessar; *pêra*, mais além; *peráô*, passar através, *perainô*, ir até o fim; *peras*, limite. Em nossas línguas há uma bela palavra que tem esse *per* grego de travessia: a palavra *peiratês*, pirata. O sujeito da experiência tem algo desse ser fascinante que se expõe atravessando um espaço indeterminado e perigoso, pondo-se nele à prova e buscando nele sua oportunidade, sua ocasião. A palavra experiência tem o *ex* de exterior, de estrangeiro, de exílio, de estranho e também o *ex* de existência. A experiência é a passagem da existência, a passagem de um ser que não tem essência, a passagem de um ser que não tem essência ou razão ou fundamento, mas que simplesmente “*ex-iste*” de uma forma sempre singular, finita, imanente, contingente. Em alemão, experiência é *Erfahrung*, que contém o *fahren* de viajar. E do antigo alto-alemão fará também deriva *Gefahr*, perigo, e *gefährden*, pôr em perigo. Tanto nas línguas germânicas como nas latinas, a palavra experiência contém inseparavelmente a dimensão de travessia e perigo.

Essa singular conceituação de experiência, além de poeticamente coerente com a realidade, indica que esse perigo, citado pelo autor, vai ser dificilmente vivenciado somente pesquisando a teoria. Esse perigo acontece colocando a teoria em prática. Concordando com essas palavras, cabe citar a afirmação de Lopes (2010): “[...] reafirmo que a experiência não está diretamente vinculada ao tempo que passa, com tempo de serviço, mas com o que acontece ao professor no tempo de serviço. Nessa perspectiva é que se pode falar em experiência profissional”.

Considerações finais

162

Através das considerações dos autores e suas conclusões, é possível afirmar mais facilmente o raciocínio de que a prática pedagógica esta indissociavelmente influenciada pela atividade vivida fora da sala de aula, sendo um fator de suma importância, trazendo consequências para a didática e metodologia de explanação das matérias a serem lecionadas pela docência. Reforçando esse pensamento, Ghedin (2002) aponta que o saber da experiência é o centro do saber docente, que os professores transformam suas atividades fora de sala de aula com os saberes, agregando os aspectos da sua prática. Esse autor aponta que os saberes da experiência são formadores das demais experiências.

Dessa forma, chega-se a conclusão que não somente a metodologia e a didática utilizada para o ensino de uma disciplina, mas também o crescimento do professor em sua formação docente, de grande forma é provido pelos saberes experienciais.

Referências

BAZZO, V. L. Dilemas da profissionalidade docente na Educação Superior: entre o cientista e o mestre. In: FRANCO, M. E. D. P.; KRAHE, E. D. (Orgs.). In: **Pedagogia universitária e áreas do conhecimento**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

DIAS, A. M. I. Leitura e (Auto) formação: caminhos percorridos por docentes na educação superior. In: VEIGA, I. P. A. I; VIANA, C. M. Q. Q. (Orgs.). In: **Docentes para a educação superior: processos formativos**. Campinas: Papirus, 2010.

FAVERO, A. A. ; PASINATO, D. O docente universitário como profissional pesquisador de sua própria prática. **Revista Contrapontos — In: Eletronica, Eletronica**, v. 13, n. 3, p. 195-206, set-dez. 2013.

GHEDIN, E. Professor reflexivo: da alienação da técnica à autonomia da crítica. In: PIMENTA, S. G.; GHEDIN, E. (Org.). In: **Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

GIESTA, N. C. **Cotidiano escolar e formação reflexiva do professor: moda ou valorização do saber docente**. Araraquara: JM Editora, 2001.

GUARNIERI, M. R. (Org.). **Aprendendo a ensinar: o caminho nada suave da docência**. 2 ed. Campinas: Autores Associados, 2003.

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. In: **Revista Brasileira de Educação**, no 19, p. 20-28, jan./fev./mar./abr, 2002.

LEITE, D. et al. A avaliação institucional e os desafios da formação do docente na universidade pós- moderna. In: MASETTO, M. (Org.). In: **Docência na universidade**. 9. ed. Campinas: Papyrus, 2008.

LOPES, D. S. **A construção da prática pedagógica do professor**: saberes e experiência profissional. 2010. Disponível em: <<http://bit.ly/2qgA9pr>>. Acesso em: 15 de jul. 2016.

MOROSINI, M. C. Docência universitária e os desafios da realidade nacional. In: MOROSINI, M. C. (Org.). In: **Professor do ensino superior**: identidade, docência e formação. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, 2000.

164

TARDIF, M. Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários: elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas consequências em relação a formação para o magistério. In: **Revista Brasileira de Educação**, Campinas, n. 13, p. 5-24, jan/abr. 2000.

TARDIF, M.; LESSARD, C.; LAHAYE, L. Esboço de uma problemática do saber docente. In: **Teoria e Educação**, Brasil, v. 1, n. 4, p. 215-233. 1991.

A relevância do ensino religioso nos cursos de graduação do Unasp

Rafael de Souza Accorsi¹

Haller Elinar Stach Schunemann²

Resumo: O propósito deste estudo é contribuir para uma compreensão mais clara da importância e dos objetivos de se inserir disciplinas semestrais de Ensino Religioso nos cursos de graduação do Unasp. Realizou-se uma breve análise crítica do currículo das disciplinas do Ensino Religioso e da filosofia adventista de educação. Finalmente, com base em autores que versam sobre a Educação Adventista e o Ensino Religioso, verificamos que tais disciplinas têm por objetivo responder às perguntas que definem o sentido da vida e buscar a redenção de seus alunos.

.....
¹ Pós-graduando do Centro Universitário Adventista de São Paulo. E-mail: rafael_accorsi@hotmail.com

² Ensino Superior — Graduação e Pós-graduação. E-mail: haller.schunemann@ucb.org.br

Palavras-chave: Ensino Religioso; Unasp; Educação Adventista; Ensino superior.

Abstract: The purpose of this researching is to contribute to a clearer understanding about inserting semester subjects of Religious Education in Unasp undergraduate courses, as well the importance and objectives of this action. It was performed a brief critical analysis about the Religious Education and its disciplines, besides the Adventist Philosophy of Education. Lastly, based on authors who deal with the Adventist Education and the Religious Education, it was possible to perceive that such disciplines have as an aim answering the questions which define the sense of life and, also, seek the redemption of their students.

166

Keywords: Religious Education; Unasp; Adventist Education; Higher Education.

Introdução

Todos os anos, o Unasp promove a formação universitária de milhares de alunos. Além das matérias pertinentes a cada curso, os estudantes também frequentam aulas de Ensino Religioso durante toda a sua graduação. Essas disciplinas, distribuídas em todos os semestres da graduação, são as responsáveis pela configuração confessional na qual o Unasp se enquadra.

No entanto, apesar de pertencer à Igreja Adventista do Sétimo Dia, o Unasp recebe como corpo discente pessoas que não seguem

a doutrina adventista ou, até mesmo, que não praticam a fé cristã. É a partir disso que surgem as indagações às quais esse trabalho de pesquisa se propõe a responder: faz-se necessária a inserção de disciplinas de cunho religioso à grade curricular dos cursos universitários da instituição? Ou, ainda, podem esses temas contribuir para a formação profissional dos alunos?

Desenvolvimento

Em 1863 ocorre o estabelecimento da Associação Geral, finalizando o processo de organização da Igreja Adventista de Sétimo Dia. Nove anos mais tarde, em 1872, no Estado de Michigan, Estados Unidos, ocorre a abertura da Battle Creek School, a primeira instituição educativa da igreja (CONFEDERAÇÃO, 2004). Ou seja, instituições educativas estão presentes desde os primeiros anos da Igreja Adventista do Sétimo Dia e o ensino religioso foi um dos principais motivos da existência destas instituições.

O propósito dos pioneiros da Igreja Adventista do Sétimo Dia ao estabelecer escolas foi “oportunizar aos seus filhos o preparo acadêmico em conformidade com a Bíblia e com os princípios cristãos”, e, com o tempo, “expandiram seu atendimento a todos aqueles que simpatizavam com sua filosofia e seus métodos” (CONFEDERAÇÃO, 2004, p. 11).

O Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp) é uma instituição confessional de ensino superior e faz parte da Rede Adventista de Educação. Atualmente o Unasp é uma instituição com quatro campi: Campus

São Paulo, Campus Engenheiro Coelho, Campus Hortolândia e Campus Virtual, oferecendo mais de 30 cursos de graduação (HISTÓRICO, 2016).

De acordo com Meslin (2015, p. 321) “uma instituição confessional é aquela que adota uma confissão religiosa explícita no desempenho de suas atividades, que acredita no que faz e defende sua prática como sendo o modelo ideal a ser desenvolvido”. O Unasp tem a Bíblia como base filosófica para a educação cristã, não apenas aos professores de disciplinas de ensino religioso, mas a todos os educadores que trabalham na rede adventista de ensino, independente da função que exercem (MESLIN, 2015).

Com relação à importância da Bíblia para uma educação digna, White (2013, p. 17) afirma que “as Escrituras Sagradas são a perfeita norma da verdade, e como tal, a elas se deve dar o mais alto lugar na educação”, e a única forma de se obter uma educação digna é através do “conhecimento de Deus, o Criador, e de Cristo, o Redentor, como se acham revelados na Palavra Sagrada”.

Knight afirma que “a Bíblia é o documento fundamental e contextual para todos os itens curriculares na escola cristã”, porém isso não faz com que se torne recurso exaustivo da verdade: “muitas verdades existem fora da Bíblia, mas é importante notar que nenhuma verdade existe fora da estrutura metafísica da Bíblia” (KNIGHT, 2015, p. 184).

De acordo com as diretrizes institucionais para o ensino religioso no Unasp, “a religião e a religiosidade são componentes fundamentais da identidade humana”. E, por esse motivo, todo o sistema educacional adventista “pratica intencionalmente uma educação integral, abrangendo os aspectos cognitivos, sociais, emocionais e espirituais” (DIRETRIZES, 2014, p.1).

Como uma instituição adventista de ensino, o Unasp entende que a educação é essencialmente religiosa. Conforme Suárez (2005, p. 66 e 67):

A educação é essencialmente religiosa, e encontra sua razão de ser quando visa, como resultado primário, conduzir os estudantes a um relacionamento sadio com Deus, a fim de servi-Lo, assim como as pessoas, nesta Terra e no Reino de Deus, para usar a expressão escatológica.

A Rede Educacional Adventista acredita que a “função da educação cristã é restaurar a imagem equilibrada de Deus nos alunos, sendo vista como um ato redentivo” (MESLIN, 2015, p. 324). A educação adventista tem como objetivo proporcionar tal restauração.

Restaurar no homem a imagem do seu Autor, levá-lo de novo à perfeição em que fora criado, promover o desenvolvimento do corpo, espírito e alma para que se pudesse realizar o propósito divino da sua criação [...]. Este é o objetivo da educação (WHITE, 2013, p. 15 e 16).

169

Para White (2013), a educação religiosa abrange diversos aspectos da vida de um indivíduo, sejam eles de caráter espiritual ou não. Segundo ela,

A verdadeira educação significa mais do que a prossecução de um certo curso de estudos. Significa mais do que a preparação para a vida presente. Visa o ser todo, e todo o período da existência possível ao homem. É o desenvolvimento harmônico das faculdades físicas, intelectuais e espirituais. Prepara o estudante para o gozo do serviço neste mundo, e para

aquela alegria mais elevada por um mais dilatado serviço no mundo vindouro (WHITE, 2013, p. 13).

Baseado em tais declarações, pode-se dizer que toda a educação adventista, e de forma especial o ensino religioso, busca, para além de restaurar a imagem de Deus em seus alunos e prepará-los para a vida eterna, o desenvolvimento das faculdades físicas e intelectuais e, portanto, para a formação profissional do indivíduo.

As disciplinas de ensino religioso no currículo escolar

170

Na matriz curricular dos cursos de graduação do Unasp existe uma temática para se ministrar as matérias religiosas. “Devido, então, à importância atribuída ao Ensino Religioso, o Unasp insere na matriz curricular de todos os seus cursos de graduação uma disciplina semestral que permita a discussão da temática religiosa” (DIRETRIZES, 2014, p. 1). Pertencem aos cursos de graduação do Unasp as seguintes disciplinas:

- ◆ 1º Semestre: Cosmovisão Bíblico-Cristã
- ◆ 2º Semestre: Antropologia Cristã
- ◆ 3º Semestre: Ciência e Religião

- ◆ 4º Semestre: Fundamentos do Cristianismo

- ◆ 5º Semestre: Interpretação Bíblica da História

- ◆ 6º Semestre: Princípios de Saúde e Sustentabilidade

- ◆ 7º Semestre: Ética Cristã

- ◆ 8º Semestre: Religiosidade e Competência Profissional

Alguns cursos de graduação possuem mais de oito semestres. Para esses, as disciplinas que podem ser escolhidas são: Religião, Família e Sociedade; Assistência Espiritual ao Paciente; Religião, Direito e Estado; Filosofia Cristã; Sociologia e Religião; Serviço Cristão; Religiosidade e Relacionamento Intra e Interpessoal; História do Adventismo; e Música Cristã.

Para os cursos que possuem menos de seis semestres, no lugar de Ciência e Religião é ministrada, no 3º semestre, a disciplina de Princípios de Saúde e Sustentabilidade (DIRETRIZES, 2014)

Após uma breve análise de alguns dos temas que compõem a matriz curricular dos cursos de graduação do Unasp, Arilton conclui: “Assim, com este currículo, vemos uma grande oportunidade para transmissão de valores morais e espirituais para o desenvolvimento de um caráter sadio nos jovens estudantes” (OLIVEIRA, 2011, p. 12).

Nas instituições adventistas de ensino superior, as aulas de Ensino Religioso constituem o ensino da cosmovisão cristã.

“Por ser uma visão de mundo, a cosmovisão cristã apresenta uma maneira ímpar de se compreender a realidade, o mundo e o ser humano [e] a história”. Desta maneira, buscando apresentar a cosmovisão cristã, as aulas de Ensino Religioso são estruturadas “nos seguintes elementos: realidade, origem, identidade, propósito, moralidade e destino” (DIRETRIZES, 2014, p. 2). Didaticamente, estes elementos podem ser apresentados por meio das seguintes perguntas:

1. O que é realidade? Quem é Deus? (Realidade)
2. De onde viemos? (Origem)
3. Quem somos? Qual é a nossa natureza? (Identidade)
4. Por que estamos aqui? (Propósito)
5. Para onde vamos? (Destino)
6. Como devemos viver? O que é certo e errado? (Moralidade)

“As respostas para essas perguntas definem o que popularmente chamamos de ‘sentido da vida’, que por sua vez, está contida dentro do conceito ‘visão de mundo’. Para cada visão de mundo existe um sentido para a vida.” As disciplinas de Ensino Religioso na Educação Adventista Superior buscam responder tais perguntas, por meio da “instrução (intelectual e racional, a princípio, e comportamental e valorativa, em uma perspectiva mais ampla)” (DIRETRIZES, 2014, p. 2).

Através das disciplinas de Ensino Religioso, o Unasp aborda os valores defendidos pela instituição, ou seja, as 28 doutrinas da Igreja Adventista do Sétimo Dia. No entanto, segundo Oliveira

(2011, p. 14), os objetivos das disciplinas de ensino religioso no Unasp “não podem ser confundidos com processo de doutrinação [...] Mas como uma busca da construção da ética e moralidade nos universitários das faculdades adventistas do Brasil”.

Corroborando com esta ideia, Meslin afirma que o papel do professor de ensino religioso é, além de ensinar conteúdos e transmitir conhecimentos, exercer um papel de “mentoreador de seus alunos, sendo responsável pela transmissão de valores e princípios que irão nortear a vida do estudante durante toda a sua vida” (MESLIN, 2015, p. 328).

Ainda com relação ao papel do professor de ensino religioso, White (2008, p. 427) afirma que:

Os professores devem induzir os alunos a pensar, e a entender claramente a verdade por si mesmos. Não basta ao mestre explicar, ou ao aluno crer; cumpre suscitar o espírito de investigação, e o aluno ser atraído a enunciar a verdade em sua própria linguagem, tornando assim evidente que lhe vê a força e faz a aplicação. Por trabalhosos esforços, as verdades vitais devem assim ser gravadas no espírito. Talvez isto seja um processo lento; é, porém, mais valioso do que passar correndo sobre assuntos importantes, sem a devida consideração.

173

Desta forma, entende-se como necessário o aprofundamento em questões que agregam valor à vida profissional, trabalho que, como ressaltado no trecho acima, deve ser iniciado a partir do corpo docente.

Considerações finais

Através da educação, de forma específica as disciplinas de ensino religioso, o Unasp busca restaurar a imagem de Deus nos seus alunos e possibilitar a salvação deles.

Tendo a Bíblia como base filosófica para a educação, o Unasp reconhece o valor do estudo da Palavra de Deus não apenas espiritual, mas intelectual. Conforme declara Ellen G. White: “Como estímulo ao desenvolvimento, nada se poderá igualar ao estudo da Palavra de Deus. Como meio para o preparo intelectual, a Bíblia é mais eficiente do que qualquer outro livro, ou todos ou outros livros reunidos” (WHITE, 2013, p. 124).

Com relação à importância da utilização da Bíblia no processo educacional, Knight (2015, p. 185) afirma:

Para o cristianismo, a Bíblia é tanto fundamental como contextual. Fornece um padrão para o pensamento em todas as áreas. Essa linha de pensamento levou muitos educadores cristãos a ver a Bíblia como o elemento de integração no qual o conhecimento vem unido para uma interpretação contextual. A Bíblia é o foco de integração para todo conhecimento, pois fornece uma perspectiva unificadora que vem de Deus, a origem de toda a verdade.

Desta forma, segundo Knight, a Bíblia não é frequentemente utilizada na educação cristã como o “maior potencial no currículo cristão. A Bíblia tem sido mais frequentemente vista como a fonte para um conjunto de conteúdos curriculares” (KNIGHT, 2015, p. 185).

Concluiu-se que os objetivos das disciplinas de ensino religioso nos cursos de graduação do Unasp têm por objetivo desenvolver nos discentes um pensamento crítico sobre as coisas, inclusive a religião. Segundo Suárez (2012, p. 106), “para poder escolher o que é certo, o estudante precisa ter a competência de refletir em suas decisões e escolhas, assim como emitir julgamento crítico sobre tudo aquilo que vê ao seu redor”. Desta forma, as disciplinas de ensino religioso procuram levar os alunos, por si mesmos, a pensar e entender os princípios da moralidade, aspectos necessários ao sucesso e integridade da carreira profissional.

Referências

CHAMPLIN, R. N. **Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia**. v. 5. São Paulo: Hagnos, 2013.

CONFEDERAÇÃO das uniões brasileiras da Igreja Adventista do Sétimo Dia. **Pedagogia adventista**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2004.

DIRETRIZES institucionais para o ensino religioso. In: UNASP. **Diretrizes ensino religioso dos cursos superiores.pdf**. 2014. Disponível em: <<http://bit.ly/2qheyx4/>>. Acesso em: 27 jun. 2016.

MENSLIN, D. O professor de ensino religioso na educação adventista. In: SUÁREZ, A. S.; (Org.). **Manual do educador**: princípios para integrar a fé e o ensino-aprendizagem. Engenheiro Coelho: Unaspres, 2015.

OLIVEIRA, A. C. **A importância do ensino religioso para a formação moral, ética e espiritual dos alunos das faculdades adventistas do Brasil.** Monografia (Pós-Graduação em Docência Universitária). Centro Universitário Adventista de São Paulo, Engenheiro Coelho, 2011.

SUÁREZ, A. S. **A Influência da Educação Escolar Adventista na Identidade e na Fé de Adolescentes.** Dissertação. (Mestrado em Ciências da Religião). Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2005.

SUÁREZ, A. S. **Redenção, Liberdade e Serviço: Ellen G. White e o processo de construção humana.** Engenheiro Coelho: Unaspres, 2012.

WHITE, E.G. **Educação.** Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2013.

WHITE, E. G. **Testemunhos Seletos.** Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2008. v. 2.

A adoção da computação em nuvens por bibliotecas

Raniere Nunes da Silva¹

Elenciria Oliveira da Cruz²

Resumo: O presente trabalho enfoca a questão da Computação em Nuvem e suas aplicações, trata ainda sobre como as empresas devem organizar-se para migrar para esse serviço e discute sua relação com a recuperação de informações, serviço prestado pelas bibliotecas. O objetivo geral foi investigar as perspectivas e possibilidades do uso de computação em nuvem para bibliotecas. Os objetivos específicos foram: fazer um levantamento de diversas literaturas que tratam da Computação em Nuvens; identificar como o serviço Computação em Nuvens pode trazer benefícios para as bibliotecas e de um modo geral para a sociedade; e propor

.....
¹ Pós-graduando do Centro Universitário de São Paulo. E-mail: rntj29@hotmail.com

² Atuação: Ensino Superior. Função: Professora. E-mail: elenciriaoliveira@yahoo.com.br

uma discussão sobre o uso de *e-book*, seu surgimento bem como as vantagens e mudanças dessa tecnologia na maneira de acessar informações. Para formar o arcabouço teórico deste trabalho foram recuperados textos em bases de dados da *Scielo*, *LISA*, em revista da área da Ciência da Informação, Google Acadêmico bem como o uso de materiais como teses, dissertações, monografias, artigos e páginas da web de empresas como é o caso da *Cloud Security Alliance*, e autores como Cogo (2013), Martins (2012), Ogura (2011), Taurion (2009). Quando se pensa em bibliotecas e Computação em Nuvens, nota-se extrema relação entre ambas, uma vez que prezam pelo armazenamento e organização da informação. Entretanto, a pesquisa revelou que bibliotecas que estão em nuvem tem grande diferencial na comunidade onde está estabelecida, pois as vantagens obtidas são imensas e perpassam desde a interface, a organização dos livros até a forma de como podem ser emprestados para o usuário.

178

Palavras — chave: Computação em Nuvens; Biblioteca nas nuvens; Livros digitais.

Abstrac: Focuses on the issue of cloud computing and its applications, it is also about how companies should organize to migrate to this service and discusses its relationship to information retrieval service provided by libraries. The overall objective is to investigate the prospects and possibilities of using cloud computing for libraries. And the specific objectives were: to survey various literature dealing with Cloud Computing; Identify how Computer service in clouds can bring benefits to libraries and generally for society; Propose a discussion of the use of e-book, its

appearance as well as the benefits and changes in the way this technology to access information. To form the theoretical framework of this study were retrieved texts Scielo databases, LISA, in the magazine area of Information Science, Google Scholar and the use of materials such as theses, dissertations, monographs, articles and company web pages such as the Cloud Security Alliance, and authors as Cogo (2013), Martins (2012), Ogura (2011), Taurion (2009) in order to form the theoretical basis of theme. When you think of libraries and computing clouds note is extreme relationship between the two, since prize for storing and organizing information. However, the survey revealed that libraries that are cloud has great difference in the community where it is established, as the benefits obtained are immense permeate from the interface, the organization of the books to the way how they can be borrowed for the user.

179

Keywords: Cloud computing; Library in the clouds; Digital books.

Introdução

A relação entre informação e tecnologia tem gerado muitas discussões, isso tem despertado na mente das pessoas possibilidades para um mundo mais rápido, eficaz e interativo. A internet traz consigo muitas possibilidades de um ambiente mais moderno e globalizado, entretanto isso acarreta um acúmulo informacional que precisa ser gerenciado e organizado visando o aprimoramento desse recurso. O objetivo geral consistiu em investigar as perspectivas e possibilidades do uso de computação em

nuvem para bibliotecas. E os objetivos específicos foram: fazer um levantamento de diversas literaturas que tratam da Computação em Nuvens; identificar como o serviço Computação em Nuvens pode trazer benefícios para as bibliotecas e de um modo geral para a sociedade; propor uma discussão sobre o uso de *e-book*, seu surgimento bem como as vantagens e mudanças dessa tecnologia na maneira de acessar informações.

A metodologia utilizada consistiu na revisão de literatura sobre o *Cloud Computing* dessa forma foram feitas pesquisas em bases de dados da *Scielo*, *LISA*, em periódicos online como o da Capes, em revista da área da Ciência da Informação, Google Acadêmico bem como o uso de materiais como teses, dissertações, monografias, artigos e páginas da web de empresas como *Cloud Security Alliance*, e autores dentre eles, Cogo (2013), Martins (2012), Ramalho (2012), Dziekaniak (2010), Ogura (2011), Taurion (2009), formando assim o arcabouço teórico sobre a temática.

Para melhor entendimento, este trabalho faz uma abordagem sobre conceitos e origens da Computação em Nuvens; discute ainda suas aplicações enfatizando sua relação com o livro digital e como as bibliotecas podem aderir a essa tecnologia, bem com suas vantagens e desvantagens.

Computação em Nuvens (*cloud computing*) e suas aplicações

A computação em nuvens é uma tecnologia que permite aos usuários armazenar dados e tê-los a qualquer momento e qualquer hora, basta apenas ter um dispositivo como computador, tablet,

celular e acesso a web, essa ferramenta relativiza a forma de acessar informações dando mais comodidade ao usuário.

Cogo (2013) afirma que a primeira definição atrelada à computação em nuvem é a de computação como utilidade. Essa atesta uma transformação na computação permitindo aos usuários pagar somente pelo que for requisitado por ele igual aos serviços de água e luz elétrica.

O conceito de virtualização é oriundo dos ambientes de computadores de grande porte (*mainframe*) que no final dos anos 1990 foi possível trazer para microcomputadores. Sua principal característica, provavelmente seja a abstração das características físicas de hardware. Assim segundo Ogura (2011, p. 35)

A virtualização é uma tecnologia que foi aplicada em diversos programas computacionais nos quais se objetiva simular o comportamento de uma máquina ou programa por meio de uma máquina real. Apesar dessa máquina ou programa virtual não se encontrar diretamente implementada na máquina real, isso não significava que ela estivesse inacessível (OGURA, 2011, p. 35).

181

Nesse modelo é preciso que já exista uma atividade real para que seja simulado em um ambiente virtual. A virtualização pode ser considerada como a tecnologia que potencializa a computação em nuvem.

A *Computing utility* (computação utilitária) relaciona os serviços básicos como eletricidade, telefone e gás natural com a teoria de que estão ligadas às empresas prestadoras, e que cada cliente o requer quando necessário, e paga pelo consumo daquilo que foi requerido (OGURA, 2011).

A palavra “nuvem” sugere uma ideia de ambiente desconhecido, do qual podemos ver somente seu início e fim, onde toda a infraestrutura e recursos computacionais ficam “escondidos”. “Assim, o usuário acessa apenas a interface da nuvem onde é disponibilizado todo um conjunto de aplicações” (SILVA, 2010, p. 3).

Migrar ou não para a nuvem é uma decisão que precisa ser analisada com todo cuidado, pois se trata de um processo que deve ser feito a partir de um bom planejamento onde serão discutidas as condições de uso e aderência dessa tecnologia (MARTINS, 2012).

Depois de ser selecionado o fornecedor da nuvem e discutidos todos os pontos pertinentes à migração e segurança dos dados é preciso testar e verificar se o serviço atende as demandas a partir do que foi investido e verificar se a empresa está atendendo exigências para um bom funcionamento é preciso notar:

- a) velocidade de conexão quando se conecta ao vendedor da nuvem;
- b) tempo de exclusão do armazenamento de dados;
- c) tempo de leitura do armazenamento de dados;
- d) implantação de latência (a quantidade de latência de quando um aplicativo é publicado e está pronto para o uso)
- e) tempo de latência (qual a lentidão do serviço) (VELTE; VELTE, 2011, p. 297)

Verificando essas variáveis, o cliente tem a possibilidade de julgar se a prestação do serviço atenderá ou não as lacunas da sua empresa, e se isso beneficiará ou atrapalhará o andamento das atividades

relacionadas a suporte, armazenamento e gerenciamento das informações da empresa. A computação em nuvem possibilita aos usuários o acesso de qualquer lugar, a qualquer hora aos seus arquivos e conteúdos armazenados, tendo apenas, a web como ponto de ligação. Dessa forma isso se torna uma das características mais interessantes dessa tecnologia. Porque permite a qualquer pessoa que tenha acesso à nuvem interagir de onde estiver com a empresa.

E-books e as bibliotecas em nuvens

no Brasil, o primeiro registro desse tipo de documento foi no ano de 2000, escrito por João Ubaldo Ribeiro intitulado *Miséria e Grandeza do Amor de Benedita*. As nuvens computacionais e a leitura de livros em formato digitais têm a mesma essência no que diz respeito ao acesso de documentos a qualquer hora, de qualquer lugar permitindo que o leitor realize o acesso de vários dispositivos (ROKOHL, 2012).

O e-book traz além do texto, imagens, movimentos em áudio, vídeo entre outros. Assim torna-se um atrativo para as pessoas possibilitando um incentivo a leitura para a geração que nasce na era de dispositivos tecnológicos que temos hoje e para muitos outros leitores.

Sobre a interação dos livros digitais, Dziekonia et al. (2010) acrescentam:

O e-book trouxe alterações significativas na prática da leitura. O conteúdo está na memória do computador, a página está na tela; o que antes era uma bro-

chura hoje se encontra em um cartão de memória ou no hard disc (HD) de um computador; o folhear está em um clic, em ícones com o recurso de link, ou simplesmente no descer a barra de rolagem. Nos modelos mais novos de leitores de e-books, é possível fazer a rolagem ou passagem de páginas com o dedo (DZIEKANIA et al., 2010, p. 85).

O texto lido em formato digital pode oferecer maior dinamismo e aprendizado aos leitores, bem como facilidade de acesso podendo ser baixado no próprio celular e ser consultado em qualquer lugar pelo usuário. Alguns recursos do e-book como ativação de links, principalmente das referências remetem o leitor a outras fontes de informação.

As mudanças decorrentes da explosão informacional e tecnológica que observamos refletem-se também no território das bibliotecas que ultrapassam suas barreiras físicas e abrem espaço para o novo no caso das nuvens. Martins (2012) faz menção a cinco tipos de bibliotecas onde as informações não estão alocadas em um espaço físico e facilitam a disseminação e o acesso das informações. São elas:

Biblioteca eletrônica- Ampla utilização de máquinas, principalmente microcomputadores, facilitando a construção de índices online, na busca de textos completos e na recuperação e armazenagem de registros. Biblioteca Digital- Diferencia-se por se construir de um acervo estritamente digital. Dispõe de todos os recursos de uma biblioteca eletrônica, oferece texto completo, vídeo, áudio etc., sendo acesso local ou remoto.

Biblioteca Virtual- A “ciberteca”, conceituada como um tipo de biblioteca que para existir, depende da tecnologia da realidade virtual — sistemas computadorizados por meio de redes — que criaria um ambiente com salas, estantes etc.

Biblioteca Híbrida- Agrega diferentes suportes tecnológicos, apresentando coleções impressas, digitais e acessos via rede eletrônica. Seria a transição das bibliotecas do impresso para o virtual.

Biblioteca na Nuvem- são acervos e aplicativos mantidos em datacenters terceirizados, que não ocupam espaço nos terminais e servidores locais, permitindo o acesso remoto das informações, fornecendo os mesmos serviços de um sistema operacional interno, mas em um ambiente virtual (MARTINS, 2012, p. 65-66, grifo nosso).

Dentre estas bibliotecas quer-se dar a ênfase à biblioteca em nuvem por ser o objeto de investigação deste estudo. No caso de bibliotecas que aderem ao uso da computação em nuvem o e-book é o principal material enuviado. O livro digital por ter sua origem no ambiente virtual traz consigo maior facilidade de uso e acesso características muito estimadas nos serviços de nuvens. “Enfim, a informação digital passa a ser intercambiada e compartilhada por diversos serviços de informação, antes fronteiro pela forma de organização e de divulgação dos suportes” (SILVA; MUCHERONI, 2013, p. 7).

As bibliotecas digitais podem ter seu potencial ampliado com as facilidades que a Computação em Nuvem oferece que são recursos de armazenamento, compartilhamento de dados e facilidade de acesso a sua interface permitindo ao usuário navegar entre os livros como se estivesse em uma biblioteca tradicional formada por e-books.

Nos serviços oferecidos pelas nuvens o foco principal está no usuário e também no armazenamento de dados, vantagens do ponto de vista tecnológico para bibliotecários como apontam Martins (2012), Rokohl (2012), a recuperação da informação desejada é feita pelo usuário diretamente na

nuvem (autosserviço); os bibliotecários ganhariam tempo para realizar outras atividades; mais acesso aos conteúdos informacionais; compartilhamento de dados e funções das bibliotecas fazendo que a tomada de decisão seja mais fácil; dispensa a preocupação com serviços técnicos dentro (*hardwares*) da biblioteca sendo essa tarefa da empresa provedora da nuvem.

Ainda sobre as vantagens da Computação em Nuvem para bibliotecas Martins (2012) afirmam que os backups nas nuvens protegem todos os tipos de dados da biblioteca, em situações de perda devido a incêndios, inundações, apagões de energia locais, ou de catástrofes naturais que podem causar o desaparecimento parcial ou total dos dados. Várias iniciativas por parte das bibliotecas surgem com a finalidade de disponibilização dos seus acervos em nuvens. Empresas como, Ex Libris, OCLC, Chromebooks, 3M, OverDrive, BiblioShop, Control, trabalham oferecendo serviços em nuvens para bibliotecas.

186

Considerações finais

A computação em nuvem certamente é uma tecnologia que chama a atenção das empresas por sua facilidade de uso e diminuição dos custos, esses são os maiores atrativos que fazem dela a tecnologia do futuro. No modelo de nuvem as barreiras físicas são quebradas, pois é possível acessar os dados alocados na nuvem de qualquer lugar, a qualquer hora tendo apenas acesso a internet. Quando se pensa em Bibliotecas e Computação em nuvens nota-se extrema relação entre ambas, uma vez que prezam pelo

armazenamento e organização da informação. Entretanto, o estudo revelou que bibliotecas que estão em nuvem tem grande diferencial na comunidade onde está estabelecida, pois as vantagens obtidas são imensas perpassam desde a interface, a organização dos livros até a forma de como podem ser emprestados para o usuário.

O compartilhamento de um mesmo documento com vários usuários ou a visualização do mesmo sem a preocupação entre a demanda e a quantidade de exemplares nas prateleiras como acontece nas bibliotecas tradicionais é uma vantagem apresentada pela computação em nuvem. Sendo assim, é necessário que o bibliotecário desperte para essa nova tecnologia e faça dela um meio de ampliar seus serviços acompanhando os avanços do mundo digital. Foram encontradas algumas dificuldades na construção da pesquisa, pois grande parte dos textos publicados sobre computação em nuvens está na língua inglesa, e esse é um tema que ainda é pouco pesquisado por isso é também notável a escassez de teóricos que discutem a relação entre bibliotecas e a computação em nuvens. Mesmo assim todos os objetivos propostos foram alcançados. Espera-se que essa revisão de literatura sirva para o esclarecimento de alguns pontos que são primordiais para o entendimento da computação em nuvens e adoção dela por bibliotecas. Espera-se também que novos questionamentos sejam levantados e novas pesquisas sejam realizadas sobre o assunto.

187

Referências

CLOUD Security Alliance. **Adoção de computação em nuvem e suas motivações**, 2012. Disponível em: <<http://bit.ly/2qkxP00>>. Acesso em: 18 fev. 2016.

COGO, G. S. **Análise da intenção de adoção da computação em nuvem por profissionais da área de TI.** Dissertação. (Mestrado em Administração). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Administração, Porto Alegre, 2013.

MARTINS, L. G. **Biblioteca em Nuvem:** o uso da computação em Nuvem em Bibliotecas. Trabalho de conclusão de curso. (Graduação em Biblioteconomia). Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

OGURA, D. R. **Uma metodologia para caracterização de aplicações em ambientes de computação em nuvens.** Dissertação. (Mestrado em Engenharia Elétrica). Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

188

ROKOHL, T. I. **Livro Digital:** novos suportes, novos desafios. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Biblioteconomia). Curso de Biblioteconomia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

SILVA, F. H. R. **Um estudo sobre os benefícios e os riscos de segurança na utilização de Cloud Computing.** Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Ciência da Informação). Curso de Ciência da Informação, Centro Universitário Augusto Motta, Rio de Janeiro, 2010.

SILVA, J. F. M.; MUCHERONI, M. L. As bibliotecas em nuvens. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 25., 2013, Florianópolis. **Anais [...]** Florianópolis, 2013, p. 1-15.

TAURION, C. **Cloud Computing**: computação em nuvem transformando o mundo da tecnologia da informação. Rio de Janeiro: Brasport, 2009.

VELT, A. T.; VOLT, T. J. **Computação em nuvens**: uma abordagem prática. Rio de Janeiro: Altas Books, 2011.

Docência universitária: o professor na contemporaneidade

Roseclair Albuquerque Quintino¹

Valeria Mendes Fasolato²

Resumo: Este artigo consiste em uma revisão bibliográfica sobre as mudanças na percepção das pessoas como resultado do surgimento de novas tecnologias e metodologias na sociedade pós-moderna e sua aplicação à educação e construção do conhecimento, bem como a necessidade da qualificação do professor nesse contexto. Concentramo-nos no ensino superior e refletimos sobre o papel do professor universitário como facilitador da aprendizagem e como pesquisador.

Palavras-chaves: Ensino superior; Professor; Educador; Pesquisador.

.....
¹ Pós-graduanda do curso Docência Universitária (Unasp). Bacharel em Música - Habilitação em Composição Musical - Faculdade de Artes Alcântara Machado (FIAM-FAAM). E-mail: clairalbuquerque@yahoo.com.br

² Doutoranda e Mestre em História (UFJF). Professora de Artes da Escola Adventista de Juiz de Fora — MG e leciona o mesmo conteúdo no Estado de Minas Gerais. Orientadora de TCC do Unasp — *campus* Virtual. E-mail: mendesfazolatto.valeria@gmail.com

Abstract: This article consists of a bibliography review about changes in the perception of people as a result from emergence of new technologies and methodologies in post-modern society and their application to education and construction of knowledge, and the need of the Professor's qualification in that context. We focused on the higher education and we reflected about the role of college teacher like facilitator of learning and like researcher.

Keywords: Higher education; Teacher; Educator; Researcher

Introdução

As mudanças ocorridas [...], como a expansão da mídia, inicialmente em formas de revistas e jornais; a explosão da publicidade em passagens, vitrines e anúncios; a aceleração das informações, ligada a invenções técnicas como fotografia, cinema, rádio, TV, vídeo, computador, *internet*, obrigaram a cultura literária a repensar seu ofício (WILLI BOLLE apud SELIGMANN-SILVA, 2007, p. 93)

No texto *Medium-de-reflexão*, Willi Bolle comenta a visão benjaminiana. Refletindo sobre o fenômeno das metrópoles modernas e o surgimento de novas mídias comunicacionais e publicitárias, o filósofo³ alemão Walter Benjamin discorre sobre seus efeitos abordando o surgimento da reprodutibilidade técnica, iniciada com as técnicas fotográficas e do cinema (séc. XIX-XX). Ele problematiza sobre a mudança de percepção das massas, devida ao uso de tais tecnologias, e como isso alterava a leitura das obras de

.....
³ Walter Benjamin (1892-1940), autor do ensaio "A obra de Arte na Era da Reprodutibilidade Técnica".

arte (BENJAMIN, 2012). Tal fato não se restringe ao âmbito artístico, mas influencia todo um *modus vivendi* alicerçado em novos recursos tecnológicos. Desde o século XIX, recursos audiovisuais têm sido inseridos em nosso cotidiano, porém nenhum prognóstico poderia prever o deslumbramento provocado nas últimas décadas com efeitos especiais dos filmes e recursos da *internet*, em que vemos o real e o imaginário transitarem livremente ante nossos olhos, informações saltarem da tela com formas, cores e sons que penetram nossos sentidos. Pelo viés da *internet*, chega-nos uma avalanche de informações. A geração contemporânea absorve a tecnologia tão naturalmente quanto aprende a andar, e crianças pequenas são capazes de utilizar *smartphones* e *tablets* antes mesmo de serem capazes de dizer uma frase inteira. Jovens consumidores digitais vivem conectados ao mundo virtual com maior frequência que no real. Diante desse cenário, somos levados a refletir sobre algumas questões: qual seria o papel da tecnologia no contexto educacional? A interação com novas mídias assumiria o lugar do educador na formação acadêmica? Que lugar teria o docente contemporâneo na formação dos futuros profissionais? Neste artigo procuramos dialogar com alguns autores sobre essa temática.

193

Recursos tecnológicos e educação — ferramentas para a docência

No século 21, evidencia-se a utilização de novas tecnologias de informação e de comunicação no processo ensino-aprendizagem. Assim, torna-se necessário aparelhar instituições e preparar técnica e pedagogicamente

os docentes no uso dos melhores métodos e instrumentos, dentre os disponíveis, no ensino e construção do conhecimento. Segundo Antonio Carlos Gil:

os professores vêm lançando mão de recursos audiovisuais, que vão desde os simples desenhos feitos no quadro até os sofisticados programas de computador. Os recursos disponíveis para o ensino são tão numerosos e têm passado por tão notável processo de aperfeiçoamento que a maioria dos livros de didática apresenta pelo menos um capítulo dedicado à tecnologia de ensino (GIL, 2015, p. 218).

194 Ao empregar novas tecnologias na metodologia educacional, o docente deve: ter propósito didático determinado, fazer o planejamento da aula, definir conteúdo e objetivos. O recurso tecnológico “deve ser reconhecido como recurso auxiliar de ensino e não como direcionador do processo didático” (GIL, 2015, p. 223). Esse contexto de penetração de novas tecnologias e seu reflexo na percepção dos atores da educação requerem um novo olhar sobre o papel do docente do ensino superior, devendo este transcender a simples exposição de conteúdo, de modo a propiciar uma experiência que enriqueça o intelecto, promovendo a busca e análise das informações na condução ao verdadeiro conhecimento.

Docente universitário contemporâneo — perfil profissional e papéis

O estereótipo do docente que domina e transmite a informação requer revisão. Temos a internet como provedora desta; entretanto,

para transformá-la em um conhecimento significativo, é imprescindível haver preparo. A despeito dos novos recursos, “trabalhar as informações, na perspectiva de transformá-la em conhecimento, é primordialmente tarefa das instituições educativas.” (PIMENTA; ANASTASIOU, 2010). As autoras, na citação abaixo, distinguem informação de conhecimento:

Conhecer é mais do que obter as informações. Conhecer significa trabalhar as informações. Ou seja, analisar, organizar, identificar suas fontes, estabelecer as diferenças destas na produção da informação, contextualizar, relacionar as informações e a organização da sociedade, como são utilizadas para perpetuar a desigualdade social (PIMENTA; ANASTASIOU, 2010, p. 100).

Há alguns anos, o ensino era função primordial, quase exclusiva, da escola e do docente, sendo este o detentor da palavra final na matéria que lecionava. Com as tecnologias midiáticas e informáticas de informação, surgem mudanças, e perguntamos: Nesse cenário, qual é o papel do professor? Será ele mero monitor de alunos na busca e organização de informações? Sobre essa questão, encontramos que:

a tendência mais evidente na literatura pedagógica nas últimas décadas tem sido a de relativizar o papel do professor no ensino. [...] apesar de todas as críticas feitas ao papel do professor, ele ainda continua presente em todos os níveis de ensino. Não foi substituído por computadores, teleconferências ou máquinas de ensinar. Sua presença em sala de aula ainda é requerida e clama-se cada vez mais por sua qualificação profissional (GIL, 2015, p. 18).

Tal qualificação visa apurar características essenciais para desenvolver adequado trabalho docente. Em Pimenta e Anastasiou (2010), lemos sobre o importante papel docente e o perfil apreciável para esse profissional:

Realizar o trabalho de análise crítica da informação relacionada à constituição da sociedade e a seus valores é trabalho para *professor*, e não para *monitor*. Ou seja, para um profissional preparado científica, técnica, tecnológica, pedagógica, cultural e humanamente. Um profissional que *reflita* sobre o seu fazer, pesquisando-o nos contextos nos quais ocorre (PIMENTA e ANASTASIOU, 2010, p. 100, grifos nossos).

196

O perfil docente não é cabalmente definido pela formação inicial do professor. Ele precisa lidar com subjetividade, o que requer um alinhamento com o seu tempo. A exemplo disso, no campo da arte, o cenário pós-moderno e inovador aponta para um novo fazer artístico, ensejando nova leitura da obra de arte, por sua natureza diversa quanto aos paradigmas estéticos existentes até então. Loponte (2014) nos diz:

A arte contemporânea traça novos mapas estéticos e desconcerta as nossas provisórias certezas sobre o que é ou pode ser considerado arte. Se nossas principais referências a respeito de artes visuais ou Arte [...], ainda cabem apenas em grossos volumes de uma “História Universal da Arte” ou em representações preocupadas tão somente em mimetizar o real, contornadas por pesadas e douradas molduras, não há como não estranhar ou passar incólume diante das inusitadas manifestações artísticas contemporâneas (LOPONTE, 2014).

As expressões artísticas contemporâneas, se comparadas, passam longe das tradicionais formas artísticas. Em São Paulo, visitávamos uma exposição de Arte Contemporânea, em novembro de 2007, da artista plástica japonesa, radicada nos EUA, Yoko Ono e nos deparamos com uma visitante, já idosa, que, diante do que viu na exposição, disse indignada: “Essa tal [...] é mesmo uma estelionatária, não?”, referindo-se à artista. Essa declaração resulta da discrepância entre o entendimento tradicional de arte e o novo conceito ali exposto, além do despreparo para interpretá-lo. Essa nova estética, que é organizada por um artista numa instalação visual, sonora, tátil ou mesmo multissensorial, frequentemente não é concebida para meros observadores, mas, sim, participantes; a criação artística vem para ser experimentada, isso mesmo, há interação com o público visitante. A arte deixa de ser um objeto, passando a ser ideia, conceito, ou talvez provocação, e requer uma leitura diferenciada. Tal leitura deve ser analítica de todo o contexto de sua concepção, que demanda pesquisa sobre o artista, sua motivação, sua filosofia e o impacto que teria sobre o observador-participante. Trata-se de busca que se torna reveladora desse novo conhecer, desenvolvendo o senso crítico que capacite a relacionar a arte com outras áreas de estudo. Nesse processo, o educador devidamente preparado atua como orientador que catalisa o potencial de seus discentes para que façam suas próprias descobertas, incentivando-os a compartilharem com o meio acadêmico.

Na verdade, são muitas as possíveis atribuições da docência no ensino superior; trazemos aqui duas delas para reflexão: a de facilitador da aprendizagem e de pesquisador.

Facilitador da aprendizagem

Ao docente compete facilitar, visando a ensinar o aluno a aprender. Carl Rogers — renomado psicólogo e educador — representa bem a tendência relativista do papel do professor. Provavelmente tenha causado indignação a seus contemporâneos, sua declaração de que “Ensinar [...] é uma atividade relativamente sem importância e vastamente supervalorizada” (ROGERS apud ZIMRING, 2010, p. 40); porém, quando visitada em seu contexto, tal sentimento se desfaz ao entendermos que, segundo a visão rogeriana, muitas vezes se atribui indevidamente máxima importância ao professor em detrimento do desenvolvimento do potencial do estudante; e defende que o professor deve agir como facilitador da aprendizagem, trabalhando juntamente com o discente na construção do conhecimento. Por esse viés, temos que:

A missão primária do professor é *permitir* que o estudante aprenda alimentar sua curiosidade. Absorver simplesmente fatos só tem um valor superficial no presente e, geralmente, é de ainda menos valor no futuro. Aprender a *maneira* de aprender constitui o elemento que sempre é de valor agora e no futuro. Assim, a missão do professor é delicada, exigente, representando uma verdadeira e exaltante vocação (ROGERS apud ZIMRING, 2010, p. 34, grifos nossos).

Corroborando essa, ideia temos Gil (2015, p. 23) declarando que: “Já está longe o tempo em que o professor era visto principalmente como fornecedor de informações. Hoje, ele é visto mais como

facilitador da aprendizagem; como alguém que ajuda o estudante a aprender”. É fundamental que o docente capacite seus alunos para o aprendizado da construção de seu próprio conhecimento. Lemos ainda, em Moura, Rodrigues e Testa (2010, p. 5):

O papel do professor será, então, o de desafiar, estimular, ajudar os alunos na construção de uma relação com o objeto de aprendizagem que, em algum nível, atenda a necessidade dos mesmos, auxiliando-os a tomar consciência das necessidades socialmente existentes numa formação universitária.

Ao professor contemporâneo, cabe interagir com o corpo discente, instigando seu intelecto à reflexão, pois não basta acumular informação. Deve oferecer-lhe perspectiva tal que garanta o desenvolvimento de senso crítico em prol da devida compreensão do objeto de seu estudo. O aluno deverá fazer a leitura de informações com autonomia, e o docente pode contribuir apresentando-lhe os parâmetros para tal. Pontuamos que recursos tecnológicos são ferramentas didáticas que devem ser empregadas de modo a favorecer a interação aluno-professor no processo de aprendizagem. Nesse sentido, Gil (2015, p. 225) adverte:

à medida que são utilizados exaustivamente — sobretudo filmes e as coleções de transparências — desestimulam a adoção de um papel mais ativo por parte do estudante [...] se o professor não favorecer a participação dos estudantes, mediante perguntas, comentários ou a adoção de uma atitude exploratória, não estará fazendo bom uso desse recurso.

O trabalho do docente não é fácil; demanda constante aprimoramento na disciplina que ministra, acompanhamento de novas descobertas de sua área, além da obtenção de domínio no uso de tecnologias de possível aplicação em aula, sempre buscando um alinhamento com os conhecimentos da área pedagógica. O docente do século 21 precisa se apropriar dos recursos tecnológicos, mantendo-se atualizado na linguagem habitual usada pelos discentes, objetivando, assim, um diálogo melhor na condução da busca pelo conhecimento.

Pesquisador

200

Outro papel relevante na área acadêmica é a produção científica, que traz à luz artigos, teses, e nova literatura que trata com propriedade temas de importância para a comunidade científica e a sociedade como um todo, sendo fruto do trabalho de docentes, graduandos e pós-graduandos. A iniciação científica se dá com o trabalho de conclusão de curso da graduação — o TCC. A partir daí, o graduado, buscando melhor qualificação acadêmica, parte para a pós-graduação *lato sensu* ou *strictu sensu* — que são cursos de especialização. Os que almejam tornarem-se docentes buscam, na pós-graduação, cumprir pré-requisito exigido na grande maioria das instituições de ensino superior.

O docente elabora conteúdo para ministrar aulas; esse material se constitui de conhecimento produzido que se enriquece e se multiplica na interação docente-discentes durante a aula. Gil (2015, p. 25) comenta que:

O professor está constantemente produzindo novos conhecimentos para utilizar em suas aulas. Ele desenvolve não apenas pesquisa bibliográfica, mas também pesquisa de campo, que envolvem, na maioria das vezes, participação dos alunos, sem contar também que as atividades de pesquisa são hoje reconhecidas como estratégias de ensino, já que é possível aprender pela pesquisa.

A pesquisa, portanto, é porta aberta à visitação do professor, sendo útil no processo de aprendizagem. O docente pesquisador desenvolve espírito observador, inquiridor, investigativo, agindo em consonância com as diretrizes da metodologia científica. Tal profissional é apto a orientar novos pesquisadores da graduação e pós-graduação, contribuindo com a produção científica. Assim, a pesquisa não se limita a ser mero passaporte à docência. O docente contemporâneo dedicado à pesquisa assumirá o papel de eterno aprendiz, devendo ensinar, mas também aprender sempre, inclusive com os alunos. Deverá se manter atualizado, empreender novas pesquisas, e compartilhá-las; enriquecerá, dessa maneira, sua experiência profissional, e todos sairão ganhando: o próprio docente, os discentes e o meio acadêmico.

201

Consideração finais

Na educação, mesmo com o crescente uso de tecnologia, o professor é imprescindível, não mais como detentor absoluto da informação, mas, sim, como mediador do conhecimento, ensinando a aprender, levando os alunos à reflexão e à construção do próprio conhecimento com atitude investigativa,

inclusive nas diversas áreas de estudo. Hoje, o docente desempenha vários papéis, dentre os quais destacamos o de facilitador da aprendizagem e o de pesquisador, ambos de grande relevância na vida acadêmica, pois, ao ensinar e pesquisar, faz surgir, entre os alunos, novos construtores de conhecimento, podendo atuar como orientador a graduandos e pós-graduandos que desejarem seguir seu exemplo de dedicação à pesquisa. Trata-se de um processo dinâmico e contínuo, de modo que somos levados a inferir que uma vez professor — sempre estudante, sempre pesquisador.

Referências

202

BENJAMIN, W. **A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica**. Porto Alegre: Editora Zouk, 2012.

GIL, A. C. **Didática no ensino superior**. São Paulo: Atlas, 2015.

LOPONTE, L. G. Arte Contemporânea, Inquietudes e Formação Estética para a Docência. **Periódico Educação e Filosofia**, Uberlândia, v. 28, n. 56, p. 643-658, jul./dez. 2014. Disponível em: <<http://bit.ly/2rAMqcb>>. Acesso em: 10 out. 2016.

MOURA, L. S.; RODRIGUES, L. P.; TESTA, E. O Tradicional e o Moderno Quanto à Didática no Ensino Superior. **Revista Científica do ITPAC**, Araguaína, v. 4, n. 3, julho, 2011. Disponível em: <<http://bit.ly/2qcieEF>>. Acesso: 06 set. 2016.

PIMENTA, S. G.; ANASTASIOU, L. G. C.; **Docência no ensino superior**. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2014.

SELIGMANN-SILVA, M. (Org.). **Leituras de Walter Benjamin**. 2ª ed. São Paulo: FAPESP: Annablume, 2007.

ZIMRING, F. **Carl Rogers**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. Disponível em: <<http://bit.ly/2qcHtqe>>. Acesso: 10 out. 2016.

O papel restaurador da educação e suas implicações no desenvolvimento humano

Telma Maria da Silva Costa¹

Amaury César Ferreira²

RESUMO: O artigo presente retrata sobre a importância da educação restauradora para a docência universitária, trazendo como referência à proposta pedagógica adventista que segue um modelo de educação integral. O conteúdo da pesquisa se justifica devido à precisão de uma metodologia voltada para uma aprendizagem mais significativa às necessidades do discente. Até que ponto a educação tem beneficiado o desenvolvimento do homem nos aspectos intelectual, moral e

.....
¹ Pós-graduanda do Centro Universitário de São Paulo, Engenheiro Coelho. E-mail: telmaadvircosta@gmail.com.

² Professor da Faculdade Adventista de Hortolândia, FAH-Unasp e do Centro Universitário Adventista de São Paulo, Unasp-VL. E-mail: amaury.ferreira@ucb.org.br.

espiritual? Por isso, o estudo busca compreender e reconhecer o valor da educação além do conhecimento epistemológico. A pesquisa traz uma abordagem qualitativa, realizada com base teórica através da revisão bibliográfica. Dessa forma, em virtude do que será mencionado, a educação restauradora é o caminho proposto para uma prática eficaz dentro do trabalho docente no ensino superior, suprimindo assim os anseios interno do aluno em sua totalidade.

Palavras-chave: Educação restauradora; Docência universitária; Desenvolvimento integral.

206

Abstract: This article discusses the importance of restoring education for university teaching, bringing reference to the Adventist educational proposal that works as a comprehensive education model. The content search is justified by the need for a methodology directed to a more meaningful learning to the student's needs. Even where education has benefited the development of man in the intellectual aspects, moral and spiritual? Therefore, the study seeks to understand and recognize the value of education beyond the epistemological knowledge. The research brings a qualitative approach, carried out theoretical basis through the literature review. Thus, by virtue of which will be mentioned, the restorer education is the path proposed for effective practice in the teaching work in higher education, thus supplying the inner yearnings of the student in its entirety.

Keywords: Restorative education; University teaching; Integral development.

Introdução

Na busca de práticas educacionais que possam atender de maneira integral à formação dos estudantes universitários, o presente artigo traz uma temática alicerçada na proposta de ensino da educação adventista.

A proposta educacional adventista, segundo Ferreira (2015), é pauta nos escritos de Ellen Gold White, escritora desta denominação religiosa. E a proposta de educação desta rede de ensino se fundamenta em uma educação integral, em que é destacado o preparo das faculdades físicas, intelectuais e espirituais do aluno. White (2011, p. 13) afirma:

A verdadeira educação significa mais do que avançar em certo curso de estudos. É muito mais do que a preparação para a vida presente. Visa o ser todo, e todo o período da existência possível ao homem. É o desenvolvimento harmônico das faculdades físicas, intelectuais e espirituais. Prepara o estudante para a satisfação do serviço neste mundo, e para aquela alegria mais elevada por um mais dilatado serviço no mundo vindouro.

207

Ferreira (2015) afirma, embasado em White, que o propósito primordial da educação adventista é a restauração do homem a imagem do seu Criador. Portanto, a educação restauradora tem por finalidade levar o homem ao desenvolvimento do corpo, espírito e mente.

Desta maneira, o papel restaurador da educação e suas implicações no desenvolvimento humano, investiga um modelo de educação integral, pois além do ensinamento acadêmico, são desenvolvidas áreas importantes para a formação do indivíduo como cidadão.

A necessidade da pesquisa se justifica com a realidade das práticas pedagógicas trabalhadas nas instituições de ensino superior seculares, voltado para uma educação automática, sem a preocupação ao método educativo, sem um olhar interno *às reais indigências* do aluno.

Neste sentido, Freire (1996, p. 143) afirma que “a prática educativa é tudo isso: afetividade, alegria, capacidade científica, domínio técnico a serviço da mudança”.

Logo, o papel da educação restauradora pode ser o caminho para a mudança do ensino e da aprendizagem, fundamentando a postura do indivíduo em seu cotidiano, desenvolvendo faculdades físicas, intelectuais e espirituais. Assim, demonstrando uma formação integral.

Contudo, vale refletir em que ponto a Instituição de ensino superior tem contribuído para a formação integral do homem, ou seja, o desenvolvimento intelectual, moral e espiritual? Assim, entenderemos um pouco mais da proposta trabalhada pela Educação Adventista.

208

Ao trabalhar nas instituições de ensino superior, uma educação restauradora, focada também na afetividade, na construção de valores, princípios éticos e morais, o aluno passa a compreender melhor a sua responsabilidade quanto ao futuro profissional e pessoal. Como orienta o livro *Pedagogia Adventista* (2010, p. 15), é preciso “formar o homem em suas múltiplas dimensões: intelectual, social, afetiva, física, estética, ética e espiritual”.

O estudo objetiva, portanto, compreender e reconhecer o sentido da educação quanto seu papel de instaurar uma aprendizagem significativa, ressaltando o modelo educacional adventista que enfatiza a educação integral.

Logo, importa ressaltar a relevância do estudo em aprender e conhecer mais sobre a Educação Restauradora, voltada para um aprimoramento da prática universitária. Assim como, a pesquisa pode contribuir com a formação continuada permeando um método eficiente, completa e contextualizada. Dessa forma, a pesquisa está assentada em bases sólidas, dentro de uma revisão bibliográfica, por meio da leitura e investigação da proposta da educação adventista. Em que serão apresentadas contribuições e considerações científicas de autores seculares como Freire, Morin, Delors, Nicolescu, Ferreira e da escritora religiosa White, que alicerça a educação Adventista.

Desenvolvimento

209

Percebe-se, atualmente, um grande avanço na área do conhecimento, da comunicação e da informação. Nunca se buscou tanto o saber tecnológico como neste século. Delors (2010) observa-se, de fato, que no decurso do período considerado e sob a pressão do progresso técnico e da modernização, a procura de educação com fins econômicos, não parou de crescer na maior parte dos países.

Porquanto a educação contemporânea, está voltada para a construção de homens condicionados, alienados a situações econômicas. A esse respeito comenta ainda Delors (2010, p. 85) “a educação não serve, apenas, para fornecer pessoas qualificadas ao mundo da economia: não se destina ao ser humano enquanto agente econômico, mas enquanto fim último do desenvolvimento”.

A educação é um processo que vem desde o nascimento, tendo como a primeira escola o seu lar, depois a instrução sistemática na instituição de ensino que o acompanha durante um longo tempo. Suas faculdades são trabalhadas para seu aperfeiçoamento mediante suas necessidades. Porém, o conhecimento não deve suprir apenas o saber científico, a carência social ou satisfação pessoal, a educação deve transformar o indivíduo conduzindo para o exercício da cidadania.

Da mesma forma, a educação precisa ser a mola propulsora na vida do indivíduo, possibilitando-o a atuar com responsabilidade no meio em que vive. Por isso, a docência universitária deve estar atenta à uma metodologia que valorize integralmente o estudante.

Freire (2003, p. 34) ressalta, “quanto melhor a educação trabalhar os indivíduos, quanto melhor fizer seu coração um coração sadio, amoroso, tanto mais o indivíduo, cheio de bondade, fará o mundo feio virar bonito”.

Delors (2010, p. 49) acrescenta que “A educação tem, pois, uma especial responsabilidade na edificação de um mundo mais solidário, e a comissão pensa que as políticas de educação devem deixar transparecer, de modo bem claro, essa responsabilidade”.

A instituição adventista procura desenvolver sua prática educativa focada no homem, quanto ser humano criado a imagem e semelhança de Deus. Há uma preocupação com os jovens que saem da rede do ensino adventista. Segundo White (2014, p. 257):

A educação e preparo dos jovens é uma obra importante e solene. O grande objetivo a ser alcançado deve ser o adequado desenvolvimento do caráter para

que a pessoa possa estar devidamente apta para cumprir os deveres da vida presente, e para a participar afinal da vida futura, imortal.

Dessa forma é importante que os estudantes saiam das universidades aptos a exercerem sua profissão com grande responsabilidade social e dotado de um perfil íntegro.

São as universidades, antes de mais nada, que reúnem um conjunto de funções tradicionais associadas ao progresso e a transmissão do saber: pesquisa inovação, ensino e formação, educação permanente [...] São elas que formam os dirigentes intelectuais e políticos, os futuros diretores empresariais, assim como grande parte do corpo docente. No âmbito do seu papel social, as universidades podem pôr a sua autonomia a serviço do debate das grandes questões éticas e científicas com as quais se confrontará a sociedade de amanhã e fazer a ligação com o resto do sistema educativo (DELORS, 2010 p. 141).

211

São inúmeros os jovens que saem da vida acadêmica com uma formação profissional, mas por não terem adquirido questões éticas e faculdades necessárias para sua conduta, acabam corrompendo suas competências e habilidades no mercado de trabalho, na vida pessoal e social. White (2011, p. 13) comenta:

A verdadeira educação significa mais do que prossecução de um certo curso de estudos. Significa mais do que a preparação para a vida presente. Visa o ser todo, e todo o período da existência possível ao homem. É o desenvolvimento harmônico das faculdades físicas, intelectuais e espirituais.

A autora acima ressalta a autenticidade da educação quanto a necessidade do desenvolvimento do homem de maneira integral, priorizando seu desempenho pleno.

A educação é pontuada não apenas como um ensino metódico, mas como uma preparação do indivíduo para outras faculdades. Segundo Morin (2000, p. 72) “a educação que é ao mesmo tempo transmissão do antigo e abertura da mente para receber o novo, encontra-se no cerne dessa nova missão”.

É de grande valia a educação restauradora nas práticas pedagógicas, no qual o aluno é o sujeito da transformação para a mudança da sociedade. Por isso, essa aprendizagem implica o conhecimento integral e eficaz possibilitando ao indivíduo um saber abrangente no seu desenvolvimento e no crescimento do outro.

212

Educar para o desenvolvimento humano: Um dos principais papéis reservados à educação consiste, antes de mais, em dotar a humanidade da capacidade de dominar o seu próprio desenvolvimento [...] Contudo, este desenvolvimento responsável não pode mobilizar todas as energias sem um pressuposto: fornecer a todos, o mais cedo possível, o “passaporte para a vida”, que os leve a compreender-se melhor a si mesmos e aos outros (DELORS, 2010 p. 82).

Como se percebe, compreender a si mesmo e o outro, eleva o crescimento humano quanto cidadão beneficiando a sociedade, e é, a educação que oportuniza este desempenho de interação entre as pessoas e o mundo, considerando assim, a educação capacita o homem de forma completa.

Um ponto importante no desenvolvimento educacional é a questão da ética na formação profissional e do próprio caráter, esses valores, na maioria das vezes, são trajados de forma incoerente em relação a educação e a compreensão do homem quanto sujeito histórico e social. Neste contexto, Morin (2000 p. 102) orienta:

Devemos relacionar a ética da compreensão entre as pessoas com a ética da era planetária, que pede a mundialização da compreensão. A única verdadeira mundialização que estaria a serviço do gênero humano é a da compreensão, da solidariedade intelectual e moral da humanidade [...]. Compreender é também aprender e reaprender incessantemente.

A propósito, a educação tem o conhecimento como fonte da compreensão, operado no crescimento do indivíduo, o qual precisa sentir-se parte de um todo, relacionando suas experiências e visão de mundo com suas crenças, cultura e sua espiritualidade. No que tange a espiritualidade, Nicolescu (2002 p. 60) pontua sobre a relevância do sagrado neste processo:

O sagrado é, antes de mais nada, uma experiência que é transmitida por um sentimento — o sentimento ‘religioso’ — do que liga seres e coisas e, conseqüentemente, induz, no mais profundo do ser humano, a um absoluto respeito para com os outros aos quais ele está ligado por partilhar uma vida em comum na mesma Terra.

Do mesmo modo, compreende-se então que embora a sociedade atual precise de uma didática que realmente transforme, faz-se

necessário a recuperação do homem e seu equilíbrio natural. A educação restauradora é nesse sentido parte do processo de um aprendizado eficaz e harmonioso.

Além disso, ao enfatizar a educação como fonte restauradora da humanidade e da sociedade, é importante que os objetivos, o perfil e os princípios metodológicos e avaliativos estejam alinhados às necessidades e concepções axiológicas do ser humano. A educação é o veículo que eleva as faculdades e aperfeiçoa o caráter.

De acordo com Pedagogia Adventista (2010, p. 41) “A axiologia tem a ver com o conceito de valor. As concepções metafísicas e epistemológicas determinam, em grande parte, as concepções axiológicas do ser humano e da educação cristã, ou seja, a filosofia influencia diretamente no juízo de valor”.

214

A partir da relação do saber científico com o espiritual, é possível desenvolver habilidades que aumentem o conhecimento do homem, transformando seu caráter. Por esta razão, o trabalho na docência universitária deve estar comprometido com uma pedagogia que acrescente um significado especial para o discente, levando-o a refletir sobre a essência do seu exercício em ir além do conteúdo e contribuir para uma formação mais nobre de mente, corpo e espírito.

Todas as variadas aptidões que os homens possuem de - espírito, alma e corpo são-lhe por Deus dadas a fim de serem empregadas de tal maneira que atinjam o mais elevado grau possível de perfeição. Mas essa não pode ser uma cultura egoísta e exclusiva; pois o caráter de Deus, cuja semelhança devemos receber, é benevolência e amor. Cada faculdade, cada atributo de que o Criador nos dotou, deve ser empregado

para a sua glória, e para o reerguimento de nossos semelhantes. E nesse emprego encontra-se o seu exercício mais puro, mais nobre e mais feliz (WHITE, 2014 p. 255).

De fato, o papel restaurador da educação e suas implicações no desenvolvimento humano deve buscar um equilíbrio na educação, trabalhando todas as habilidades para o bom desempenho acadêmico, social e espiritual dos docentes e discentes universitários. Por certo, o amor ao próximo, o conhecimento e o caráter são requisitos para uma educação genuína, no qual a sociedade precisa. White (2011 p. 225) afirma:

A verdadeira educação não desconhece o valor dos conhecimentos científicos ou aquisições literárias; mas acima da instrução aprecia a capacidade, acima da capacidade a bondade, e acima das aquisições intelectuais o caráter. O mundo não necessita de homens de grande intelecto, como de nobre caráter. Necessita de homens cuja habilidade é dirigida por princípios firmes.

215

Mais uma vez, a importância na docência universitária, segundo o modelo proposto pela educação adventista, e saber inculcar no aluno uma visão diferenciada quanto ao conceito de educação que restaura e modifica o perfil do indivíduo.

Considerações finais

Portanto, o artigo realizado mostrou que a educação restauradora, indicada pelo modelo pedagógico adventista, pode beneficiar

o discente de maneira integral, trabalhando corpo, mente e espírito. Efetivamente, o ensino nas universidades, uma vez pautada nesta metodologia restauradora, além de preparar o indivíduo para seu aprendizado de maneira abrangente, atribuindo uma bagagem intelectual, física, espiritual, ética e moral.

O estudo do papel restaurador da educação se mostra relevante no contexto universitário. As implicações no desenvolvimento humano, mediante a abordagem realizada, abrem a compreensão do docente universitário para uma reflexão de sua prática pedagógica, e propicia um reconhecimento deste valor educacional que perpassa o conhecimento epistemológico.

A pesquisa despertou o desejo de buscar um estudo mais profundo, por meio da visão de outros autores sobre a importância da educação restauradora.

216

Alicerçado nos argumentos apresentados, compreende-se que a educação restauradora, segundo a proposta educacional adventista, desempenha um papel significativo no contexto universitário, pois trabalha um modelo educacional integral, focado no desenvolvimento e restauração do indivíduo, permitindo ao aluno uma formação plena e estruturada que o consente a exercer o seu papel de cidadão no meio em que vive.

Espera-se que esse artigo possa contribuir com a docência universitária, no sentido de esclarecer a eficácia da educação restauradora, um modelo de pedagogia que transforma os estudantes universitários, aperfeiçoando o conhecimento no desenvolvimento integral, afirmando suas crenças no exercício de suas ações, aplicando competências e habilidades de forma sensível às necessidades do ser humano.

Referências

DELORS, J. **Educação, um tesouro a descobrir**: relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre educação para o século XXI. 8. ed. São Paulo/Brasília: Cortez/MEC/UNESCO, 2010.

DAS. **Pedagogia Adventista**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2010.

FERREIRA, A. C. **Conhecimento Comunitário e Letramento Científico**: Análise do “Clube de Ciências” de uma Escola Confessional de Hortolândia — SP. Americana, 2015. Disponível em: <<http://bit.ly/2rCSuRt>>. Acesso em: 26 jul. 2016.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Política e educação**. São Paulo: Cortez, 2003.

MORIN, E. **Os Sete Saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2000.

NICOLESCU, B. **Educação e Transdisciplinaridade II**. São Paulo: Triom, 2002.

WHITE, E. G. **Educação**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2011.

_____. **Mente, caráter e personalidade**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2014.

Concepções da psicologia escolar no ensino superior

Vanessa Edisandra da Silva Costa Araujo¹

Raquel do Amaral Rangel²

Resumo: A educação superior tem vivenciado transformações e reformulações geradas por demandas dos contextos sociais, culturais e econômicos, bem como por orientações das políticas educacionais em vigência. No campo da educação superior, a atuação da Psicologia Escolar baseada em concepções institucionais e preventivas, vincula a preocupação da sociedade com a melhoria da qualidade dos conceitos adquiridos nessas instituições para garantir o desenvolvimento de sujeitos autônomos, críticos, participativos e compromissados com a vida em sociedade. Assim, este artigo trata de algumas concepções que norteiam a atuação do psicólogo escolar dentro do contexto da educação superior.

.....
¹ Pós-graduanda do Centro Universitário Adventista de São Paulo. Docência Universitária. E-mail: vanessaedisandra@hotmail.com.

² Atuação: Psicóloga e Mestre em Saúde (UFJF). Função: Atendimento psicológico em clínica. E-mail: raqueldoamaral@yahoo.com.br.

Palavras-chave: Psicologia escolar; Ensino superior; Atuação psicológica.

Abstract: The higher education has experienced changes created by social, cultural and economic contexts, and also by current educational politics. In higher education, the performance of Educational Psychology based on institutional and preventive concepts, links the society concerns to improve quality of learned concepts in these institutions to ensure the development of an independent, critical, participative and committed individual for society. Thus, this paper presents concepts to guide an Educational Psychologist work's in higher education.

Keywords: School psychology, Higher education; Psychological performance.

220

Introdução

Segundo Swartz (1997), o sistema de educação superior cumpre as funções de transmitir privilégios, distribuir *status* e instalar respeito pela ordem social vigente. Embora dotada da função tradicional de transmitir cultura de geração a geração, as instituições educacionais, na realidade, desempenham uma função social mais profunda e obscura: contribuem para a reprodução da estrutura de classes sociais, reforçando a divisão cultural e de *status* entre as classes.

Nesse contexto, e mediante pesquisas acadêmicas em artigos científicos, torna-se evidente que a atuação da Psicologia Escolar no

sistema de educação superior brasileiro já é uma realidade, embora a produção científica nesta área ainda seja considerada restrita e recente. Também é notória a ausência dos profissionais especializados nessa área atuando diretamente no cotidiano das instituições de ensino superior, ao contrário do que ocorre no ensino fundamental e médio.

Diante desse cenário, surgem alguns questionamentos acerca da real função e do papel social da educação superior, podendo, até mesmo ocorrer que essas instituições sejam vistas como uma fonte de lucros e objetos de desejo do mercado capitalista (BISINOTO; MARINHO-ARAÚJO, 2011). Contudo, é imprescindível a participação do psicólogo nesse ambiente, para contribuir de forma clara e efetiva no desenvolvimento das pessoas envolvidas no processo de ensino e aprendizagem que acontece continuamente nesse tipo de instituição.

Dessa maneira, o presente artigo pretende, por meio de uma revisão bibliográfica, apresentar as concepções da Psicologia Escolar voltada para o ensino superior, bem como evidenciar algumas demandas e possibilidades no contexto da construção intelectual e pessoal.

221

O ensino superior e a psicologia escolar

O Sistema Federal de ensino superior é composto por Instituições Federais de Educação Superior, instituições mantidas pela iniciativa privada e por órgãos federais de educação superior. De acordo com o Decreto nº 5.773/2006, as instituições de ensino superior se organizam em faculdades, centros universitários e

universidades (BISINOTO; MARINHO-ARAÚJO, 2011). De acordo com Santana et al. (2014, p. 230), na atualidade, a educação superior tem vivenciado transformações e reformulações geradas por demandas dos contextos sociais, culturais e econômicos, bem como por orientações das políticas educacionais em vigência. Tal situação promove discussões acadêmicas, sociais e políticas que levam ao desenvolvimento de ações diferenciadas em prol de melhorias no processo educativo.

Nesse sentido, Cynthia Bisinoto e Claisy Maria Marinho-Araújo (2011), esclarecem que o Brasil está entre as nações que têm o maior número de educação superior privatizada. Essa realidade precisa ser considerada em virtude dos preocupantes reflexos gerados na qualidade da educação oferecida à população. Nestas circunstâncias, percebe-se que, em algumas situações, à expansão da educação superior privada se relaciona com o fenômeno da mercantilização, ou seja, a transformação da educação superior em um serviço comercializável, uma fonte de lucro, uma mercadoria.

222

Ainda segundo Santana et al. (2014, p. 230), o contexto da educação superior precisa ser melhor compreendido pela maioria dos profissionais e estudantes, para que tomem conhecimento do real objetivo de realizar um curso superior, e para melhor aproveitar as vantagens do mesmo. O autor sugere que, tal contexto seja estudado por psicólogos que possuam interesse em desenvolver projetos de pesquisa e de atuação nesse espaço, tendo em vista que é necessário pontuar algumas características que constituem esse tema e representam os avanços e as contradições presentes na atualidade.

Tais psicólogos podem ser denominados como especialistas em Psicologia Escolar ou Psicologia Educacional. Com relação à Psicologia Escolar, Rodrigues et al. (2008) afirmam que, nas últimas décadas, o trabalho do psicólogo que atua na educação, vem sendo alvo de críticas cada vez mais contundentes. Historicamente, esse tipo de psicólogo atuou segundo alguns modelos, como o modelo clínico que se deu por meio da psicanálise, onde os médicos eram os protagonistas, e o qual tinha o objetivo de psicodiagnosticar e tratar crianças que apresentassem problemas de aprendizagem.

Zavadski e Facci (2012) afirmam que a Psicologia Escolar já se faz presente nas instituições de ensino superior, contudo, geralmente o psicólogo está inserido em serviços que atendem exclusivamente aos discentes. Esses serviços focam o acompanhamento dos estudantes nos campos de ação relacionados a problemas de adaptação à vida universitária e às novas situações como as relações sociais efetivadas, à orientação profissional, ou à demanda ligada aos processos de ensino e aprendizagem. Tais autoras afirmam, ainda, que essa forma de intervenção é baseada em trabalhos individualizados e adaptacionistas, os quais são comuns na educação básica.

Os primeiros serviços de apoio aos estudantes universitários oferecidos por instituições de educação superior surgiram no início do século 19, quando um professor, ou mentor, oferecia apoio ao estudante para ajudá-lo a resolver alguma dificuldade de natureza acadêmica ou para indicá-lo ao mercado de trabalho. Aos poucos, essa atividade de aconselhamento foi se tornando mais regular, adquiriu um caráter especializado e passou a ser realizada por profissionais de

diferentes áreas, que intervinham sobre uma diversidade de temáticas ou problemas. Assim se deu a institucionalização dos serviços de apoio psicológico, de saúde e de assistência social na educação superior (BISONOTO; MARINHO-ARAÚJO, 2015).

Sobre essa ótica, Sandoval e Love (1997 apud BISONOTO et al., 2011, p. 46), anunciaram a necessidade do psicólogo escolar para trabalhar na educação superior, os quais, no início da atuação eram denominados como *college psychologist*. De acordo com esses autores, o trabalho do psicólogo escolar na Educação Superior teria dois focos:

O foco da avaliação, com o objetivo de obter informações sobre aspectos institucionais e docentes que precisam ser modificados; e o da promoção da prática docente por meio do planejamento e desenvolvimento de metodologias diferenciadas. O psicólogo escolar neste nível educativo deveria, então, avaliar as práticas educativas, a satisfação e a aprendizagem dos alunos para sugerir programas inovadores de ensino, auxiliar os professores a melhorarem suas habilidades profissionais e favorecer o aprendizado dos alunos (SANDOVAL; LOVE, 1997 apud BISONOTO et al., 2011, p. 46).

Outra percepção da atuação da psicologia escolar no âmbito do ensino superior é salientada por Santana et al. (2014, p. 232), ao dizer que o psicólogo escolar, através de seus conhecimentos acerca dos processos subjetivos dos sujeitos e das instituições, pode contribuir, em alguma medida, para a implantação de políticas educacionais e transformações no processo educativo. Desse modo, a atuação do psicólogo escolar nesse cenário deve ir além do desempenho acadêmico

dos sujeitos, focalizando também as especificidades da instituição de ensino, do processo educativo e da formação profissional.

Ao buscar dados científicos sobre esse assunto, identificou-se que a educação superior é um espaço privilegiado para o psicólogo escolar contribuir com o processo de desenvolvimento humano. Com base na Psicologia Histórico-Cultural e nos estudos de Vygotsky (2003) citado por Santana et al. (2014, p. 232), percebemos o desenvolvimento humano a partir de sua contextualização histórica, social e cultural e na sua mediação pelos instrumentos materiais e simbólicos da cultura. O desenvolvimento é um processo que se configura nas relações dialógicas entre os sujeitos e os contextos histórico-culturais em que ocorrem processos de produção e negociação de significados que orientam os eventos e as ações.

Considerações finais

Pelo exposto, nota-se que a Psicologia Escolar tem vivenciado grande desafio nas Instituições de Educação Superior, o qual consiste em ampliar suas perspectivas de atuação por meio de práticas diferenciadas em um contexto ainda pouco explorado pela área. Nesse aspecto, sua atuação busca conciliar um compromisso social da área objetivando uma educação para todos, por meio de ações direcionadas para diferentes dimensões do processo educativo, ela vem tentando priorizar a interdependência existente entre os diferentes agentes, suas concepções e práticas, sem, contudo, abandonar o foco sobre os indivíduos.

Mesmo que centrada em uma dimensão específica, como por exemplo, a formação de professores, a Psicologia Escolar se alimenta da proposta pedagógica da instituição e da avaliação dos membros da equipe pedagógica, assim como também se desdobra no acompanhamento do processo de ensino-aprendizagem, à luz das noções de adaptação escolar.

Dessa forma, no campo da educação superior, a atuação da Psicologia Escolar baseada em concepções institucionais e preventivas vincula-se com a preocupação da sociedade com a melhoria da qualidade que a educação superior no Brasil precisa ter para garantir o desenvolvimento de sujeitos autônomos, críticos, participativos e comprometidos com a vida em sociedade.

226

Sobre as possíveis contribuições que o psicólogo escolar tem a oferecer à Educação Superior, vale destacar, conforme aponta Santana et al. (2014), que o modelo de atuação ainda não existe e precisa ser construído a partir das características das instituições de ensino superior, dos projetos pedagógicos dos cursos e, principalmente, das especificidades e necessidades das pessoas envolvidas com o processo educativo, a saber, os alunos, os professores e os gestores.

Por fim, conclui-se que, o compromisso ético e político da educação está mais acirrado em virtude das atuais coordenadas histórico-sociais impostas pelas forças de dominação, de degradação, de opressão e de alienação. Novas exigências estão instaladas no contexto educativo e requerem intervenções condizentes com as características e necessidades do momento histórico. Nessa direção, o perfil profissional do psicólogo escolar convocado a atuar na educação superior requer

compromisso com escolhas teórico-críticas que o orientem para uma atuação contextualizada; lucidez acerca das influências políticas e ideológicas que influenciam suas ações; e envolvimento com uma atuação efetivamente vinculada à democratização da educação superior.

Referências

BISONOTO, C.; MARINHO-ARAÚJO, C. M. Psicologia escolar na educação superior: atuação no Distrito Federal. **Revista Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 16, n. 1, p. 111-122, mar. 2011.

BISONOTO, C.; MARINHO-ARAÚJO, C. M. Psicologia escolar na educação superior: panorama da atuação no Brasil. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 67, n. 2, p. 33-46, jun. 2015.

BISINOTO, C.; MARINHO, C.; ALMEIDA, L. A atuação da psicologia escolar na educação superior: algumas reflexões. **Revista Portuguesa de Pedagogia**, São Paulo, v. 45, n. 1, p. 39-55, jan. 2011.

BRASÍLIA (FEDERAÇÃO). **Decreto nº 8.754, DE 10 DE MAIO DE 2016**. Disponível em <<http://bit.ly/2rD8sLo>>. Acesso em: 23 out. 2016.

RODRIGUES, M. C.; ITABORAHY, C. Z.; PEREIRA, D. M.; GONÇALVES, T. M. C. Prevenção e promoção de saúde: concepções e práticas de psicologia escolares. **Revista Interinstitucional de Psicologia**, v. 1, n. 1, p. 67-78, ago. 2008.

SANDOVAL, J.; LOVE, J. A. School Psychology in Higher Education: The College Psychologist. **Professional Psychology**, v. 8, p. 328-339, 1977.

SANTANA, A. C.; PEREIRA, A. B. M.; RODRIGUES, L. G. Psicologia escolar e educação superior: possibilidades de atuação profissional. **Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, Goiás, v. 18, n. 2, p. 2229-237, maio, 2014.

SWARTZ, D. Pierre Bourdieu: a transmissão cultural da desigualdade social. In: PATTO, M. H. S.; (Org.). **Introdução à psicologia escolar**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

228

ZAVADSKI, K. C.; FACCI, G. D. A atuação do psicólogo escolar no ensino superior e a formação de professores. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 23, n. 4, p. 683-705, jun. 2012.

O ensino jurídico na educação básica

Wellington Silva de Lima¹

Elenciria Oliveira da Cruz²

Resumo: O ensino de disciplinas jurídicas consiste na possibilidade de viabilização de ferramentas educacionais voltada ao exercício do direito/dever do cidadão em formação, que por sua vez consolida os objetivos estabelecidos para a educação na Constituição Federal, bem como o desenvolvimento político-social. Além disso, viabilizar ao educando uma formação plena e crítica. O objetivo deste artigo é levantar reflexões sobre a necessidade de inclusão do ensino jurídico na educação de base, e neste sentido, este trabalho tem como finalidade questionar os aspectos educacionais previstos na Constituição Federal, expondo os objetivos, princípios e responsabilidades

.....
¹ Pós-graduando do Centro Universitário Adventista Engenheiro Coelho / SP. Docência Universitária.
E-mail: wellington_lima7@hotmail.com

² Atuação: Ensino Superior. Função: Professora. E-mail: elenciriaoliveira@yahoo.com.br

do Estado soberano e propor a inserção do estudo de disciplinas jurídicas nos currículos educacionais da educação básica, principalmente no ensino médio. A metodologia utilizada foi à dedutiva, ou seja, partiu-se da análise geral para a particular, com um levantamento bibliográfico, utilizando as seguintes fontes: bases de dados (Portal Capes); periódicos; teses e dissertações defendidas; livros, revistas; artigos, sítios confiáveis e anais eletrônicos de congressos e fóruns de Direito, que discorreram sobre o assunto. Por fim, o presente trabalho comprova a real necessidade do ensino de disciplina jurídica na educação básica.

Palavras-chaves: Direito à educação; Ensino jurídico.

230

Abstract: The teaching of legal disciplines is the possibility of enabling educational tools geared to the exercise of the right / duty of the citizen training, which in turn consolidates the objectives set for education in the Federal Constitution and the political and social development. In addition to enabling the student a full and critical education. The purpose of this article is to raise reflections on the need for inclusion of legal education in basic education, this work aims to question the educational aspects in the Federal Constitution, setting out the objectives, principles and responsibilities of the sovereign state and propose the inclusion of the study legal disciplines in educational curricula of basic education, especially in high school. The methodology used was the deductive, or broke the general analysis for the owners, with a literature review using the following sources: Databases (Portal Capes); journals; theses and dissertations; books, magazines; articles, trusted sites and electronic

proceedings of conferences and forums Law, who wrote about the subject. Finally, this study demonstrates the real need for legal regulation.

Keywords: Right to education; Legal education.

Introdução

A educação não é um mero fato independente pois o processo de ensino e aprendizagem exige que o sujeito seja olhado como um todo, não somente pela perspectiva intelectual, ou seja, como aquele que aprende, pois a educação é muito mais do que isso. É por ela que se deve aperfeiçoar e formar o cidadão em sua plenitude, valorizando suas potencialidades, estimulando seu senso crítico, e dessa forma, o instruindo a aprender e desenvolver juízos de valores sociais e morais. O ensino de disciplinas jurídicas consiste na possibilidade de viabilização de ferramentas educacionais voltada ao exercício do direito/dever do cidadão em formação, que por sua vez consolida os objetivos estabelecidos para a educação na Constituição Federal, bem como o desenvolvimento político-social. Além disso, viabiliza ao educando uma formação plena e crítica.

231

Constituições brasileiras

É importante lembrar que o direito constitucional costuma ser alocado dentro do ramo direito público, destacando-se por seu

objetivo e princípios fundamentais. Em curto resumo José Afonso da Silva (1997) observa que o direito constitucional “configura-se como Direito Público fundamental por referir-se diretamente à organização e funcionamento do Estado, à articulação dos elementos primários do mesmo e ao estabelecimento das bases da estrutura política/social”. (SILVA apud LENZA, 2012, p. 53).

Portanto, todas as constituições brasileiras, de alguma forma têm como objetivo central o desenvolvimento das garantias fundamentais e formação da dignidade humana. E por sua vez a evolução educacional estabelecida nas constituições e movimento social vem desafiando o senso da educação, ou seja, já não se pode pensar em uma formação educacional superficial, não visando os acontecimentos políticos, sociais e jurídicos da nação. Passaremos a seguir a analisar cada aspecto constitucional apresentado de forma clara e resumida.

232

A educação na ordem social constitucional

A Constituição Federal de 1988 dedicou parte de seu texto ao direito à educação no Título VIII (Da Ordem Social), Capítulo III (Da Educação, da Cultura e do Desporto), arts. 205 a 214. Antes da Carta de 1988, havia por parte do Estado pouca preocupação em garantir uma educação de qualidade a todos os brasileiros, pois o ensino público era tratado de forma assistencial, à disposição daqueles que não tinham condições de arcar com as despesas. Hoje, portanto, o Estado precisa ir mais além, o direito à educação deve pautar-se

em uma formação humanística e, concomitantemente, profissional, fixando-se, ainda, os princípios, como o da dignidade humana, o da igualdade e o da solidariedade (SOUSA, 2010, p. 33).

Esse primeiro princípio, o da dignidade humana, consiste em proporcionar vida digna. A Convenção Americana sobre Direitos Humanos, de 1969, estabelece, em seu art. 11, § 1º, que “Toda pessoa humana tem direito ao respeito de sua honra e ao reconhecimento de sua dignidade e desenvolvimento cultural e social”.

Sem dúvida a educação é um meio indispensável para o desenvolvimento dos sujeitos, visando a concretização da dignidade humana, bem como a evolução da sociedade com objetivo em alcançar os valores culturais, as relações sociais e as expectativas da sociedade, e parte da ideia de que o desenvolvimento deve melhorar a vida dos sujeitos envolvidos e o seu meio social e político.

Desse modo, o direito à educação se converte em instrumento de redução das desigualdades e das discriminações e possibilita uma aproximação pacífica entre os povos no mundo inteiro. Assim, a inclusão social tem forte ligação com a identidade social dos sujeitos-cidadãos construída de forma coletiva, portanto o direito à educação passa a ser politicamente exigido como uma arma não violenta de reivindicação e de participação política (SOUSA, 2010, p. 34 e 73). O Direito impõe barreiras para a solução dos seus próprios conflitos, haja visto a pluralidade de racionalidades na solução de problemas jurídicos condicionados a problemas sociais. Ao mesmo tempo, o Direito influencia de forma seletiva, pois é o resultado da própria sociedade (LENZA, 2009, p. 39). Diante disso, Sousa (2010) levanta a seguinte questão: O Direito é condicionante dos eventos sociais ou é condicionado por

eles? Se a resposta para essa pergunta não estiver no Direito talvez esteja na própria sociedade, mais especificamente na forma como se estrutura, uma vez que a estrutura social, por conter expectativas estabilizadas, delimita o que o sistema suporta (SOUSA, 2010, p. 94 e 95). A partir dessas ideias, a construção da identidade social deve ser uma preocupação para o Direito, pois o sujeito pós-moderno não possui uma identidade fixa, marcada, mas dispersa. O seu discurso é maleável, mutável, ao mesmo tempo em que se constrói por caminhos diferentes. Assim, assume identidades que se adaptem a determinadas situações do cotidiano, as quais poderão ser passíveis de regulação pelo Direito. Nesse mesmo sentido, a Lei de Diretrizes Bases da Educação Brasileira (LDB 9.394/1996) define em seu artigo 1º que a educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais. Dessa forma, entende-se que a educação, deve garantir ao aluno condições para ingressar na vida laboral compreendendo direitos e deveres. Neste sentido o educando terá qualidades intelectuais adquirida na escola para participar e compreender a vida política e social do país. Além de usar o seu direito de sufrágio com total consciência e responsabilidade.

O ensino jurídico na educação básica

Em virtude da clara importância da educação para a vida tanto no âmbito escolar como no desenvolvimento da pessoa humana, é inevitável a necessidade da inclusão do ensino jurídico nas escolas, em virtude

da clara presença do Direito no dia a dia dos indivíduos. Ela serve de base para a vida em sociedade, inclusive influenciando e determinando os atos da vida civil. É incontestável que o ensino jurídico vai ao encontro dessa formação, pois o Direito também é um fenômeno social, e sua base concede ferramentas para a construção do diálogo, acolhendo a pluralidade de opiniões inerente à democracia. E, se a cidadania se dá não somente pelo exercício do sufrágio, ou seja, o direito a votar e ser votado, mas pela efetiva participação do indivíduo na busca pelo atingimento dos objetivos da coletividade aqueles previstos no art. 3º da Constituição de 1988, inclusive nos processos decisórios, também o Direito vai nesse sentido, visando a solução pacífica dos conflitos. Ainda, para o exercício pleno da cidadania, é preciso conhecer-se os direitos, tanto individuais quanto coletivos, para que se possa ter um juízo crítico dos processos decisórios. Segundo Maritain (1968) a educação tem por finalidade guiar o homem no desenvolvimento dinâmico no curso do qual se constituirá como pessoa humana, dotada das armas do conhecimento, do poder de julgar e das virtudes morais, transmitindo-lhe ao mesmo tempo o patrimônio espiritual da nação e da civilização às quais pertence e conservando a herança secular das gerações. “O aspecto utilitário da educação, que quer tornar a criança apta a exercer mais tarde um ofício e ganhar sua vida, não deve ser menosprezado, pois, os filhos do homem não forma feitos para o ócio aristocrático” (MARITAIN, 1968, p. 37). Já para Aranha (2002) a Educação é um conceito genérico, mais amplo, que supõe o processo de desenvolvimento integral do homem, isto é, de sua capacidade física, intelectual e moral, visando não só a formação de habilidades, mas também do caráter e da personalidade social (ARANHA,

2002, p. 51). Dia após dia nota-se que a futura geração está mais presente nas decisões relevante para a sociedade, exemplo disse é o direito a votar estabelecido a partir dos 16 anos completos. Fica evidente que os jovens precisam urgentemente de conhecer o ramo do direito.

Uma pesquisa divulgada pelo Tribunal Superior Eleitoral, através do portal eletrônico do TSE no dia 29 de abril de 2014, mostra que o total de eleitores entre 16 e 17 anos sofreu redução de mais de 30% em relação ao eleitorado de 2010, última eleição na qual foram escolhidos deputados estaduais, distritais e federais; senadores, governadores, e presidente da República. Em 2010, havia 2,39 milhões de eleitores dessa faixa etária. Em 2014, são 1,63 milhão. Em 2010, o número de eleitores jovens que optaram por tirar o título já havia caído em relação a 2006. Em 2010 eram 900 mil os jovens com 16 anos aptos a votar e nesta eleição são 480 mil — 47% menos. Os jovens de 17 anos somavam 1,49 milhão de eleitores em 2010 e, para a eleição nesse ano, são 1,15 milhões inscritos — redução de 22%.

236

Fica evidente a importância para sociedade brasileira o pleno desenvolvimento da futura geração, atrás da disponibilidade do estudo da ciência jurídica na escola. Jovens participam ativamente dos sérios problemas da sociedade política e não prepara-los será um erro que a próxima geração vai colher.

Considerações finais

O mundo está passando por um processo de contínua reflexão acerca do papel das organizações educacionais, sejam públicas ou privadas, que

têm como objetivo primordial atender uma geração cada vez mais ativa e questionadora. A educação é o processo de conhecimento pelo qual todo ser humano deve passar para tornar-se completo. Diante da evolução constitucional no Brasil, passou a ser um direito social, caracterizado por atribuir prestações positivas ao Estado, sendo capaz de realizar uma verdadeira transformação social. Diante do que foi exposto fica provado a importância inquestionável da inserção do ensino jurídico na educação regular. O ensino jurídico proporciona o senso crítico, além do entendimento do princípio da isonomia, também conhecido como princípio da igualdade, representa o símbolo da democracia, pois indica um tratamento justo para os cidadãos estabelecido pela a Constituição. Neste sentido reafirmamos que a educação ganha um papel mais importante, onde pode proporcionar o questionamento necessário para o desenvolvimento humano. Cabe ao poder conferido ao Estado proporcionar medidas de inclusão de tais ferramentas jurídicas no ensino médio, através de pesquisas aprofundadas, reforma das diretrizes educacionais e qualificação dos professores.

237

No que diz respeito ao referente assunto, espera-se também que novos questionamentos sejam levantados e novas pesquisas sejam realizadas sobre o assunto. Por fim, o maior poder não está nas mãos dos políticos e sim nas mãos dos cidadãos que ao votarem escolhem o próprio futuro e dos seus filhos.

Referências

LENZA, P. **Direito constitucional esquematizado**. São Paulo: Saraiva, 2009.

SILVA, P. **Dicionário jurídico**. Rio de Janeiro: Editora Forense, 2008.

CANIVEZ, P. **Educar o cidadão?** Rio de Janeiro: Papyrus Editora, 1991.

MARITAIN, J. **Rumos da educação**. Rio de Janeiro: Agir, 1968.

SOUSA, E. F. **Direito à educação**: requisito para o desenvolvimento do país. São Paulo: Saraiva, 2010.

BRASIL. **Constituição Federal do Brasil**. Brasília: Senado, 1998.

A concepção epistemológica freireana no programa BB educar

Willian Costa Araujo¹
Elenciria Oliveira da Cruz²

Resumo: O trabalho de educar jovens e adultos ganhou novo foco após as contribuições do renomado educador Paulo Freire e sua práxis educacional. No Brasil, um dos movimentos baseado nessa prática, é o programa BB Educar. O objetivo deste artigo é tratar dos avanços trazidos pelo educador Paulo Freire na alfabetização de adultos e como suas ideias ainda permanecem vivas através do programa BB Educar da Fundação Banco do Brasil. A metodologia utilizada consistiu em uma pesquisa exploratória descritiva que utilizou como fonte de dados uma análise bibliográfica sobre a temática. O estudo realizado mostrou

.....
¹ Pós-graduando do Centro Universitário Adventista de São Paulo. Administrador. E-mail: willian.costaraujo@gmail.com.

² Atuação: Ensino Superior. Função: Professora. E-mail: elenciriaoliveira@yahoo.com.br.

que passados quase vinte anos de sua morte e cerca de cinquenta anos de suas principais teorias, seus princípios continuam a irradiar conhecimento e, principalmente, a mudar as vidas de homens e mulheres.

Palavras-chave: Alfabetização; BB Educar; Educação Libertadora; Paulo Freire.

Abstract: The work of educating young people and adults gained new focus after the contributions of renowned educator Paulo Freire and his educational praxis. In Brazil, one of the movements based on this practice, is the BB Educar program. The purpose of this article is to address the advances brought by the educator Paulo Freire in adult literacy and how their ideas are still living through the BB program Educating the Bank of Brazil Foundation. The methodology consisted of a descriptive exploratory research used as a data source a literature review on the subject. The study showed that after almost twenty years of his death and about fifty years of its main theories, principles continue to radiate knowledge and, above all, to change the lives of men and women.

240

Keywords: Literacy; BB Educate; Liberating Education; Paulo Freire.

Introdução

O mundo que se descortina para um trabalhador ou trabalhadora, ao aprender as suas primeiras palavras e ter sua iniciação no

mundo da leitura não pode ser mensurado por valor monetário ou expresso em palavras na exatidão de sua extensão. Possui valor inestimável para aqueles que por muitos anos de suas vidas tiveram esse direito constitucional cerceado³. Ocorre que, dado os problemas e disparidades regionais, econômicas e de outras sortes, proporcionais as dimensões continentais do nosso país, muitos brasileiros, cujo único pecado seria o de ter nascido mais desafortunados, ainda convivem com a escuridão pedagógica no campo da compreensão do “mundo das letras”, residente na ausência de saber ler e escrever.

Para o enfrentamento dessa condição sócio-político-cultural, um dos grandes brasileiros do século 20, Paulo Regus Neves Freire, ou, simplesmente, Paulo Freire, professor, pedagogo, sociólogo, historiador, entre tantos títulos, revolucionou o processo de ensino-aprendizagem, entre outros motivos, por trazer o educando para o centro do processo, tornando-o sujeito ativo, considerando sua experiência de vida elemento central para o seu entendimento do mundo que o cerca, permitindo-lhe dar os primeiros passos a uma consciência crítica e libertadora.

O presente trabalho objetiva discutir a contribuição dos pressupostos de Paulo Freire para a concepção do programa BB Educar, por meio de uma pesquisa exploratória descritiva que utiliza como fonte de dados uma pesquisa bibliográfica sobre a temática, analisando a influência dos princípios freireanos na alfabetização de adultos, refletidos na atuação do BB Educar.

.....
³ Assim estabelece o Art. 205 da Constituição Federal de 1988: a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Para exposição e entendimento do tema, será apresentado, a seguir, um breve relato da vida e obra de Paulo Freire, aprofundando a sua contribuição para a educação libertadora. Em seguida, tem-se a exposição do programa BB Educar: em que consiste, contexto de surgimento, público-alvo etc, finalizando com as considerações finais sobre o trabalho ora proposto.

Contextualização sobre a vida e obra de Paulo Freire

242

Paulo Freire (1921-1997), nascido em 19 de setembro de 1921, conheceu desde cedo, as dificuldades da vida. Com a quebra da bolsa de Nova Iorque em 1929, alguns negócios de seus familiares foram atingidos, culminando na necessidade de mudança da família de Recife para Jaboatão dos Guararapes.

Alguns anos depois, quando com 13 anos, seu pai veio a falecer, o que agravou a situação já difícil da família. Órfão de pai e caçula de 4 irmãos, passou por grandes privações, incluindo a fome. Só conseguiu terminar os seus estudos devido à concessão de bolsa de estudos no colégio Osvaldo Cruz, no Recife, através do esforço constante de sua mãe que via nele a vontade de estudar e de caminhar no mundo das letras (FREIRE, 2006).

Posteriormente, em 1947, forma-se na faculdade de direito do Recife, profissão que nunca chegou a defender de fato, pois, já em seu primeiro caso, declinou, para nunca mais voltar (VALE et al., 2006).

Após algumas experiências como professor em colégios do Recife, no fim da década de 40, iniciou seu trabalho no Sesi - PE, onde pode experimentar por anos a sua práxis pedagógica, fundamentando-a para os desafios que a vida lhe imporia anos mais tarde. Vivenciou de perto a realidade e as necessidades do trabalhador adulto sem alfabetização (VALE et al., 2006).

Sobre o analfabetismo, já com anos de experiência acumulados, escreveu: “nem é uma chaga, nem uma erva daninha a ser erradicada, nem tampouco uma enfermidade, mas uma das expressões concretas de uma realidade social injusta” (FREIRE, 1981, p.15).

Ainda em Pernambuco, tornou-se doutor e livre docente, catedrático interino de História e Filosofia da Educação, atuando, entre outras, na Escola de Serviço Social e na Universidade do Recife, atual, Universidade Federal de Pernambuco. Sua paixão pela educação tornava-se cada vez mais latente (FREIRE, 2006).

Com o sucesso do seu trabalho, foi levado a capital federal em 1963, para conduzir uma campanha nacional de alfabetização, instituída oficialmente em 21 de janeiro de 1964, por meio do decreto n. 53.465, batizada de Programa Nacional de Alfabetização (PNA). Na verdade, pouco pode ser feito, tendo em vista, a instauração do golpe militar em 1º de abril daquele mesmo ano. Freire, considerado a partir de então, subversivo e “*persona non grata*” pelo regime militar, busca exílio fora do país (FREIRE, 2006).

Apenas em 1980, 16 anos, portanto, após seu exílio, Paulo pode voltar em definitivo para o Brasil. Nesse ínterim, suas ideias foram ouvidas e colocadas em prática em vários países por onde

passou: Chile, Estados Unidos, Suíça, Guiné, Quênia, entre outros (VALE et al., 2006).

Voltando ao Brasil, lecionou na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Universidade de São Paulo (USP) e na Universidade de Campinas (Unicamp). Militou ainda no campo da política, onde participou da fundação do Partido dos trabalhadores (PT) e trabalhou como secretário de educação da cidade de São Paulo no governo de Luiza Erundina, vindo a falecer aos 75 anos, em maio de 1997 (FREIRE, 2006).

A educação libertadora na ótica freireana

244

Ao longo do desenvolvimento de sua práxis pedagógica, Freire foi adquirindo sua percepção de que a educação que empodera o homem de sua consciência crítica permitiria a transformação sobre a realidade que o circunda. Tal educação, investindo no processo participativo, dialógico, colaborativo, desvenda aos olhos e mentes dos homens e mulheres em processo de alfabetização, seus contextos e suas responsabilidades sociais e políticas.

Dessa forma, ele prossegue num contínuo distanciamento, da educação alienante, dita neutra e universalizante, simples ato mecânico de reconhecer letras, palavras e frases, imposta pelas elites dominantes à época, buscando uma educação, segundo Freire, A. M. A. (2006, p. 125), “revolucionária, libertadora e questionadora, essencialmente radicada no cotidiano político-existencial dos alfabetizados e alfabetizadas”.

Constata, com o passar do tempo, que educar é um ato político, onde reside manifestada, a luta de classes em uma de suas facetas mais cruéis: a centralização do saber, e, portanto, do poder, nas mãos de alguns, opressores, satisfeitos com o *status quo* em que vivem, enquanto os oprimidos, relegados a segundo plano, ignorantes e ausentes de usufruir dos direitos e deveres cívicos mais básicos, sobrevivem dos “favores” daqueles primeiros. Afirmou certa vez que “sua divisa predileta era a unidade contra a opressão” (VALE et al., 2006, p. 63).

Nesse diapasão, Glass (2013, p. 847) em sua análise sobre a educação libertadora de Freire conclui:

A consciência crítica, transformadora [...] que emerge da educação como uma prática de liberdade, permite que incorporem nossas verdades mais profundas, nossa ética mais substancial e nossa política mais comprometida. Paulo Freire viveu sua vida no espaço desta consciência.

245

O Programa BB Educar⁴

O BB Educar é o programa de alfabetização de jovens e adultos da Fundação Banco do Brasil. Consiste na formação de alfabetizadores, que assumem o compromisso de constituir núcleos de alfabetização nas comunidades em que atuam.

⁴ Texto extraído, da apostila “Roteiro do Educador”, integrante do material disponibilizado no Curso de Formação de Alfabetizadores (CFA) para o BB Educar.

O programa, nasce oficialmente em 1992, no Banco do Brasil⁵, a partir de uma experiência bem sucedida de escolarização de colaboradores do quadro auxiliar (carpinteiros, eletricitas, pintores, copeiras, entre outros) utilizada como piloto no ano anterior (BARBIERI, 1995).

Seu objetivo geral é contribuir para a superação do analfabetismo no país, por meio de atividades educacionais voltadas para a alfabetização e a promoção da cidadania entre jovens e adultos não-alfabetizados, a partir de 15 anos, sem limite máximo de idade.

Como objetivos específicos constam: i) atender a convênios para a realização de núcleos de alfabetização; ii) capacitar os coordenadores e os educadores sociais na metodologia didático-pedagógica do programa; iii) incentivar a inserção dos participantes em programas educacionais, tais como: programas de ensino formal, educação de jovens e adultos (EJA), técnicos e profissionalizantes; e, iv) articular, com o poder público local, ações para a concessão/atualização de documentos de identificação para os participantes alfabetizados.

246

O programa, em sua concepção inicial, foi pensado para ser implementado nas comunidades, a partir da formalização de convênios de cooperação mútua entre as partes interessadas, por meio dos quais se projeta o número de alfabetizadores que serão capacitados no Curso de Formação de Alfabetizadores (CFA) e o número de alfabetizados que devem ser atendidos.

Entre seus indicadores constam: a porcentagem de atendidos pelo programa em relação à meta traçada inicialmente, o número de

.....
⁵ A partir do ano de 2000, a gestão do BB Educar passou a ser de responsabilidade da Fundação Banco do Brasil.

CFAs realizados, a quantidade de alfabetizadores e coordenadores pedagógicos capacitados, a porcentagem de alfabetizados que ingressaram em outros programas educacionais, tais como: programas de ensino formal, educação de jovens e adultos (EJA), técnicos e profissionalizantes, e, ainda, a porcentagem de alfabetizados atendidos com a emissão da carteira de identidade com a própria assinatura.

A metodologia do BB Educar é concebida com base nos princípios de uma educação libertadora e na prática da leitura do mundo, considerando-se a realidade do alfabetizando como ponto de partida do processo educativo. Identifica-se com:

- ◆ Os princípios filosóficos e políticos de educação, concebidos por Paulo Freire;
- ◆ Os estudos psicolinguísticos de Emília Ferreiro;
- ◆ A realidade histórica, política, sócio-econômica e cultural do alfabetizando, considerados por Lev Vygotsky.

247

Assim, assume um enfoque pedagógico sócio-histórico-cultural sobre o processo de ensino-aprendizagem da leitura e da escrita. É histórico, pois o sujeito e o conhecimento são instâncias inacabadas, em construção; é também social, porque a aprendizagem e o desenvolvimento são sempre mediados pelo outro e pelo grupo social, uma vez que indivíduo e sociedade são instâncias interdependentes, uma não existe sem a outra.

Por fim, também é cultural, uma vez que o ensinar e o aprender influenciam e são influenciados por um conjunto de práticas, ações,

instituições e ordens simbólicas por meio dos quais os homens se relacionam entre si e com a natureza.

Considerações finais

O Método “Paulo Freire” de alfabetizar viajou o mundo para ensinar, sem distinção de raça, cor, religião etc., que todo indivíduo tinha direito de vez e voz. Não um mero repetidor de frases e palavras com pouco ou nenhum sentido para o contexto onde vive, mas, livre, tal qual seus pensamentos, ter a capacidade de descrever o seu mundo em palavras, tendo, a partir de então, a mínima condição, enquanto cidadão, de biografar o mundo com sua digital.

248

Um alfabetizador deve ser um mediador entre o mundo das letras e o universo do homem em busca do saber. Ele deve proporcionar a esse último, experimentar esse processo, como o faminto saboreia o pão ou como o sedento a água que devolve o vigor à vida. Nesse sentido, como exposto, o programa BB Educar corrobora desde 1992 para uma alfabetização conscientizadora baseados nos princípios freireanos, colaborando com a redução do analfabetismo do país, tendo atendido há mais de 360 mil alunos, desde seu início.

Deve ficar claro, entretanto, que o trabalho não pretende esgotar o assunto em questão. A visão de outros pensadores como os já citados, Vygotsky e Emilia Fereiro, ou, ainda, Piaget, Madalena Weffort, Magda Soares, entre outros, devem ser estudados e suas contribuições, sobretudo nos processos sócio e psicolinguísticos, utilizadas para o

aprimoramento do programa BB Educar. De outro modo, não se deseja indicar que as premissas freireanas estejam obsoletas. Antes, contudo, assim como a própria natureza de Freire, trata-se de um construto de forças e de conhecimento com o mesmo objetivo: a liberdade do homem por meio de uma educação que capacita, motiva e transforma.

Referências

BARBIERI, R. **BB-Educar**: programa de alfabetização de jovens e adultos - ler, escrever, libertar. Disponível em: <<http://bit.ly/2rUf1qb>>. Acesso em: 18 out. 2016.

BRASIL. Constituição. **Constituição da República Federativa do Brasil**, 1988. Disponível em: <<http://bit.ly/2rCpsSg>>. Acesso em: 28 out. 2016.

FREIRE, A. M. A. **Paulo Freire**: uma história de vida. Indaiatuba: Villa das Letras, 2006.

FREIRE, P. **Ação cultural para a liberdade**. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

VALE, M. J.; JORGE, S. M. G.; BENEDETTI, S. **Paulo Freire, educar para transformar**: almanaque histórico. São Paulo: Mercado Cultural, 2005.

GLASS, R. D. Revisitando os fundamentos da educação para a libertação: o legado de Paulo Freire. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 38, n. 3, p. 831-851, set. 2013. Disponível em: <<http://bit.ly/2rCWSji>>. Acesso em: 26 out. 2016.

A necessidade de um conhecimento didático na docência universitária

Yasser Uris Vasconcelos e Paiva¹

Francemir José Lopes²

Resumo: O presente estudo expõe sobre a questão emblemática que encerra o docente universitário na atualidade. Trata-se de um perfil de profissional que possui conhecimentos de diversas áreas, sejam elas de cunho prático ou didático, no entanto, de maneira não entrelaçada, cria barreiras para oportunizar a formação de conhecimento. Com base nessa premissa, o presente estudo tem como objetivo apresentar a importância desses conhecimentos andarem lado a lado nas salas de aulas nas universidades, para assim, se ter uma aprendizagem significativa, que ultrapasse a mera transmissão de conhecimento. Para a realização desse estudo foi feita uma pesquisa de cunho

.....

¹ Pós-graduando do Centro Universitário Adventista de São Paulo. E-mail: yasseruris@hotmail.com.

² Doutor em Ciência dos Alimentos pela Universidade Federal de Lavras. E-mail: francemirlopes@yahoo.com.br

bibliográfico, focando renomados teóricos da área e sintetizando suas principais ideias. Sendo assim, esse estudo traz importantes contribuições para todos os educadores que buscam aperfeiçoar sua prática docente.

Palavras-chave: Docente universitário; Conhecimento; Sala de aula.

Abstract: The present study is to show that the university teacher is someone who has knowledge of different areas, whether practical or didactic, however, is observed in the literature that such knowledge must be intertwined, because you cannot just have practical knowledge without teaching to create opportunities knowledge. Based on this premise, this study aims to present the importance of this knowledge to walk side by side in classrooms in universities, thus, have a significant learning that goes beyond the mere transmission of knowledge. To perform this study, a bibliographic nature of research has been done, focusing on theoretical renowned area, and summarizing its main points, therefore, this study has important contributions to all educators seeking to improve every day more their practice within the rooms class.

252

Keywords: University lecturer; Knowledge; Classroom.

Introdução

O presente estudo traz uma discussão que vem chamando a atenção de diversos estudiosos ligados ao ensino superior. Trata-se

de analisar a luz da didática, conhecimentos científicos adquiridos em cursos de graduação, mais especificadamente em bacharéis sem um preparo pedagógico, para que essas pessoas possam futuramente oportunizar tais conhecimentos a outras pessoas. O que se problematiza nesse trabalho é o fato de tais profissionais saírem dos bancos universitários com muito conhecimento de sua área, mas, sem saber de fato como voltar esses conhecimentos a outras pessoas como professor por meio recurso da didática docente, habilidade tão exigida e necessária no contexto das salas de aulas.

No mundo contemporâneo profissionais de todas as áreas vem atuando no campo educacional como docente, o que é muitas vezes um desafio para esses profissionais que apesar do conhecimento técnico em sua profissão, não tiveram nenhuma prática em lecionar ao longo da carreira, e muitas vezes também não possuem nenhum conhecimento didático.

Nesse sentido, ser um bom profissional na área de atuação, ter conhecimentos técnicos e experiências de trabalho seria uma vantagem para transmitir para outros estes saberes, mas torna-se uma incógnita transmitir estes saberes sem nenhum conhecimento didático, e oportunizar um conhecimento crítico/reflexivo.

Por outro lado, também, o trabalho vem mostrar que não seria suficiente apenas o conhecimento didático, são imprescindíveis as competências/ habilidades. Tais competências e habilidades devem estar ligadas a forma crítica de pensar, e assim, também oportunizar essa criticidade a seus educandos. Outra muito importante é o trabalho em equipe, em que a interação torna-se fundamental. Sendo assim, este conjunto de

formações técnicas somado a aptidões docentes representa o perfil mais próximo do ideal do docente universitário contemporâneo.

Mediante a tal prerrogativa, o objetivo dessa pesquisa é apresentar as diversas facetas do docente universitário no mundo contemporâneo onde se encontra profissionais de diversas áreas atuando na prática do ensinar nos bancos universitários, em busca de entender as diferentes facetas do docente universitário, desmistificando a ideia de que ter conhecimento prático e técnico em sua profissão sejam suficientes para ser um bom professor. Espera-se que tal estudo seja um subsídio para novas pesquisas que incentivem aos novos docentes universitários a se aperfeiçoarem didaticamente, mas também os experientes, tendo em vista que a construção do saber nunca se encerra.

Em termos metodológicos, usou-se uma pesquisa bibliográfica, que segundo Cervo (2011) “é uma modalidade de um dos tipos de pesquisa, procura explicar um problema a partir de referências teóricas publicadas em documentos”. A principal vantagem desse tipo de pesquisa reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente (GIL, 2012). Realizou-se um levantamento bibliográfico com consulta a periódicos disponíveis nas bases científicas SCIELOBrasil, Google acadêmico e periódicos capes publicados no período de 2010 a 2016 em português.

Os seguintes descritores foram utilizados nesta busca: professor universitário e docência universitária. Foi realizada uma leitura minuciosa dos artigos a fim de não serem perdidos aspectos importantes para o enriquecimento do estudo e confecção da redação da pesquisa final. Através de

leitura exploratória, para organizar as informações, foi realizado fichamentos, para então ser feita a análise dos dados. Sendo assim, o presente artigo vem mostrar que a função do docente universitário não pode se limitar apenas no oferecimento do ensino a docência universitária, mais que ensinar os conhecimentos de uma ciência, deveria ter por missão ensinar a pensar uma determinada ciência e a pensar cientificamente seus conhecimentos. Em outras palavras, o papel do docente universitário deveria ser o de ajudar o aluno a pensar e a colocar esses conhecimentos em prática.

Conhecimentos importantes na prática docente no ensino superior

Como a educação é um processo, em eterna discussão, o educador ao ingressar como docente de nível superior ele deve estar aberto a mudanças no modo de agir e ter presente a necessidade de democratizar o ensino, sempre buscando se aperfeiçoar. Isso está bem ligado aos professores de ensino superior que possuem apenas formação em bacharel sem nenhum conhecimento didático do assunto. Mediante a isso, observa-se que eles, mesmo com grande conhecimento do assunto, o qual vai ministrar as aulas, precisa adequar-se didaticamente o seu modo de ensinar, pois a didática ainda continua sendo a melhor arma para criar e proporcionar estratégias de ensino (BOSSA, 2014).

Para Comenius (2014, p. 233) alguns pontos de referência são importantes no papel do professor (formação bacharel) em sua prática pedagógica nos bancos universitários:

- ◆ -A valorização do cotidiano do aluno;

- ◆ A construção de uma práxis educativa que estimula a sua consciência crítica tornando-se o sujeito de sua própria história;

- ◆ O diálogo amoroso entre professor e aluno;

- ◆ O professor como mediador entre o aluno e o conhecimento;

- ◆ O ensino dos conteúdos desvelando a realidade;

- ◆ A criatividade do professor em dar suas aulas;

- ◆ A necessidade da formação continuada de professores, como consequência dos desafios impostos pela área tecnológica, pois o aluno deve ser capaz de buscar informações em diferentes mídias e transformá-la em conhecimento.

256

Sendo assim, infere-se nas ideias do autor acima que o envolvimento dos professores universitários (um grupo unido e participativo é mais confiante diante dos seus saberes, dos seus desafios profissionais, e não hesita diante das adversidades), visando à tomada de decisões e o desenvolvimento das lideranças no ensino, seja na elaboração do projeto educativo, sejam na elaboração dos planos de curso, seja nos debates sobre temáticas de interesse para a coletividade do contexto universitário, pois o confronto positivo de ideias enriquece o trabalho tanto prático como pedagógico.

Sendo assim, Vendramini (2013) afirma que o educador de nível universitário é alguém que deve olhar seus alunos como pessoas com necessidades, dificuldades, fraquezas e pontos fortes, procurando, com esta postura, contribuir para seu crescimento nos diferentes aspectos. O educador universitário, assim, é alguém que deixa sua marca na educação de seus alunos, tanto prático, quanto didático.

Nesse sentido, Peres (2008) aponta que com as constantes mudanças no mundo globalizado, o educador que não possui uma didática em seus estudos, deve estar disposto a buscá-la, pois as mesmas surgem na educação e como educação é um processo em eterna discussão cabe ao educador estar atento e propiciar novos métodos e técnicas que possam sanar os déficits deixados na mesma. Daí surge à necessidade de agir e ter presente a necessidade de democratizar o processo ensino/aprendizagem, em busca de aprimoramento tanto profissional quanto pessoal, ou seja, o prático não pode estar desvinculado do didático.

Para isso, Libâneo (2010) destaca que é relevante apontar alguns pontos referenciais de suma importância no papel do professor universitário em sua prática pedagógica. Dentre os quais se destacam o ensino de pressupostos teóricos a fim de que o discente seja capaz de se apoiar, através de análises crítico-construtivas em busca de um conhecimento, ou seja, através dos pressupostos teóricos o professor criará sua prática educativa didaticamente falando que estimulará no aluno a sua consciência crítica tornando-se o sujeito de sua própria história, através de suas análises o aluno poderá criticar e opinar seus pontos de vista. O professor nesse processo deve ser o mediador entre o aluno, o pressuposto teórico de ensino e o conhecimento que ele adquirirá.

Nesse sentido Libâneo (2010, p. 144) aponta que:

As contribuições da didática para os profissionais de educação constituem-se em eliminar a dicotomia que há entre a teoria e a prática. E para eliminar tal separação a didática se converte numa base teórico-prática que permite aos profissionais da educação sustentar uma compreensão mais substancial dos princípios, condições e meios de direção e organização do ensino pelos quais se asseguram a mediação docente de objetivos, conteúdos, métodos, em vista da efetivação da assimilação consciente de conhecimentos.

Para que esse processo seja de inteiro sucesso o professor universitário deve valorizar o cotidiano, pois só através da valorização do ser humano que ele poderá contribuir para a formação de pessoas que visam o bem comum.

258

Para a criatividade do professor em ministrar tais aulas surge a necessidade da formação continuada de professores, como consequência dos desafios impostos pela área tecnológica, pois o aluno deve ser capaz de buscar informações em diferentes mídias e transformá-la em conhecimento.

Na visão de Cunha (2013) o objetivo fundamental do educador universitário é realizar a educação adequada às condições concretas da sociedade, todo um esforço deve ser empreendido para que o espírito de cooperação possa permear a educação educativa. A escola deve permitir ser atravessada pelo desejo de participação de toda a sociedade, empenhando-se na consciência de que a atividade educacional antes de ser, simplesmente, missão de saber, é uma atividade social e política.

Com base nessa prerrogativa Comenius (2014) em seus estudos aponta que a educação do século 21 neste estudo que enfoca a didática, vêm fornecer, de algum modo, os mapas de um mundo complexo e constantemente agitado e, ao mesmo tempo, é a bússola que permite navegar através dele. Desta maneira, ao se tratar da educação é indispensável referenciar que a vida é um longo e contínuo processo educativo, co-extensivo que amplia às dimensões da sociedade, uma vez que o ser humano elabora seu pensamento, suas práticas profissionais pedagógicas mediante a compreensão de sua realidade.

Neste contexto, surge a necessidade permanente de desenvolvimento de capacidades e competências dos professores de formação em nível de bacharel para enfrentar as transformações diárias do mundo contemporâneo alterando-se a concepção tradicional da Educação, pois não basta ensinar a ler e escrever, mas sim qualificar o processo educativo potencializado e adquirido pelos educadores: para a transformação do contexto educacional. Daí o grande papel que a didática possui nesse processo.

Nesse sentido a didática na educação superior surge a partir de uma proposta inovadora e comprometida com os sujeitos que a ela pertencer que deve em seu escopo ser permeada por ações educativas capazes de possibilitar o conhecimento entre os pares educadores x educandos de forma leve, profunda, analítica e, principalmente utilitária àqueles que recorrem ao ambiente escolar em busca do conhecimento não só apregoado pela instituição, mas também necessário a sua atuação profissional e, principalmente pessoal.

Para isso, é necessário compreender os vários domínios do pensamento pedagógico e dos conteúdos disciplinares específicos

e respectivas metodologias para atuação ético-profissional, implicando responsabilidade social para a construção de uma sociedade incluyente, justa e solidária.

A didática no ensino superior baseia-se então em: pressupostos filosóficos e históricos e suas manifestações na prática pedagógica, dimensionamento os conceitos de educação e instrução, das condições e das perspectivas de desenvolvimento do indivíduo no seu contexto socioeconômico e político-cultural. A relação professor-aluno mediada pelos levantamentos das análises dos problemas de ensino e através de propostas de solução de problemas, compreende o objeto de estudo da didática, centrada no desenvolvimento da competência técnica e política do educador e do educando, construindo assim, o processo de ensino e aprendizagem.

260

Compreende-se que é preciso promover a reflexão crítica entre teoria e prática psicopedagógica, considerando seu conteúdo e seu significado, como algo produzido socialmente e historicamente nos ambientes universitários, especialmente entre docentes universitários. Ademais é necessário reconhecer a importância da instrumentalização do futuro educador para desenvolver as atividades de planejamento, execução e avaliação do processo ensino-aprendizagem, de forma a alcançar a percepção dos resultados de suas ações, mantendo-se um constante aprimoramento das mesmas. Dessa forma, o foco no objeto de estudo da didática. Ao considerar a sistematização do conhecimento e seus influxos, reflete no desenvolvimento da competência técnica e política do educador.

Neste contexto, a reflexão e modificação sobre as formas de comunicação, os aspectos afetivos emocionais e a dinâmica das

manifestações do relacionamento professor-aluno no âmbito educacional, a compreensão dos vários domínios do pensamento pedagógico e dos conteúdos disciplinares específicos e respectivas metodologias para atuação ético-profissional, implica em responsabilidade social para a construção do conhecimento, logo, de uma sociedade incluyente, justa e solidária.

Fazenda (2012, p.123) aponta que:

A didática tem como objeto de estudo o processo de aprendizagem na sua globalidade. Sendo assim, está inteiramente ligada à teoria da educação, às teorias da organização escolar, às teorias do conhecimento e à psicologia da educação. Esse suporte teórico é a base da prática educativa. Neste sentido, a didática torna-se o principal ramo de estudos da pedagogia, pois é necessário dominar bem todas as teorias para que haja uma boa prática educativa. Assim, o educador dispõe de recursos teóricos para organizar e articular o processo de ensino e aprendizagem.

261

Nota-se que a problemática maior dos profissionais de bacharel que ministram aulas em nível superior e que permeia a educação em torno da didática consiste na dificuldade de mediar conhecimento prático e teórico, na medida em que muitos educadores apresentam uma concepção fragmentada e ambígua desta interação, chegando ao ponto de dissociá-las. Essa separação entre teoria e prática impossibilita os profissionais da educação de articular a teoria em proveito da prática, pois uma subsidia a outra. Como resultado dessa separação, a prática educativa tende a reduzir-se ao extremo do praticismo. Nesse sentido, a didática visa a contribuir para a superação

dessa dificuldade, proporcionando ao profissional da educação embasamento teórico-prático.

Esse debate traz desdobramentos que afetam os papéis tradicionais das universidades no processo de formação de seus discentes e de produção de conhecimentos educacionais, bem como sua teoria. A prática de ensino, por ser uma teórico/prática, talvez a única com essa característica em se tratando na formação de pessoas, hoje, desenvolve-se a partir de vivências pedagógicas no interior da sala de aula nos bancos universitários teorizando-a. Em seu desenvolvimento o contato com o espaço educativo da sala de aula é imprescindível, pois é dessa realidade que as propostas de ensino devem emergir.

No entanto, é notável que a abordagem teórica é imprescindível na formação de um discente crítico, pois se constitui num dos elementos básicos para a análise qualitativa da realidade favorecendo a superação de uma concepção fundada no senso-comum, passando a uma consciência filosófico-científica da prática pedagógica

Fazenda (2012, p. 69) também afirma:

essa dimensão teórica precisa estar vinculada ao contexto educacional. A investigação da prática educativa, a luz do referencial teórico, constitui-se, hoje, num importante elemento articulador de um projeto coletivo de formação do educador e produção de conhecimento em educação.

O professor universitário, em seu papel social, tem como responsabilidade planejar, organizar, dirigir, orientar e controlar o processo pedagógico. Isso significa, acima de tudo, criar situações de

aprendizagem que vão desde o sensibilizar para o significativo, o importante, o novo, até chegar ao desafio, ao despertar o desejo pelo aprender. Para isso, não é suficiente se ater apenas aos aspectos temático-metodológicos do processo ensino-aprendizagem, mas também aos aspectos dinâmicos, dentre os quais estão aqueles que julgam o importante papel da comunicação e o sistema de inter-relações que se estabelece entre professores e alunos, alunos e alunos.

De acordo com Comênio (2014, p. 34):

são hábeis para ensinar mesmo aqueles a quem a natureza não dotou de muita habilidade para ensinar, pois a missão de cada um é tanto tirar da própria mente o que deve ensinar, como sobretudo comunicar e infundir na juventude uma erudição já preparada e com instrumentos também já preparados, colocados nas suas mãos. Com efeito, assim como qualquer organismo executa qualquer sinfonia, olhando para a partitura a qual talvez ele não fosse capaz de compor nem executar de cor com a voz ou com o órgão, assim também por que é que não há o professor de ensinar na escola todas as coisas, se tudo aquilo que deverá ensinar e, bem assim, os modos como o há de ensinar o tem escrito como que em partituras?

263

Com base no contexto apresentado na citação acima, pode-se inferir que para se ensinar bem, o professor precisa ter tanto o conhecimento prático, quanto o didático, pois os dois andam entrelaçados formando um ritmo só, sendo assim, pode-se inferir que tanto um como o outro são fundamentais para um professor de nível universitário.

Considerações finais

Ao término desse estudo, pode-se perceber que os conhecimentos práticos e didáticos são fundamentais para um professor de nível universitário. Sendo assim, sua formação profissional para o magistério requer, assim, uma sólida formação teórico-prática.

Muitas pessoas acreditam que o desempenho satisfatório do professor na sala de aula depende de vocação natural ou somente da experiência prática, descartando-se a teoria. É verdade que muitos professores manifestam especial tendência e gosto pela profissão, assim como se sabe que mais tempo de experiência ajuda no desempenho profissional. Entretanto, o domínio das bases teórico-científicas e técnicas, e sua articulação com as exigências concretas do ensino, permitem maior segurança profissional, de modo que o docente ganhe base para pensar sua prática e aprimore sempre mais a qualidade do seu trabalho.

Nesse sentido, finaliza-se esse estudo mostrando que se um professor com formação em bacharel almejar ser um bom professor no campo universitário ele também precisa ter um domínio didático, para assim, poder atingir o principal objetivo da educação que é formar seres autônomos capazes de interagir com o grande universo da sociedade de forma geral.

Referências

BOSSA, S. P. Fundamentos da psicopedagogia. In: **A psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática**. Porto Alegre, Artes médicas sul, 2014.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. **O conhecimento científico**. 2011.

COMENIUS, J. A. **Didática magna**. São Paulo: Martins Fontes. 2014.

CUNHA, S. P. Psicopedagogia - O que é? **Jornal da psicopedagogia**, seção Goiás. mar-abr, 2013.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2012.

FAZENDA, I. C. A. **Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa**. Campinas: Papirus, 2012.

LIBÂNEO, J. C. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** São Paulo: Cortez, 2010.

PERES, M. R. Psicopedagogia: aspectos históricos e desafios atuais. **Revista de Educação**, PUC Campinas, v. 3, n. 5, p.41-45, nov. 2008.

VENDRAMINI, L. C. **Guia para apresentação de trabalhos acadêmicos**. Trindade: Gráfica Carvalho, 2013.

265



Conheça nossa loja virtual
<http://unaspstore.com.br>